

Viagens
Uma volta aos Balcãs de bicicleta pela grande rota Trans Dinarica
Fugas



Valpaços
Em 2025, vai nascer uma "aldeia" para doentes com Alzheimer
Local, 18/19

KEVIN LAMARQUE/REUTERS

Público

Convenção democrata
Kamala Harris, a anti-Trump. "Não vou entender-me com tiranos e ditadores"
Mundo, 20/21 e Editorial

Trabalhadores a descontar para a Segurança Social atingem recorde

O número de trabalhadores declarados e a descontar para a Segurança Social atingiu nos meses de Maio e Junho os valores mais altos dos últimos 14 anos, ultrapassando 4,6 milhões de pessoas. Os dados são do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social e dizem respeito tanto aos trabalhadores por conta de outrem, como aos trabalhadores independentes. Este número correspondeu também a um valor máximo das remunerações declaradas pelas entidades empregadoras Economia, 25

Madeira
Em dois dias, cada Canadair realizou 13 descargas
Destaque, 4 a 6

Subsídio
Há onze governantes a receber apoio de alojamento
Política, 12

Inquérito
"Fico nervosa quando vou pisar um palco"
Cláudia Vieira responde ao nosso questionário pós-proustiano P2 Verão, 45

INE e Marktest
Em 2023, mais de 1,8 milhões de portugueses foram a museus
Cultura, 30/31

ISNN-0872-1556

Página dois

SEMANA SIM



Luís Montenegro Dinheiro extra para pensionistas, subsídios de deslocação para professores, aumentos para polícias. O primeiro-ministro e líder do PSD está apostado em abrir os cordões à bolsa.



Helena Sousa A nova presidente da ERC mostrou que quer fazer diferente: em vez de estar apenas preocupada com sanções, apresentou várias propostas para melhorar a sustentabilidade económica do sector.



Kamala Harris Conforto e embalo não lhe faltaram esta semana. A candidata democrata à Casa Branca teve ao seu lado na convenção o casal Obama, Joe Biden, o casal Clinton e a mediática Oprah Winfrey.

SEMANA NÃO



Miguel Albuquerque O presidente do Governo Regional da Madeira tem reagido com arrogância e insensibilidade perante o fogo que deflagrou há uma semana na ilha da Madeira e que ameaça a sua floresta.



André Ventura A proposta de um referendo sobre controlo da imigração, feita pelo partido Chega, é absurda e perigosa e pode exacerbar preconceitos e discriminações na sociedade portuguesa.



Paulo Núncio O CDS ficou furioso com o Governo por este ter admitido preparar a regulamentação da eutanásia, cuja lei foi aprovada em Maio de 2023, ainda no tempo do executivo de António Costa.

Por Helena Pereira

INQUÉRITO PÚBLICO


RUI GAUDÊNCIO

"Vai haver muito aluno sem aulas, longos períodos, em algumas disciplinas"

Joana Mesquita

Isabel Flores Para a investigadora, as medidas do Governo "são sinal positivo", mas impacto deve ser "nulo ou marginal"

Subsídio para professores deslocados é "frágil", defende Isabel Flores, investigadora em educação e directora executiva do Instituto para as Políticas Públicas e Sociais – Iscte. Em causa está o subsídio, anunciado na quinta-feira pelo Governo, atribuído a docentes que leccionem a mais de 70 quilómetros da sua residência e cujo valor oscila entre 75 e 300 euros, variável consoante a distância.

A medida, tal como o concurso extraordinário de vinculação, anunciado no mesmo dia, abrange apenas as 169 escolas – todas em Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Algarve – com maiores carências de professores. O objectivo é contrariar a situação de "alunos sem aulas nuns sítios e professores sem alunos noutros", apontou o ministro da Presidência, António Leitão Amaro. Para a investigadora, as iniciativas não têm "capacidade de resolução de coisa nenhuma" e "vai haver muito aluno que não vai ter aulas, durante longos períodos, em algumas disciplinas".

As medidas do Governo resolvem, ou atenuam, o problema da falta de professores no Sul?

É muito bom o Governo tomar medidas para este tema, mas o impacto para a solução do problema, que é extraordinariamente complexo e precisa de medidas estruturantes, é, possivelmente, nulo ou marginal. É muito bom que haja um concurso, que fixe as pessoas e que lhes dê carreiras, mas as escolas que no concurso anterior ficaram vazias, possivelmente, não têm candidatos e assim se vão manter num concurso extraordinário.

A questão do pagamento de deslocação é frágil. O preço pago por uma casa não está indexado à distância face à sua casa original. [O subsídio] está mal feito, mais do que aos quilómetros, tem que estar indexado ao local. Tem que se pensar em dar um apoio de deslocação às pessoas que lhes permita viver: 75 euros não alteram em nada a capacidade de se arrendar uma casa. São sinais positivos, mas não creio que tenham capacidade de resolução de coisa nenhuma.

As medidas – por serem só para escolas com maior carência de professores – criam desigualdades?

Desigualdades vamos estar sempre a criar. Os problemas são diferentes, têm que ser resolvidos com medidas diferentes. Não me choca que escolas em que estamos com dificuldades em recrutar tenham condições especiais, que estão abertas a todos, para recrutar. Os que se sentem injustiçados e querem ir para lá podem concorrer e ir.

Mas há professores a mais de 70 quilómetros das escolas que não vão receber subsídio.

Com certeza. Todos os professores deslocados deveriam receber um subsídio indexado ao sítio onde estão colocados, digno e igual para todos. Incluindo os professores que são contratados para substituir colegas de baixa ou ausentes. Se queremos ter pessoas a trabalhar nos sítios em que precisamos delas, temos que garantir que as pessoas podem viver e que podem ter uma vida digna. Uma política de emergência, que é "falta-nos um número de pessoas em certas escolas e portanto vamos dar um subsídio para as atrair", não vai funcionar. Ninguém vai concorrer a uma escola porque lhe dão 75 euros.

Como é que o problema se pode resolver?

É um problema de desequilíbrio entre procura e oferta, que se prende com um aumento da necessidade de professores, apesar de o número de alunos ter vindo a baixar. Cada vez empregamos mais professores por aluno, devido ao alargamento da escolaridade, ao alargamento aos técnico-profissionais e ao aumento das horas que os alunos passam na escola. Aumentou muito a necessidade de professores e, durante muitos anos, travou-se a formação. Além disso, temos uma população de professores 'entradota', com maior probabilidade de ficar doente e de baixa.

A necessidade de professores substitutos também aumenta. Tem que se fazer coisas muito pouco populares: aumentar turmas e reduzir o número de horas em que os alunos estão na escola com um professor. Vamos ter que precisar de menos pessoas do que aquelas de que precisamos neste momento. Por outro lado, tem que se diversificar a formação de professores e têm que ser criadas medidas realmente atractivas, que melhorem a imagem da profissão, para que ser professor se torne uma coisa mais compensatória, não só financeiramente, mas também do ponto de vista da carreira, da importância de ser professor.

Como é que prevê o início do novo ano lectivo?

A falta de professores vai-se manter e agravar um bocadinho face ao ano passado. Este ano, temos mais professores que não foram colocados no início do ano e vamos ter uma crescente dificuldade na substituição de professores doentes. As substituições da bacia do Tejo para baixo são impossíveis porque não há professores, as reservas de professores secam em Setembro e não há docentes para o resto do ano. Vai haver muito aluno que não vai ter aulas, durante longos períodos, em algumas disciplinas.

Ao serviço do povo. Ou do público

Grande angular



António Barreto

Antigamente, dizia-se, com orgulho, que a política devia ser feita "ao serviço do povo". Era sobretudo a esquerda que assim se exprimia, mas também por vezes a direita. Com o tempo e as modas, "serviço público" foi ganhando o favor dos políticos. "Povo" era mais trabalhador, mais combativo... A merecer atenção. "Público" ficou a ser mais neutro, mais interclassista, mais "toda a gente"... Mais consumidor e eleitor. O "interesse público" ou o "serviço público" são expressões mais pacíficas e menos reivindicativas. Quase todos os partidos rectificaram a sua linguagem e substituíram "povo" por "público". Nos extremos, à esquerda e à direita, ainda se prefere "povo", mais popular ou mais populista.

Assim é que "fazer política" é servir o povo ou servir o público. Em doses variáveis, também pode ser servir os seus amigos, uma classe social, a si próprio ou instituições e empresas. É aqui que surge uma equação ou uma questão dramática. Conquista-se o poder político (os votos e os respectivos mandatos) para servir o povo e o público? Ou serve-se o povo e o público para conquistar o poder político? E quando se está a servir o povo e o público, estamos a falar de quem? Da população? De uma classe social? De um partido? De certas famílias, grupos e empresas? Qualquer político ou todos os políticos responderão de modo equivalente. Dizem que se conquista o poder político para servir o povo e o público. Consideram os seus adversários apenas interessados em beneficiar a sua classe social, os seus amigos e os seus clientes. E reservam para si próprios o estatuto de impoluto servidor. Nada de novo.

No entanto, a situação que vivemos é exemplar. Ninguém tem a maioria parlamentar. Ninguém pode, sozinho, aprovar qualquer coisa de jeito. Mas ninguém quer ficar com o ónus sem ter o mérito. Para o PS, aprovar os planos do Governo, sem nada retirar, é fonte de angústia. Reprovar os projectos demagógicos do Governo não é compreensível pelos beneficiários. Não aprovar os bons projectos do Governo também é nefasto para as intenções do partido. Para a oposição, um recurso possível consiste em aprovar as suas medidas que obriguem o Governo a fazer o que não quer. Mas isto tem dificuldades, a começar pelo facto de o Governo ter meios para adiar as medidas da oposição. Mas também por causa da insuficiência de votos: o PS e o Chega não têm, sozinhos, votos suficientes. Juntar esforços é mau para os dois...

A distribuição de dinheiro é um dos mais velhos expedientes utilizados para ganhar votos e apoios ou para incomodar as oposições que não têm esse recurso. Também é instrumento de demagogia, dado que as oposições não conseguem ou têm dificuldade em votar contra os "bodos aos pobres". Assim como não lhes é fácil arranjar votos para os seus próprios "bodos". O PSD e o Governo dedicam-se agora a exactamente este exercício: distribuir a fim de mais tarde recolher. Sem tirar nem pôr. Dar o mais possível ao maior número, dar cheques e vantagens, à procura de benefícios ulteriores e na tentativa de retirar argumentos à oposição e aos populistas.

Apesar de não ser inédito, nem original, o Chega é um caso à parte. Não quer gerir a democracia. Pretende capturá-la ou destruí-la. Por "dentro" ou por "fora". Com ou sem eleitorado. Com ou sem protesto nas ruas. Tudo o que este partido faz tem um sentido: incomodar os partidos democráticos, prejudicar o Governo, dar voz e força a tudo o que seja protesto, criar fontes de conflito e liquidar as vias democráticas de governo. Isso já se sabe. Todos sabemos. Só que, como sempre acontece nestes casos, o Chega tem razões. Todas as fontes de descontentamento são as suas razões. Todos os protestos são também seus. As reivindicações de todas as populações são suas. Sobretudo quando os governos ou os partidos democráticos não ouvem essas razões e nada fazem para as tratar e resolver. Em vez disso, reclamam contra o Chega e garantem que este é fascista, racista e xenófobo. É possível que o Chega seja um pouco ou muito disso tudo, mas esse não é o ponto. É típico da democracia: reclamar contra o protesto, em vez de tratar das causas do protesto.

Entrámos numa fase da vida política particularmente sensível. A situação internacional é ameaçadora, mas a nacional, por uma vez, não o é assim tanto. Por enquanto. Mau grado as pressões e revindicações sociais, apesar dos perigos populistas, a situação social e económica do país oferece alguma tranquilidade. Desde que os partidos parlamentares e de governo façam o que têm de fazer, cumpram os seus deveres e abdiquem do seu egoísmo interesseiro. Caso contrário, os partidos democráticos serão severamente julgados por não terem criado condições de governo. Por não terem querido tomar as decisões necessárias a assegurar a realização de reformas. Por não terem abdicado dos seus interesses a fim de tratar de forma mais segura da prosperidade do seu povo.

Na melhor tradição republicana, o PSD e o PS estão a arranjar lenha para se queimar. Alimentam populismos e protestos. Estão a ajudar a crise em vez de tratar dela. Cada um dos dois está obcecado, no Parlamento e no Governo, com o prejuízo que pode causar ao outro. O PS quer tornar o Governo incapaz, quer legislar em vez dele, quer ficar com os louros da oposição e denunciar a impotência do Governo. E não quer dar os seus votos aos projectos do Governo, a começar pelo Orçamento, porque não quer ser cúmplice e quer ganhar votos para eventuais eleições. O PSD e o seu Governo querem tudo exactamente ao contrário, o que quer dizer tudo igual.

Utilizando os lugares-comuns consagrados, o PSD e o PS não estão a servir os interesses do povo, nem os do público, estão a procurar satisfazer os seus. Hoje, o PSD e o PS não procuram o poder político para servir o povo, antes tentam satisfazer o interesse público para ganhar o poder. Ninguém é totalmente cínico ou sincero, ninguém é absolutamente velhaco ou bondoso. Todos têm de tudo um pouco. Em cada um, a verdade é a proporção de bom e de mau. No caso presente, sabendo o que sabemos, com as ameaças internacionais, com um Governo minoritário, com os perigos do populismo, perante a previsão de dificuldades sociais, estes dois partidos têm a mais estrita obrigação de encontrar a solução de governo estável, sólido e competente.

É assim que se serve o povo. Ou o público.

Sociólogo

> **O PSD e o Governo dedicam-se agora a este exercício: distribuir a fim de mais tarde recolher**

> **Na melhor tradição republicana, estão a arranjar lenha para se queimar. Alimentam populismos e protestos. Estão a ajudar a crise em vez de tratar dela**

IMPORTA-SE DE REPETIR?

O PSD está apenas a enganar os pensionistas com a ilusão de um aumento

Pedro Nuno Santos
Secretário-geral do PS, sobre aumento extraordinário das pensões

Sim, ela pode

Barack Obama
Ex-Presidente dos EUA, adaptando o seu antigo *slogan* de candidatura a Kamala Harris, ao discursar na convenção democrata



Com Rui Costa não haverá Sérgio Conceição no Benfica

Rui Santos
Comentador desportivo

O cancelamento dos concertos em Viena trouxe-me um novo sentimento de medo e uma tremenda culpa

Taylor Swift
Cantora norte-americana, sobre ameaças de atentado

[A corrupção em Timor-Leste é o] único acto com transparência [porque] é feita à luz do dia

Mari Alkatiri Secretário-geral da Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA



Em dois dias, cada avião Canadair realizou 13 descargas de água na Madeira

O helicóptero que está em permanência na Madeira realizou mais largadas do que os aviões, totalizando 327 desde dia 14

Mariana Oliveira

Cada um dos dois aviões pesados Canadair que estão na Madeira a apoiar no combate ao grande incêndio que deflagrou faz este sábado dez dias, na serra de Água, realizaram 13 descargas sobre o fogo nestes dois dias de operação. Na quinta-feira, cada aeronave realizou quatro descargas e esta sexta-feira nove. Ao todo, as duas aeronaves realizaram um total de 26 descargas, segundo dados oficiais do Governo regional da Madeira.

Apesar de muitas vezes se gerar nas populações a convicção de que os meios aéreos são determinantes para a extinção dos grandes fogos, a realidade é que entre os especialistas é quase unânime a convicção de que, no combate aos fogos, o uso das aeronaves é muito mais eficaz na primeira intervenção.

Quando se ultrapassa a capacidade de extinção, como aconteceu por exemplo nos incêndios de Pedrógão em 2017, pouco há a fazer além de proteger pessoas e bens e esperar que a meteorologia acabe com o incêndio.

Na Madeira é também isso que deverá acontecer. Paulo Fernandes, professor do Departamento de Ciências Florestais da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, tem a expectativa que o fogo se extinga durante o fim-de-semana, já que está prevista chuva e, nalguns locais da ilha, o índice de risco de incêndio vai descer a zero.

"Hoje [ontem], no nordeste da Madeira, o índice FWI [Forest Fire Weather Index System] esteve no nível 25, considerado elevado. Amanhã [hoje], descerá para 4,4 e no domingo [amanhã] para zero", precisa o investigador. Na parte sudoeste, onde ontem se mantinha uma frente activa, o índice vai baixar para 3,3 hoje e para 1,2 amanhã.

"As condições meteorológicas começaram a mudar na quinta-feira ao final do dia. Nessa altura registou-se uma humidade do ar de 70% bastante mais do que os 20% que ocorreram no dia anterior", nota Paulo Fernandes.

A expectativa é partilhada por Raimundo Quintal, geógrafo e botânico da Universidade de Lisboa, que vive na Madeira, onde é presidente da Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal.

"Há previsão de uma descida da temperatura, de um aumento da humidade e do surgimento de alguma precipitação, o que deverá ajudar a controlar as duas frentes activas do fogo, no Maciço Central Oriental e na Ponta do Sol", previa ontem.

O investigador já está mais preocupado com o pós-incêndio, sublinhando que, terminado o fogo, "terá de haver um longo e dispendioso trabalho de limpeza e contenção de escarpas e taludes de estradas, porque as temperaturas ultrapassaram os 1200 graus, o que determinou a fractura das rochas basálticas". E deixa um alerta: "Com as primeiras chuvas, os riscos de desabamentos e aluviões serão acrescidos."

Com 70 anos e com muitos fogos no currículo, Raimundo Quintal insiste que os madeirenses voltarão a vivenciar novos incêndios catastróficos "se não houver coragem política de alterar o coberto vegetal, especialmente entre os 300 e 800 metros de altitude, onde as espécies invasoras e pirófilas ocuparam antigos terrenos agrícolas e convivem com as habitações". A população, realça, "terá de perceber que tem obrigação de limpar os terrenos à volta das casas".

Também a Protecção Civil regional assumiu ao PÚBLICO a expectativa que o incêndio possa ser extinto este fim-de-semana.

O papel dos Canadair

Se o fogo se extinguir, os louros não poderão ser colhidos pelas 26 descargas de água dos Canadair, que tiveram de enfrentar várias limitações na sua operação inédita na Madeira. Ficarem sedeados no Porto Santo, e abastecerem naquele aeroporto os 6000 litros que conse-

guem transportar, significa meia hora de ida e meia hora de regresso até ao local do incêndio. Aí, normalmente, as aeronaves não lançavam a água toda de uma vez. Só quando estavam com o tanque vazio podiam dirigir-se novamente ao aeroporto de Porto Santo, onde após aterrar tinham de esperar que um camião cisterna os enchesse de água. Depois, mais meia hora até ao Funchal.

Isto já para não falar das limitações que os aviões pesados apresentam ao operar nas zonas montanhosas do interior da Madeira, o que obriga os pilotos a largar a água de uma grande altitude, fazendo com que muito do líquido não chegue às chamas.

As dificuldades foram, aliás, reconhecidas pelo presidente da Protecção Civil regional, António Nunes, que admitiu que os aparelhos estavam a ser usados bastante aquém das suas capacidades, o que, contudo, era previsível.

Os dois Canadair que são do Governo espanhol e estavam estacionados em Málaga vieram para a Madeira porque Portugal accionou o Mecanismo Europeu de Protecção Civil. Tal significa que será a União Europeia a suportar a maioria dos custos associados ao uso e transporte dos dois meios aéreos, cabendo ao arquipélago apenas a fatia que diz respeito ao alojamento e alimentação das tripulações e ao combustível usado na operação.

O papel do helicóptero

Segundo os dados oficiais do Governo regional, o helicóptero médio que está em permanência na Madeira teve bastante mais uso neste incêndio, tendo realizado um total de 327 descargas, cada uma de mil litros, desde que o incêndio se iniciou. Fonte do Governo regional, liderado por Miguel Albuquerque, destacava que o helicóptero foi accionado logo no primeiro dia, 14 de Agosto, às 11h15, ou seja, menos de duas horas após o primeiro alerta. Nesse dia, segundo os dados oficiais, o helicóptero realizou um total de 18 descargas. O recorde das descargas foi obtido durante o dia de ontem, tendo sido contabilizadas 57 largadas de água.

Fonte da empresa que opera o aparelho destacou igualmente ao PÚBLICO o uso do meio aéreo para transportar parte dos 46 elementos que compõem as equipas helitransportadas para zonas praticamente inacessíveis, onde estas foram combater o incêndio. Depois de largar os operacionais, o helicóptero foi muitas vezes fazer descargas no local onde a equipa que transportara estava a trabalhar, num esforço concertado que os especialistas dizem ser essencial para as descargas de água serem eficazes. Sem trabalho no terreno, o meio aéreo é muitas vezes um desperdício.

O décimo dia do incêndio na Madeira

O incêndio da Madeira manteve-se activo durante o dia de ontem com maior intensidade na Lombada, concelho da Ponta do Sol, "numa zona mais próxima das casas", de acordo com a presidente do município, Célia Pessegueiro. Apesar disso, o número considerável de meios no terreno, a facilidade de acesso ao local e a esperança numa meteorologia favorável fizeram diminuir a preocupação das autoridades.

O presidente do governo regional disse entretanto à RTP que, nas zonas onde o fogo está extinto, as populações vão começar a regressar a casa. "Temos já a Secretaria dos Assuntos Sociais no apoio às famílias que foram deslocadas. Neste momento, parte delas vai voltar para as habitações. No Curral, estamos já a desencadear os apoios, sobretudo para os produtores dos castanheiros que foram afectados. Os apicultores também já têm os apoios, quer no Jardim da Serra, quer na zona do Curral, e vamos, no fundo, tentar resolver todas essas situações."

A partir do continente, a ministra do Ambiente elogiou a resposta do Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas no fogo, acrescentando que o arquipélago fará parte do plano nacional de restauro da natureza, que permitirá "não só repor, mas aumentar", a área de floresta em Portugal. O plano incluirá a Madeira, tendo em "atenção a autonomia regional", sublinhou.

O décimo dia do incêndio foi também aquele em que a oposição aumentou a pressão sobre o governo regional através do Governo da República. O PS pediu ontem a audição urgente da ministra da Administração Interna, Margarida Blasco, no Parlamento para esclarecer a "gestão política do combate ao grande incêndio". O PS requereu também a audição do presidente da Agência para a Gestão Integrada de Fogos Rurais, Tiago Oliveira; do presidente da Autoridade Nacional de Emergência e Protecção Civil, Duarte da Costa; e do líder do Sindicato Nacional da Protecção Civil, José Costa Velho.

Área ardida

Entre 5000 e 9300 hectares: afinal quanto ardeu até agora no fogo que começou no dia 14?

Mariana Oliveira

Ontem ao fim da tarde, o Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais (EFFIS, na sigla inglesa) estimava uma área ardida de 9304 hectares no fogo que deflagrou no passado dia 14, na serra de Água, na Madeira. Vários especialistas alertaram, contudo, o PÚBLICO para o facto de esse número pecar por excesso, devendo ser, na realidade, muito inferior.

Isso mesmo mostram análises feitas pelo Sistema de Cartografia de Emergência do Copernicus, o Programa de Observação da Terra da União Europeia, que analisa o nosso planeta essencialmente através de uma rede de satélites, que também é usada pelo EFFIS.

A diferença está na resolução das imagens usadas para fazer a análise, que permitem ver com mais detalhe as áreas que foram de facto queimadas. O último mapa do incêndio divulgado ontem ao fim da tarde pelo Sistema de Cartografia de Emergência (e que recorre a imagens de muito alta resolução das 12h38 de ontem, dia 23) contabiliza uma área ardida de 5046 hectares. Ou seja, menos 46% do que o valor da área ardida que o EFFIS estimou.

O que explica a diferença?

José Miguel Cardoso Pereira, professor catedrático no Instituto Superior de Agronomia, explica o porquê da discrepância. "No meio dos mapas há pequenas ilhas de vegetação completamente verde que não ardeu, o que resulta do facto de a Madeira ter um território muito acidentado", sublinha o docente da Universidade de Lisboa, ao referir que tal só é possível verificar em imagens de muito alta resolução. "É vegetação que fica no fundo de vales apertados para onde a água escorre e que ainda está húmida. A vegetação tem tanta humidade que quando o fogo chega lá não entra", afirma Cardoso Pereira.

O Sistema Europeu de Informação sobre Incêndios Florestais recorre a imagens de vários satélites, com resoluções diferentes, mas as que usa com mais frequência são as do MODIS, que estão disponíveis quatro vezes por dia.

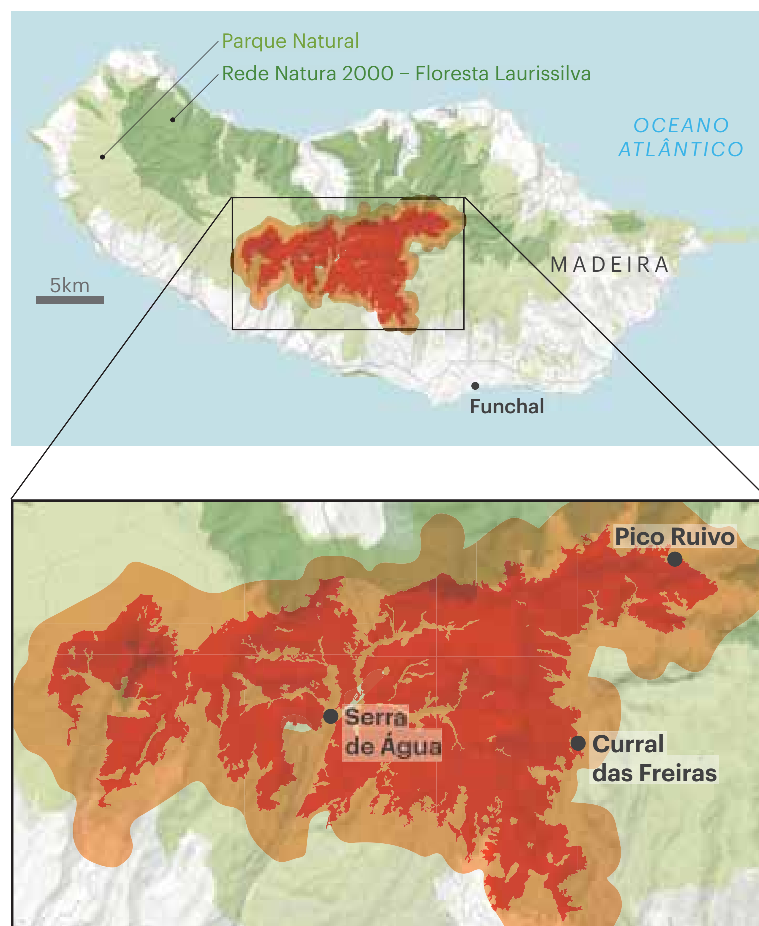
Também usa as fotografias do Sentinel-2, mas estas só estão disponíveis de cinco em cinco dias. "As imagens do Sentinel-2 são quase 160 vezes mais detalhadas do que as usadas inicialmente pelo EFFIS, que são do satélite MODIS", precisa Cardoso Pereira.

Já o Sistema de Cartografia de Emergência só é utilizado para calcular a área ardida de um único incêndio ou de um pequeno grupo de fogos, a pedido de um país. Recorre muitas vezes a imagens de satélites comerciais (que têm de ser compradas) e que têm uma resolução muito maior do que os que integram o Copernicus. Cardoso Pereira realça que as imagens que foram usadas na estimativa do Sistema de Cartografia de Emergência para o fogo da Madeira são "17 vezes mais detalhadas do que as do próprio Sentinel-2".

> **No meio dos mapas há pequenas ilhas de vegetação completamente verde que não ardeu, o que resulta de o território ser muito acidentado**
>
> **José Miguel Cardoso Pereira**
> Professor catedrático

Afinal quanto ardeu no incêndio da Madeira?
De 14 a 23 de Agosto

Área ardida:
Análise do EFFIS
9304ha *dados recolhidos às 18h34*
Análise do sistema de cartografia de emergência
5046ha *dados recolhidos às 12h38*



Fonte: Mapbox; Copernicus
PÚBLICO

Turismo e incêndio

Muitas dúvidas, ajustes e adiamentos mas poucos cancelamentos

Mara Gonçalves

Muitas dúvidas, alguns roteiros alterados e várias viagens adiadas, mas são poucos os turistas a cancelar férias na Madeira

"Não há cancelamentos para a Madeira, excepto alguns casos pontuais e residuais", garante o presidente da Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo (APAVT), Pedro Costa Ferreira, em declarações ao PÚBLICO. Nos últimos dias, face ao incêndio que lavra há dez dias na ilha, a APAVT realizou um inquérito aos associados com operações na Madeira sobre possíveis impactos e cancelamentos de reservas, mas "as operações continuam a decorrer com normalidade". "Houve, sim, naturalmente, muitas questões e preocupações levantadas pelos clientes que tinham férias reservadas, assim como pelos operadores internacionais junto às agências de incoming".

De acordo com Pedro Quintela, director-geral de vendas da Agência Abreu, apesar de os incêndios terem tido "algum efeito", "os ventos fortes que se fizeram sentir e o fecho do aeroporto tiveram um impacto maior". "Mais do que cancelamentos", tem sido necessário "realocar todos os clientes", com o "reajuste de datas dos voos", "seja de quem estava no destino ou de quem ainda iria viajar para a Madeira, seja no realojamento de quem teve de aguardar pelo regresso".

O secretário regional da Economia, Turismo e Cultura da Madeira, Eduardo Jesus, sublinha igualmente não existir "nenhuma tendência de cancelamentos por força dos incêndios" no turismo da ilha, apesar de haver "pessoas que remarcaram para outras datas", assim como "uma frequência muito mais elevada dos pedidos de esclarecimento", sobretudo dos clientes que "reservam directamente". Em declarações à agência Lusa, Eduardo Jesus aponta apenas o caso da animação turística, que estará a ser o subsector mais afectado, devido ao acesso vedado ou condicionado de levadas e percursos pedestres.

O incêndio rural deflagrou no dia 14 de Agosto, nas serras do município da Ribeira Brava, propagando-se progressivamente aos concelhos de Câmara de Lobos, Ponta do Sol e Santana (Pico Ruivo).

Pedro Bexiga, sócio-gerente da GMT Tours, uma agência de viagens fundada recentemente na Madeira, garante que "as pessoas que tinham reservas não cancelaram". No entanto, houve "à volta de oito, dez" clientes, para grupos de cerca de quatro pessoas cada um, que "ficaram apreensivos e não avançaram". "Eram turistas nacionais que iam na primeira semana de Setembro para a Madeira passar quatro ou cinco dias e, quando viram os fogos na comunicação social, acharam por bem cancelar e esperar que a situação melhorasse para avançar com a reserva. Quando esta situação estiver normalizada, controlada, as pessoas virão", acredita.

Os "ventos fortes que se fizeram sentir e o fecho do aeroporto" terão tido um "impacto maior" na actividade turística da região do que o incêndio

No caso dos clientes que já se encontravam na ilha, além dos constrangimentos nos voos, existiu a necessidade pontual de alterar roteiros e actividades, nomeadamente aquelas que incluíam "determinadas levadas que foram fechadas por motivos de segurança".

Na Insider Madeira, empresa que organiza programas turísticos "feitos à medida para grupos privados", também tem sido esse o único impacto sentido. "Tivemos que alterar actividades de montanha, nomeadamente caminhadas ou jipe *tours*, e adaptar os percursos para fugir daquela zona onde estão os focos principais de incêndio", avança o proprietário e sócio-gerente Filipe Fraga. "Em vez de fazermos aquele lado Oeste e Norte, puxamos mais para a Ponta de São Lourenço, Santana, etc.", acrescenta. "Existem várias alternativas..."

No entanto, lembrando que "as áreas afectadas pelos incêndios são zonas inacessíveis" e "distantes das principais atracções turísticas", a "operação continua a ocorrer sem qualquer interrupção, só com estes ligeiros ajustes", "mais por motivos de segurança" e de forma a "garantir a melhor experiência possível" aos clientes. Até ao momento, não houve "alterações ou cancelamentos de reservas já feitas", e continuam "a receber pedidos" para os próximos meses, "o que é um bom indicador".

No sector do alojamento, o grupo Savoy Signature, com sete hotéis, todos localizados na ilha da Madeira (Funchal e Calheta), garante "não ter registado cancelamentos". Já António Trindade, CEO do PortoBay Hotels & Resorts, diz não estar a existir "qualquer movimentação de clientes ou saídas prematuras". "Há, sim, muitos clientes habituais a nos contactarem para saber da oportunidade das suas vindas, ou possível adiamento de estadas", tendo existido "poucos cancelamentos" até ao momento. "Contudo, como as reservas para os nossos hotéis são feitas com muita antecedência, assistimos a alguma redução do ritmo das mesmas, mas estamos crentes que o poderemos recuperar logo que esta situação difícil, sobretudo para as nossas florestas, esteja superada."

HOMEM DE GOUVEIA/LUSA



Incêndio começou na Ribeira Brava e estendeu-se à Ponta do Sol

Conservar a floresta Laurissilva da Madeira: um imperativo de sobrevivência

Opinião

Helena Freitas

No coração da ilha da Madeira, envolta em brumas e histórias ancestrais, encontra-se a majestosa floresta Laurissilva, uma relíquia viva com cerca de 20 milhões de anos. Declarada Património Mundial pela UNESCO em 1999, é um dos últimos bastiões de um ecossistema que outrora se estendia por vastas áreas da Europa. Apesar do seu profundo significado ecológico, cultural e histórico, a Laurissilva enfrenta hoje ameaças que exigem uma intervenção de conservação imediata e decisiva.

A Laurissilva da Madeira é muito mais do que um cenário de beleza natural ou uma atração turística; é um ecossistema vital que abriga uma biodiversidade única. Espécies endémicas de plantas e animais encontram refúgio nestas florestas, contribuindo para a riqueza natural da ilha e desempenhando um papel essencial no equilíbrio dos ecossistemas. Plantas como o loureiro, o til e o vinhático, juntamente com aves raras como o pombo-torcaz e o tentilhão-da-madeira, são apenas alguns exemplos das maravilhas que dependem deste habitat.

Além da sua biodiversidade incomparável, a Laurissilva desempenha funções ecológicas fundamentais: atua como um regulador natural do ciclo da água, captando e conservando a humidade, o que garante uma provisão constante de água potável para as comunidades locais e para os diferentes usos produtivos do solo. Esta função é vital numa ilha como a Madeira, onde os recursos hídricos são limitados e a sua sustentabilidade depende fortemente da conservação das florestas. A Laurissilva contribui ainda para prevenir a erosão do solo, protegendo as encostas montanhosas contra os deslizamentos e a degradação.

Estamos a assistir nestes dias a mais um devastador incêndio que, infelizmente, progrediu no parque natural e atingiu a Laurissilva. Não vou discutir responsabilidades sobre este enorme desastre natural, mas impõe-se uma séria reflexão e consequências. Apesar da sua importância, a Laurissilva enfrenta esta e outras ameaças. A expansão urbana, a introdução de espécies invasoras e as alterações climáticas são pressões constantes que podem comprometer a integridade deste ecossistema. O aumento da temperatura e as alterações nos padrões de precipitação já estão a ter impacto na floresta, colocando em risco as espécies que dependem de condições climáticas específicas. Além disso, a pressão para o desenvolvimento turístico e a urbanização intensificam os desafios para a conservação desta área natural.

A proteção da Laurissilva é prioritariamente uma responsabilidade local, mas é também uma obrigação global. A conservação deste ecossistema único deve ser uma prioridade para as autoridades regionais, nacionais e internacionais. Medidas de conservação eficazes, como o restauro de áreas degradadas, o controlo de espécies invasoras, a promoção de práticas de turismo sustentável e um ordenamento territorial que responda aos riscos crescentes, são essenciais para assegurar a sobrevivência da floresta. A Laurissilva é um extraordinário legado natural que pertence a todos. A sua conservação não é apenas uma preocupação

"A Laurissilva é um extraordinário legado natural que pertence a todos

ambiental, mas está associada à sobrevivência do próprio arquipélago. Ao salvaguardar a Laurissilva, preservamos uma parte essencial do nosso património cultural e natural, e este é o tempo para agir! A floresta Laurissilva e o Parque Natural da Madeira exigem proteção e compromisso; a sua conservação é um imperativo, não só para a Madeira, mas para o mundo inteiro, garantindo que esta floresta singular perdurará símbolo de resistência, beleza e vida.

Professora da U. de Coimbra, Cátedra UNESCO em Biodiversidade e Conservação para o Desenvolvimento Sustentável

Espaço público

Não é difícil escolher entre Harris e Trump

Editorial



David Pontes

Uma camarada de imprensa fez um *post* na rede social X, na sequência dos discursos do casal Obama na convenção norte-americana. "Ai, meu Deus, usa os teus poderes para polinizar o mundo com Baracks e Micheles, OK? Agradecida. Que coisa linda que é ver gente que gosta de si mesma, gente feliz, gente que quer que toda a gente tenha uma vida decente. Quão difícil pode ser sermos todos assim?", escreveu Ana França, jornalista do *Expresso*.

Logo alguém a avisou de que ia "levar com tanto ódio", e assim foi. Além dos já costumeiros ataques à profissão de jornalista, os golpes vieram da esquerda e da direita, criticando o registo de Obama enquanto governante, os políticos, os ricos, os americanos... Enfim, o dia-a-dia das redes sociais.

Como deveria ser evidente, o que moveu muita gente a apreciar tanto o discurso dos Obamas, como tom geral da convenção democrata, não foi a coerência do discurso (Ana França conhece bem o registo negativo de Obama no Médio Oriente, por exemplo), mas o absoluto contraste entre os valores que eles enunciam e os que os republicanos fizeram desfilar na sua reunião magna. De um lado, um discurso humanista, inclusivo, tolerante, que procura apelar ao que há de melhor em cada um; do outro lado, um discurso negativo, acusatório, belicista, que procura apelar ao ressentimento. Independentemente da avaliação que se fizer das acções de cada um, isto deveria ter importância, mas a empatia é actualmente um bem escasso.

Mas fazendo a avaliação das acções de cada um, deveria ser evidente, para qualquer democrata, que escolher entre Donald Trump e Kamala Harris é razoavelmente fácil. Infelizmente, não foi isso que declarou o líder parlamentar do PSD, Hugo Soares, numa entrevista. Discordando de forma profunda "com a forma de estar e fazer política" do republicano, o social-democrata justifica com o desconhecimento do pensamento de Harris a "muita dificuldade" que teria em escolher em quem votar.

Quando de um lado está a líder de um partido que até tem mais semelhanças com o PSD do que com o PS e do outro um líder de um partido que tentou subverter os resultados eleitorais dos EUA, uma hesitação destas é incompreensível e uma machadada no posicionamento centrista que os sociais-democratas pareciam querer recuperar. Não faria mal a Hugo Soares ouvir o discurso do ex-congressista republicano Adam Kinzinger na convenção democrata, para se decidir e recordar que, como disse o republicano, "a democracia não conhece partido".



Fazendo a avaliação das acções de cada um, deveria ser evidente, para qualquer democrata, que escolher entre Donald Trump e Kamala Harris é razoavelmente fácil

CARTAS AO DIRECTOR


Coordenador de segurança interna já saiu sem Governo ter arranjado sucessor

Subsídio de alojamento abre cisão entre professores deslocados

QUEBRAMAR

As cartas destinadas a esta secção têm de ser enviadas em exclusivo para o PÚBLICO e não devem exceder as 150 palavras (1000 caracteres). Devem indicar o nome, morada e contacto telefónico do autor. Por razões de espaço e clareza, o PÚBLICO reserva-se o direito de seleccionar e editar os textos e não prestará informação postal sobre eles
cartasdirector@publico.pt

Turismo a mais

Já todos devíamos saber que "tudo o que é de mais é moléstia". Seja no que for. Tem de haver (sempre) um ponto de equilíbrio: nem de mais, nem de menos. Mas, com a ganância desenfreada, o desvario instituído, e tudo ser consentido, sem proibições efectivas, como pode o planeta sobreviver a tantos fatais atropelos?

São cruzeiros altamente poluentes, viagens aeronáuticas intermináveis e inúteis. São bombas de todos os tipos de destruição e morte. É um usufruir de tudo, provocando uma poluição generalizada, sem qualquer retrocesso. É uma panaceia enganosa.

Agora que o turismo tomou conta das grandes urbes, as pessoas locais estão a ficar cada vez mais alarmadas, pois sentem-se prisioneiras daquilo que normalmente faziam e deixaram de o poder fazer. A vida quotidiana tornou-se um pandemónio, pois não é natural "haver sol na eira e chuva no nabal".

E, assim, apareceu uma pandemia, que veio para ficar, apanhando nas suas malhas milhares e milhares de infelizes, chamada gentrificação, que mais não é, *grosso modo*, "um processo de mudança urbana e de substituição social nos bairros dos centros históricos, nos quais as classes mais pobres são/foram substituídas pelas classes mais endinheiradas".
José Amaral, Vila Nova de Gaia



Agora que o turismo tomou conta das grandes urbes, as pessoas locais estão a ficar cada vez mais alarmadas, pois sentem-se prisioneiras daquilo que normalmente faziam e deixaram de poder fazer

José Amaral
Vila Nova de Gaia

O sorriso

"O sorriso foi quem abriu a porta. Era um sorriso com muita luz lá dentro", escreveu Eugénio de Andrade. Pode ser que o constante sorriso de Kamala Harris ajude a abrir a porta da presidência norte-americana.
Foi na presidência de Joe Biden, tendo Kamala como "vice", que o armamento enviado pelos Estados Unidos ajudou Israel nessa carnificina.
O cessar-fogo vai surgir quando Gaza estiver totalmente arrasada. Kamala vai continuar a sorrir?
Ademar Costa, Póvoa de Varzim

Naufrágio no Mediterrâneo

Acabo de enviar para o *NYT*, obviamente em inglês, este texto que também quero enviar para o meu jornal de eleição em Portugal: esta semana penso que o vosso jornal devia estar envergonhado com a quantidade de notícias sobre o naufrágio de um barco no Mediterrâneo e os esforços para trazer à superfície as vítimas. Não é só o vosso jornal, de acordo, são todos os jornais e canais de TV. Todas as semanas, centenas de refugiados morrem em barcos que se afundam aí. E breves ou nenhumas notícias aparecem. A única diferença agora é que estes são muito ricos. É assim que estamos nos nossos padrões morais.
M. Helena Cabral, Carcavelos

Arrendamentos

Cerca de metade dos estudantes do ensino superior deslocados e com direito a apoio na renda não se candidatou por não ter contrato de arrendamento. É, desde

A opinião publicada no jornal respeita a norma ortográfica escolhida pelos autores

ZOOM ESTADOS UNIDOS

OLGA FEDOROVA/EPA



Manifestantes gritam palavras de ordem enquanto seguram bandeiras palestinianas e cartazes exigindo um embargo de armas a Israel, durante um protesto na última noite da Convenção do Partido Democrata em Chicago

sempre, uma situação comum aos arrendamentos normais. Há muitos senhorios que se recusam a passar contratos de arrendamento para não terem de pagar impostos. É uma situação ilegal. A necessidade de casa, a dificuldade em arranjar fiadores, e outras burocracias inerentes, levam quer os necessitados quer os senhorios a abdicar dos contratos de arrendamento. É uma situação que leva a prejuízos para o Estado e para as pessoas que, eventualmente, beneficiem com a existência de contratos de arrendamento. É evidente que ao Estado compete fiscalizar e fazer cumprir a lei. Ao Governo compete arranjar soluções capazes de dar resposta a tal problema, ou não será?
Mário Pires Miguel, Reboleira

Notícia sobre partos

Li os detalhes da demissão do responsável de Obstetrícia da Maternidade Alfredo da Costa e sublinho maternidade! Então um serviço especializado que trabalha 24 horas, presumo eu, faz num dia 25 partos e consideram que isso é um excesso de trabalho que não conseguem aguentar!? Eu nem ouso fazer uma crítica a esta situação. Apenas faço minhas as palavras do Dr. Eduardo Barroso (sobre a obrigação de os novos médicos fazerem serviço obrigatório no SNS): mas está tudo doido? Quem fala assim não tem vergonha de o dizer sequer? Só se quase todos os médicos foram de férias em Agosto, como já referiu um administrador hospitalar. E eu começo a acreditar. É de um egoísmo. Talvez para o PÚBLICO fosse mais rentável fechar em Agosto, não acha? E não é um sector fundamental.
Maria Dulce Anastácio, Porto

PÚBLICO ERROU

Por lapso, a notícia da edição de ontem assinada por Aline Flor sobre a gestão do incêndio na Madeira não mencionou no final o nome do jornalista Nicolau Ferreira, que também contribuiu para a peça.

ESCRITO NA PEDRA

Hipócrita: indivíduo que, ao professar virtudes que não respeita, assegura as vantagens de parecer ser aquilo que despreza
Ambrose Bierce, escritor

O NÚMERO

13

Partos em ambulâncias disparam em Portugal e bombeiros contaram 13 só em Julho, o que se pode explicar com os problemas que atingem alguns serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia

A crónica de Miguel Esteves Cardoso regressa a estas páginas a 1 de Setembro



publico.pt 

Lisboa
Edifício Diogo Cão,
Doca de Alcântara Norte
1350-352 Lisboa
Tel. 210 111 000

Porto
Rua Júlio Dinis,
n.º 270 Bloco A 3.º
4050-318 Porto
Tel. 226 151 000

publico@publico.pt

DIRECTOR
David Pontes
Directores adjuntos
Andreia Sanches, Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Tiago Luz Pedro
Directora de arte
Sónia Matos
Directora de design de produto digital
Inês Oliveira
Editoras executivas
Helena Pereira, Patrícia Jesus
Editor de fecho
José J. Mateus

Editor de Opinião Álvaro Vieira **Editor P2** Sérgio B. Gomes **Online** Ana Maria Henriques, Mariana Adam, Pedro Esteves, Pedro Guerreiro, Pedro Sales Dias (editores), Amílcar Correia (redactor principal), Carolina Amado, João Pedro Pincha, José Volta e Pinto, Marta Leite Ferreira, Miguel Dantas, Sofia Neves (última hora); Rui Barros (jornalista de dados); Ruben Martins, Inês Rocha (áudio); Joana Bougard (editora multimédia), Carlos Alberto Lopes, Joana Gonçalves, Mariana Godet, Teresa Miranda (multimédia); Amanda Ribeiro (editora de redes sociais), Ana Zayara, Michelle Coelho, Patrícia Campos (redes sociais) **Política** David Santiago (editor), Susete Francisco (subeditora), Ana Sá Lopes, São José Almeida (redactoras principais), Ana Bacelar Begonha, Liliana Borges, Margarida Gomes, Maria Lopes, Nuno Ribeiro **Mundo** Ivo Neto, Paulo Narigão Reis (editores), Bárbara Reis, Jorge Almeida Fernandes, Teresa de Sousa (redactores principais), Rita Siza (correspondente em Bruxelas), Alexandre Martins, António Rodrigues, António Saraiva Lima, João Ruela Ribeiro, Leonete Botelho (grande repórter), Maria João Guimarães, Sofia Lorena **Sociedade** Natália Faria, Gina Pereira (editoras), Clara Viana (grande repórter), Alexandra Campos, Ana Cristina Pereira, Ana Dias Cordeiro, Ana Henriques, Ana Maia, Cristiana Faria Moreira, Daniela Carmo, Joana Gorjão Henriques, Mariana Oliveira, Patrícia Carvalho, Samuel Silva, Sónia Trigueirão **Local** Ana Fernandes (editora), Luciano Alvarez (grande repórter), André Borges Vieira, Camilo Soldado, Mariana Correia Pinto, Samuel Alemão, Teresa Serafim **Economia** Pedro Ferreira Esteves, Isabel Aveiro (editores), Manuel Carvalho (redactor principal), Cristina Ferreira, Sérgio Aníbal (grandes repórteres), Ana Brito, Luís Villalobos, Pedro Crisóstomo, Rafaela Burd Relvas, Raquel Martins, Rosa Soares, Victor Ferreira **Ciência** Teresa Firmino (editora), Filipa Almeida Mendes, Tiago Ramalho **Azul** Andrea Cunha Freitas (editora), Claudia Carvalho Silva (subeditora), Aline Flor, Andréia Azevedo Soares, Clara Barata, Nicolau Ferreira, Tiago Bernardo Lopes (multimédia), Gabriela Gómez (infografia), Rodrigo Julião (webdesign) **Cultura/Ípsilon** Paula Barreiros, Inês Nadais (editoras), Pedro Rios (editor Ípsilon), Isabel Coutinho (subeditora), Nuno Pacheco, Vasco Câmara (redactores principais), Isabel Salema, Sérgio C. Andrade (grandes repórteres), Daniel Dias, Joana Amaral Cardoso, Lucinda Canelas, Luís Miguel Queirós, Mariana Duarte, Mário Lopes **Desporto** Jorge Miguel Matias, Nuno Sousa (editores), Augusto Bernardino, David Andrade, Diogo Cardoso Oliveira, Marco Vaza, Paulo Curado **Fugas** Sandra Silva Costa, Luís J. Santos (editores), Alexandra Prado Coelho (grande repórter), Luís Octávio Costa, Mara Gonçalves **Guia do Lazer** Sílvia Pereira (coordenadora), Cláudia Alpendre, Sílvia Gap de Sousa **Ímpar** Bárbara Wong (editora), Carla B. Ribeiro, Inês Duarte de Freitas **P3** Inês Chaíça, Renata Monteiro (subeditoras), Mariana Durães **Terroir** Ana Isabel Pereira **Newsletters e Projectos digitais** João Pedro Pereira **Projectos editoriais** João Mestre **Fotografia** Miguel Manso, Manuel Roberto (editores), Adriano Miranda, Daniel Rocha, Nelson Garrido, Nuno Ferreira Santos, Paulo Pimenta, Rui Gaudêncio, Alexandra Domingos (digitalização), Isabel Amorim Ferreira (documentalista) **Paginação** José Souto (editor de fecho), Marco Ferreira (subeditor), Ana Carvalho, Cláudio Silva, Joana Lima, José Soares, Nuno Costa, Sandra Silva; Paulo Lopes, Valter Oliveira (produção) **Copy-desks** Aurélio Moreira, Florbela Barreto, Joana Quaresma Gonçalves, João Miranda, Manuela Barreto, Rita Pimenta **Design Digital** Alex Santos, Ana Xavier, Nuno Moura **Infografia** Célia Rodrigues (coordenadora), Cátia Mendonça, Francisco Lopes, Gabriela Pedro, José Alves **Comunicação Editorial** Inês Bernardo (coordenadora), João Mota, Ruben Matos **Secretariado** Isabel Anselmo, Lucinda Vasconcelos **Documentação** Leonor Sousa

Publicado por PÚBLICO, Comunicação Social, SA.
Presidente Ângelo Paupério
Vogais Cláudia Azevedo, Ana Cristina Soares e João Günther Amaral

Área Financeira e Circulação Nuno Garcia **RH** Maria José Palmeirim **Direcção Comercial** João Pereira **Direcção de Assinaturas e Apoio ao Cliente** Leonor Soczka **Análise de Dados** Bruno Valinhas **Marketing de Produto** Alexandrina Carvalho **Área de Novos Negócios** Mário Jorge Maia

NIF 502265094 | Depósito legal n.º 45458/91 | Registo ERC n.º 114410
Proprietário PÚBLICO, Comunicação Social, SA | Sede: Lugar do Espido, Via Norte, Maia | Capital Social €8.550.000,00 | Detentor de 100% de capital: Sonaecom, SGPS, S.A. | **Publicidade** comunique.publico.pt/publicidade | comunique@publico.pt | Tel. 210 111 353 / 210 111 338 / 226 151 067 | **Impressão** Unipress, Tv. de Anselmo Braancamp, 220, 4410-350 Arcozelo, Valadares; Empresa Gráfica Funchalense, SA, Rua da Capela de Nossa Senhora da Conceição, 50, 2715-029 Pêro Pinheiro | **Distribuição** VASP – Distrib. de Publicações, Quinta do Grajal – Venda Seca, 2739-511, Agualva-Cacém | geral@vasp.pt

Membro da APCT Tiragem média total de Julho **18.970 exemplares**

O PÚBLICO e o seu jornalismo estão sujeitos a um regime de auto-regulação expresso no seu Estatuto Editorial **publico.pt/nos/estatuto-editorial**
Reclamações, correcções e sugestões editoriais podem ser enviadas para **leitores@publico.pt**

Enterrar o mito do colonialismo suave



Raul Almeida

O PÚBLICO resolveu contrariar o espírito da *silly season* com duas grandes reportagens sobre o racismo em Angola e Moçambique durante a época colonial.

Sem esgotar o tema, tarefa impossível, estas reportagens dão pistas para reflexão impossíveis de ignorar. Evitando o militantismo e o sensacionalismo, o que ali é testemunhado abala irremediavelmente a estabilidade do mito do "colonialismo suave" português.

O mito do colonialismo suave português, infundido eficazmente desde inícios do século XX, perdura até hoje na nossa sociedade, como uma anestesia colectiva que nos permite um confortável alheamento face a uma sucessão de factos incómodos da nossa história, uma história feita da narrativa de glórias mais ou menos verosímeis para nos redimir da mediocridade do presente. Há verdades na construção deste mito, mas são sempre meias-verdades. O colonialismo português foi diferente do holandês, do inglês, do francês, do alemão ou do italiano, mas estes também foram diferentes entre si, e diferente de um mau não quer dizer bom. Portugal promoveu heróis populares negros, como o Duo Ouro Negro, o Eduardo Nascimento ou o galáctico Eusébio, o que é verdade e foi simbolicamente importante à época, mas não permite que se confunda a aceitação individual com o racismo abstrato, tendo estas promoções seletivas sido um importante instrumento de política externa do Estado Novo. No mundo existiam brancos e pretos, e os portugueses criaram os mulatos, o que é mais ou menos verdade, não faltando as mais exaltadas odes à mestiçagem e a este suposto espírito universalista português, esquecendo que de facto a crua realidade é que muita da mestiçagem é fruto da violação e da subjugação da mulher indígena, havendo um anátema terrível sobre os mestiços filhos de pai preto e mãe branca. Estes são apenas alguns dos tópicos distorcidos, geralmente acompanhados do relato de um ou outro preto numa esplanada de Lourenço Marques ou num cinema de Luanda.

Acredito em muitos relatos bem-intencionados de gente que viveu nas maiores cidades do Ultramar e que recorda uma evolução e maior e mais humana partilha do espaço com os nativos. Acredito que as populações urbanas mais jovens e mais cultas começassem a trilhar um caminho de redução da discriminação. Acredito que, no contacto com o caso particular, a relação humana entre diferentes fosse criando os laços afectivos naturais, que levam a maior consideração do outro e respeito. Acredito, enfim, que tenha havido um grande número de patrões brancos amicíssimos dos seus criados pretos, mas não conheço um caso de patrões pretos com criados brancos. Tudo isto é muito pouco face a tudo o que não deixamos que perturbe o mito de sermos bons colonizadores. Não há bons colonizadores.



Acredito que tenha havido um grande número de patrões brancos amicíssimos dos seus criados pretos, mas não conheço um caso de patrões pretos com criados brancos. (...) Não há bons colonizadores

Esta catarse colectiva importa, porque a verdade importa e só a verdade faz justiça. Sim, qualquer potência colonial é devedora de desculpas históricas aos povos que colonizou. Sem teatralidade, sem esquecer o contexto histórico, que não desculpa, mas explica muita coisa, essencialmente, sem dividir mais. Estes momentos só servem se forem momentos de crescimento, de reflexão crítica, mas criativa e criadora. Em suma, se conseguirem fortalecer mais os laços entre os povos em causa e não fomentar a divisão. A este propósito, tivemos recentemente declarações de enorme sabedoria do Presidente de Angola, João Lourenço, em profundo contraste com as do Presidente português, num momento pouco edificante de adesão à agenda divisionista e revanchista de uma corrente agitadora e minoritária.

Regresso onde comecei, estas reportagens do PÚBLICO não nos dizem nada que nós intimamente não saibamos, mas têm o profundo mérito de nos confrontar com discursos ordenados e na primeira pessoa, com uma narrativa bem estruturada e coerente. Não há como escapar. Não, não foi um colonialismo suave. Não, não foi bom, a não ser para a potência colonial. Não, não devemos continuar a perpetuar uma mentira que nos impede de crescer enquanto povo.

Líder da bancada do Movimento "Rui Moreira: Aqui Há Porto" na Assembleia Municipal do Porto

Onde andam os portugueses negros?



Jorge Botelho Moniz

Ando há dias com uma série publicada neste jornal na cabeça. A série é sobre o *Racismo em português* na qual se explica como, nas colónias, os negros foram feitos estrangeiros na sua própria terra. Os testemunhos são extraordinários sobre os colonatos brancos, o *apartheid* não escrito ou o Estatuto dos Indígenas – discriminados, relegados para o trabalho braçal e quase sem acesso à educação. Nada de novo, portanto. A questão, para mim, é que a série está escrita no pretérito, mas, infelizmente, não consigo evitar arriscar um paralelismo com Portugal e o tempo presente.

É impensável, hoje, comparar o país com a experiência da presença portuguesa em África. Do ponto de vista constitucional, as diferenças são gritantes em matéria da garantia dos direitos fundamentais. *Mas* (é aqui que entra a adversativa) é tentador.

Para responder à pergunta do título, há um primeiro desafio: sabe-se pouco, quase nada, sobre os portugueses negros. O melhor que sabemos é que, num inquérito do INE publicado no ano passado, 170 mil pessoas, entre os 18 e 74 anos de idade, se identificaram como negras. Num universo de cerca de sete milhões de pessoas inquiridas, isso limitaria a sua existência a 2,4% do total da população. Se considerássemos os que se auto-identificaram como negros ou de origem ou pertença mista, a percentagem estaria aproximadamente nos 6,2%. Portugal seria, assim, um retângulo de homogeneidade cromática.

Ora, para uma população que já estará na terceira ou quarta geração - se nos ativermos apenas ao *boom* migratório dos anos 1970 – os números parecem, no mínimo, alimentar a ideia da invisibilidade dos portugueses negros. No país, quando se procura pelos nacionais negros destacados, encontramo-los, sobretudo, no desporto e na música. Sou um grande entusiasta de ambos, nada contra. *Mas* (é aqui que entra a adversativa, novamente), ao que parece, não é nestas áreas que se sente e vive o fragor da democracia. E, talvez por isso, de acordo com o mesmo inquérito, as pessoas que se identificam como negras componham o segundo grupo que se diz mais discriminado no país (apenas atrás das que se identificam como ciganas, pois claro). São ainda os mais mal classificados ao nível da formação superior (apenas 15,6% tem curso superior) – embora estejam bem acima da média nacional no que respeita ao ensino básico e secundário. Para bom entendedor…

Na tal série publicada no PÚBLICO, uma das entrevistadas refere que "havia mesmo um corte, um muro invisível que separava as duas comunidades. (…) Os negros viam-se a limpar as ruas, a guiar o machimbombo, a trabalhar nos trabalhos domésticos." E hoje, onde estão os portugueses negros? É provável que seja eu que ando em locais demasiadamente brancos e que faço parte desta segregação não escrita. Devo ser eu que não consigo descortinar uma classe média portuguesa negra a passar férias fora das grandes urbes, a ter uma presença significativa no ensino superior, nos *media* – com espaços de opinião –, na política nacional e local a influenciar e a ter uma voz. Não falo de meia dúzia de casos excecionais que todos conhecemos e vemos (e não, não me refiro à bola). Falo de uma generalidade de portugueses negros que ajude a decidir, ao invés de ser peão político, que faça o ensino superior, em vez de se resignar à mão de obra indiferenciada, que seja centro e não apenas subúrbio e que faça mover Portugal, ao invés de ser movido pelos outros portugueses.

Se o elevador social parece estragado para a maioria dos portugueses, para outros parece que lhes está vedada a entrada. Noutros países, os portugueses brancos – que deixaram de ser só portugueses há gerações – enquanto minoria, têm conseguido romper barreiras, chegar à classe média, ocupar cargos políticos e até, escândalo(!), viver em alguns dos mesmos bairros não tão periféricos. Em Portugal, os nacionais de cor de pele mais escura não. *Mas* (é a última, prometo) o que é que eu sei se, afinal de contas, nem consigo responder à pergunta a que me propus replicar. Tenho a certeza de que o leitor saberá melhor do que eu.

Professor e investigador - Universidade Lusófona

Fontes anónimas devem ser a excepção, não a regra

Coluna do Provedor



José Alberto Lemos

A notícia dava conta de críticas de "dirigentes" do PS à liderança de Pedro Nuno Santos. E também mereceu críticas de leitores


JOSÉ SENA GOULÃO/LUSA

O tema é recorrente e ainda em Junho passado foi objecto desta coluna. Quando as fontes não querem dar a cara nas críticas que fazem, a notícia presta-se a interpretações indesejáveis e a sua credibilidade fica fragilizada.

Desta vez, o artigo saiu a 12 de Julho e o título dizia "Socialistas preocupados com liderança de Pedro Nuno Santos". O antetítulo falava de "Descontentamento no PS em relação ao actual secretário-geral" e a entrada acrescentava que "a imaturidade do novo líder ao dizer que não viabilizaria o Orçamento, o distanciamento da tradição do partido e da sua história estão a criar perplexidade". Foi abertura da Política e teve uma chamada à primeira página que repetia o título no interior.

A notícia revelava que "a estratégia da liderança" de Pedro Nuno Santos (P.N.S.) "é vista de forma crítica por vários dirigentes, mesmo entre os que o apoiaram na campanha interna". E enumera várias dessas críticas.

A saber: o facto de o líder ter dito que era "praticamente impossível" o PS aprovar o Orçamento do Estado para 2025 foi considerado "demonstração de precipitação e imaturidade política"; que o líder dirigia o partido "fechado sobre si mesmo" e ouvia "poucas pessoas"; que mais do que "renovar" pretende "refundar" o partido e posicioná-lo "demasiado à esquerda"; que está em curso "uma alteração de linha política", um "afastamento" e uma vontade de "romper com o legado" de António Costa; que o líder "não se identifica com a história do PS" nem com a sua "tradição".

Todas estas críticas são atribuídas a "vários dirigentes", incluindo alguns que "apoiaram" Pedro Nuno Santos na luta pela liderança do partido, mas ninguém é citado na notícia. Este anonimato total gerou "perplexidade" em dois leitores, que recorreram à ironia.

"Inacreditável! Leio o artigo e fico perplexo. É obra, a coisa é forte. Segundo o título, os socialistas em geral, se não todos, estão preocupados com a liderança de P.N.S.. Quem, quantos, não se sabe", diz João Carlos Lopes, que contabilizou 13 referências a "dirigentes" na peça. "É muito dirigente!", ironiza.

Este leitor fala de "jornalismo conspirativo" que, "podendo não o ser, tresanda a encomenda". E pergunta: "Vamos ser sérios. Quantos dirigentes ouviu a jornalista? Cinco, dois, um? Representam o quê? Quem são eles, ao menos um? Se não quiseram revelar a identidade, que razão esteve nessa recusa? Que intuitos estão por trás de só quererem falar sob anonimato? Que credibilidade significa isso para a jornalista que os ouviu e sobretudo para os leitores?"

João Carlos Lopes garante que não votou em P.N.S. e por isso está "à vontade para dizer que o artigo, não respeitando as regras deontológicas pisadas e repisadas pelo provedor em circunstâncias idênticas, em nada abona a marca" do jornal.

Já Adão Pereira da Luz pergunta que critério presidiu à publicação da peça e justifica-a com a *silly season*. "O que li foi um conjunto de fofocas, intrigas, mexericos, politiquice rasca, sempre a coberto de 'fontes' inquinadas de 'vários dirigentes', com a estrutura habitual de *silly season*. Uma verdadeira lavagem de roupa suja!"

Prossegue este leitor: "O que li não é simpático para uma redactora principal do jornal, que, sem citar uma só fonte a quem pusesse o nome, parte para a campanha *silly*. É obra!" E sugere uma "reflexão", perguntando se o caso "não deveria merecer um maior cuidado por parte de uma jornalista com tantos anos de contacto com fontes".

O provedor remeteu as críticas à jornalista em causa, São José Almeida, que rejeitou "qualquer falta de credibilidade". "Como escrevi, falei com vários dirigentes do PS, incluindo dirigentes que apoiaram o actual secretário-geral. Aliás, foi um texto que levou semanas a ser construído, precisamente para ter solidez em relação ao que iria escrever", revelou.

Sobre o facto de nenhum deles ter sido identificado, foi peremptória: "Penso que é evidente que nenhum dirigente estaria disponível para falar em *on* sobre este assunto. Mesmo assim, fiz questão de deixar expresso que todas as conversas que tive para esta notícia foram com dirigentes do partido. A opção por esta formulação foi precisamente para não afunilar e permitir a identificação de dirigentes de órgãos restritos do partido. Acrescento que considerei o assunto de interesse público. Por isso, escrevi."

Invocando a experiência de 34 anos no PÚBLICO a fazer textos "sobre a vida interna dos partidos com fontes em *off*", São José Almeida cita o ponto 72 do Livro de Estilo do jornal em defesa da sua opção: "Quando o jornalista está em condições de assumir a informação - isto é, quando a confirmou junto de várias fontes independentes entre si, embora todas tenham exigido o anonimato - deverá noticiá-la sem necessidade de recorrer às habituais, retóricas e desacreditadas fórmulas do género 'fonte digna de crédito', 'fonte segura' ou 'fonte próxima de'. (...) Um jornal bem informado não precisa de justificar permanentemente as suas notícias. Assume-as e responsabiliza-se por elas."

Sendo correcta, esta citação do Livro de Estilo não é a que mais se aplica à questão levantada pelos leitores. O ponto 72 refere-se à fórmula mais adequada de redigir uma notícia com fontes anónimas, não ao modo de lidar com o problema do anonimato das fontes. Ou seja, as fórmulas "retóricas e desacreditadas" que citam fontes por tudo e por nada são abolidas, mas substituí-las por "vários dirigentes" não resolve o problema de fundo.

E esse é o que está nos pontos 74, 75 e 76, no capítulo denominado precisamente *anonimato e off-the-record*. Neles se diz que "o sigilo deve ser admitido apenas em último recurso e só quando não há outra forma de obter a informação"; que "o anonimato e o *off-the-record* devem ser considerados excepções, (...) não são formas de incitamento à irresponsabilidade das fontes"; que "o jornalista deve sempre confrontar a fonte que exige o anonimato com a real necessidade de tal exigência, não aceitando com facilidade a evocação prévia de tais compromissos sobre assuntos em que a fonte nada tem a temer"; que "o anonimato também não pode ser um convite à desresponsabilização do jornalista, como se atribuir uma informação a uma fonte anónima fosse suficiente para a correcta realização do seu trabalho".



É a própria jornalista que se preocupa em reforçar o anonimato das fontes, ocultando-as o mais possível. É o mundo ao contrário

O provedor sabe, por experiência própria, que não é fácil fazer notícias sobre bastidores partidários sem recurso a fontes anónimas e não acompanha a ironia dos leitores na desvalorização da peça, que tem um enquadramento correcto e explicita os argumentos políticos que fundamentam as críticas ao líder socialista.

Mas há aspectos na resposta da jornalista que merecem reflexão. Frases como "penso que é evidente que nenhum dirigente estaria disponível para falar em *on* sobre este assunto" ou "a opção por esta formulação [dirigente] foi precisamente para não afunilar e permitir a identificação de dirigentes de órgãos restritos do partido" sugerem que a autora assume o anonimato e o *off-the-record* como regra e não como excepção. Reforçada, aliás, pela invocação de 34 anos a escrever artigos sobre "a vida interna dos partidos com fontes em *off*". Uma prática longa e interiorizada que dispensará confrontar a fonte com a necessidade de tal exigência, como recomenda o Livro de Estilo.

Mais: quando defende o uso da formulação vaga de dirigentes para não permitir a sua identificação como membros de "órgãos restritos do partido", é a própria jornalista que se preocupa em reforçar o anonimato das fontes, ocultando-as o mais possível. É o mundo ao contrário.

E, no entanto, tinha na peça um elemento importante para mitigar o problema. Quando diz que alguns dos dirigentes com quem falou foram apoiantes internos de Pedro Nuno Santos, poderia ter identificado as suas críticas ao líder por contraposição às dos que foram seus opositores. Bem como poderia ter revelado a que órgãos do partido pertencem os que o criticaram. Saber se quem critica o líder é membro da Comissão Política, da Comissão Nacional, de uma distrital, de uma concelhia, ou saber se o apoiou na luta pela liderança ou foi seu opositor interno são dados relevantes politicamente. E sê-lo-iam para a credibilidade da peça.

São essas as boas práticas da imprensa internacional de referência. Há sempre uma preocupação em dar elementos ao leitor, pistas sobre o posicionamento das fontes, o seu enquadramento institucional e, sobretudo, quantas contribuíram para o artigo.

Pelo contrário, ocultar todas as fontes sob a designação de dirigentes, sem dar mais pistas, sem sequer dizer com quantas pessoas se falou, legitima as críticas ao artigo e favorece os que gostam de instrumentalizar os jornais para, a coberto do anonimato, alimentar a intriga política em detrimento do salutar debate democrático aberto.

provedor@publico.pt

Há 11 governantes a receber subsídio de alojamento. Montenegro não é um deles

Comparativamente com o último executivo de António Costa, este Governo foi mais rápido a pedir o apoio ao alojamento previsto para governantes que residam a mais de 150 quilómetros de Lisboa

Liliana Borges

São 11 os governantes – dois ministros e nove secretários de Estado – a receberem ajudas de custo para alojamento dos membros do executivo que não têm residência em Lisboa. Desde que este Governo tomou posse, o primeiro-ministro já assinou 11 despachos. O número, calculado com base nos despachos disponibilizados até à data em *Diário da República*, fica atrás dos 13 membros do anterior executivo que pediram o mesmo apoio ao longo dos dois anos de mandato. Com muitos dos seus 59 governantes com residência fora de Lisboa – a maioria em Braga, Porto, Aveiro, Évora ou Coimbra –, Luís Montenegro mantém como morada principal a sua residência em Espinho, mas abdicou do subsídio.

Depois de um primeiro olhar para o total de despachos, há uma ressalva a fazer: embora o número de governantes que pediram este apoio esteja já colado ao número do anterior executivo, este Governo foi mais célere nos pedidos. Nos primeiros seis meses do XXIII Governo, nenhum governante pediu este apoio (apenas chefes de gabinetes o fizeram). Foi só a partir de Agosto – e com especial incidência em Dezembro – que estes pedidos passaram a ter luz verde de António Costa, embora com efeitos retroactivos. Assim, seguindo a tendência de executivos anteriores, é expectável que o número de governantes a solicitar este subsídio possa subir.

A autora do pedido mais recente foi a secretária de Estado da Saúde, Ana Povo. A governante optou por manter a sua morada no Porto, onde é professora associada convidada no Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar.

Tal como se verificava no Governo de Costa, a maioria dos pedidos chega de secretários de Estado. Neste Governo, até agora, só ainda dois ministros decidiram pedir este subsídio: o ministro de Estado e dos Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel, e o ministro da Educação, Ciência e Inovação, Fernando Alexandre.

Depois de ter vivido entre o Porto e Bruxelas desde 2009, enquanto exerceu o cargo de eurodeputado, o ministro chefe da diplomacia portuguesa mantém a sua residência no Porto, onde é professor na Universidade Católica do Porto e na Porto Business School. Também o ministro da Educação optou por não se afastar totalmente do Minho, onde durante muitos anos deu aulas na universidade.

FOTOS: ANTÓNIO PEDRO SANTOS/LUSA





O ministro da Defesa Nuno Melo "prescindiu" do direito a receber o apoio

Entre os ministros, só Paulo Rangel e Fernando Alexandre pediram subsídio de alojamento

O ministro da Defesa e líder do CDS, Nuno Melo, que inicialmente tinha direito a este apoio – e que, segundo o *Eco*, chegou a pedi-lo –, acabou por, revelou o seu gabinete ao PÚBLICO, "prescindir" do mesmo, após ter decidido mudar a morada de Braga para a residência oficial da pasta que tutela: o Forte de São Julião da Barra, em Oeiras.

Na lista de despachos assinados pelo primeiro-ministro constam ainda José Cesário, secretário de Estado das Comunidades Portuguesas; Álvaro Castelo Branco, secretário de Estado Adjunto e da Defesa Nacional; Pedro Dias, secretário de Estado do Desporto; Lurdes Craveiro, secretária de Estado da Cultura; Carlos Abreu Amorim, secretário de Estado Adjunto e dos Assuntos Parlamentares; Jorge Campino, secretário de Estado da Segurança Social; Maria José Barros, secretária de Estado da Justiça; e Maria Clara Figueiredo, secretária de Estado Adjunta e da Justiça.

Eanes promulgou apoio

O subsídio de alojamento está previsto na lei desde 1980, promulgado pelo então Presidente da República António Ramalho Eanes, por o poder legislativo considerar que "o exercício de funções governativas implica a fixação em Lisboa dos membros do Governo, não podendo, por isso, aqueles que habitem a considerável distância da capital deixar de transferir a sua residência para esta cidade".

De lá para cá, a lei sofreu alterações. A mais recente aconteceu em 2012, durante o Governo liderado por Pedro Passos Coelho. Em plena intervenção externa da *troika*, o executivo de Passos Coelho diminuiu o valor do subsídio e restringiu os critérios, alargando a distância considerada de 100 para 150 quilómetros em relação a Lisboa. Já a percentagem original de 75% das ajudas de custo foi reduzida para 50%.

Fazendo contas, e com o valor das ajudas de custo estabelecidas para as remunerações-base superiores ao nível remuneratório 18 fixado nos 62,75 euros por dia, os governantes podem receber até 690,25 euros brutos pelos 22 dias úteis de trabalho por mês. No caso dos secretários de Estado, este valor soma-se ao salário de 4760 euros brutos. No caso dos ministros, o subsídio de alojamento é somado ao salário de 5060 euros por mês, também brutos. Contas feitas, por ano, cada governante que receba este apoio somará 8283 euros à sua conta.

No último executivo liderado por António Costa, 13 governantes pediram este apoio. No primeiro ano, o número rondou apenas seis governantes, mas nos dois anos seguintes o número de despachos a atribuir este subsídio foi crescendo – consequência, também, das várias remodelações que foram ocorrendo.

Entre os 13 governantes que pediram este subsídio estavam apenas dois ministros: o então ministro da Administração Interna, José Luís Carneiro, e o ministro da Saúde, Manuel Pizarro, que manteve a sua morada de residência no Porto. Os restantes governantes eram secretários de Estado.

A lista completa incluía o secretário de Estado do Mar, José Maria Costa; a secretária de Estado do Turismo, Rita Marques; o secretário de Estado do Ensino Superior, Pedro Nuno Teixeira; a secretária de Estado da Promoção da Saúde, Margarida Fernandes Tavares; o secretário de Estado do Planeamento, Eduardo Pinheiro; o secretário de Estado da Mobilidade Urbana, Jorge Delgado; a secretária de Estado da Habitação, Maria Fernanda Rodrigues; o secretário de Estado da Digitalização e da Modernização Administrativa, Mário Campolargo; o secretário de Estado do Tesouro, Pedro Sousa Rodrigues; e a secretária de Estado da Administração Interna, Isabel Oneto.

Hugo Soares está dividido entre Trump e Harris mas em 2016 rejeitava o republicano

Ana Bacelar Begonha

O secretário-geral social-democrata dizia, em 2016, que "votaria em qualquer candidato que se apresentasse contra Trump"


NUNO FERREIRA SANTOS

Há oito anos, líder do grupo parlamentar do PSD preferia qualquer outro candidato do que Donald Trump

O braço direito do primeiro-ministro, Hugo Soares, não consegue escolher entre apoiar Donald Trump ou Kamala Harris para a Presidência dos Estados Unidos da América, posição que lhe está a valer críticas. Mas nem sempre teve dúvidas quanto à escolha entre Trump e um candidato democrata: em 2016, o líder parlamentar do PSD garantia que "votaria em qualquer candidato que se apresentasse contra Trump".

Apesar de defender que tem "discordâncias profundíssimas com a forma de estar e de fazer política de Donald Trump", o também secretário-geral social-democrata afirmou, numa entrevista ao *Expresso* ontem publicada, que "teria muita dificuldade" em decidir se votaria em Trump ou Harris. E justifica-o com o facto de conhecer "muito pouco" da vice-presidente dos Estados Unidos, que diz não ter "marcado" o suficiente durante o seu mandato para que se "pudesse conhecer profundamente o seu pensamento".

Mas quando Donald Trump disputou as eleições presidenciais com Hillary Clinton, em 2016 – ou seja, ainda antes de ter sido eleito Presidente dos Estados Unidos – Hugo Soares garantia que votaria em qualquer outro nome. "Não votaria no candidato democrata em nenhuma outra circunstância, mas votaria em qualquer candidato que se apresentasse contra Trump", disse ao *Expresso* o então vice-presidente da bancada do PSD. O PÚBLICO contactou Hugo Soares sobre esta mudança de posição, mas o dirigente do PSD não quis comentar o tema.

Ex-líderes sem posição

Esta não é a primeira vez que os sociais-democratas não tomam posição entre um candidato democrata e Trump. Embora deixando críticas ao mesmo, também Passos Coelho, antigo primeiro-ministro, e Luís Montenegro, actual chefe do Governo, não optaram entre o candidato republicano e Hillary Clinton há oito anos, fazendo equivalências entre os dois.

"Nunca embarquei muito nesta ideia de que o novo Presidente norte-americano é tão mau, tão mau, tão mau, que representaria uma força do mal tão grande, que tinha de sair derrotada", declarou Passos Coelho, em entrevista à Rádio Renascença. O social-democrata explicou, na altura, que a vitória de Trump "não é o resultado que esperaria", mas que "também não estava entusiasmadíssimo com o resultado oposto", acusando tanto Trump como Clinton de terem um "toque" populista, ainda que "mais exponenciado" por Trump.

"Estaria tentado a abster-me", disse, por sua vez, Luís Montenegro, antes das eleições, argumentando também que não o "entusiasma nem um nem outro". "O candidato republicano não tem condições, Hillary Clinton não traz nada de novo", sintetizava em 2016, ao *Expresso*, quando era líder parlamentar do PSD.

Esta ambiguidade do PSD em relação aos candidatos norte-americanos não é exclusiva dos actos eleitorais em que Donald Trump concorreu. Em 2008, por exemplo, o PSD fez-se representar tanto na convenção do Partido Democrata, cujo candidato era Barack Obama, como na do Partido Republicano, que tinha como candidato John McCain. Mas está a suscitar críticas de várias figuras da esquerda e do centro por se tratar de Trump, populista e de direita radical, a quem acusam de pôr em causa a "salubridade do mundo" e os "valores democráticos" e sinalizam que foi condenado e acusado de vários crimes.

Nas redes sociais, multiplicam-se as publicações de repúdio às afirmações de Hugo Soares. "O PSD a que chegámos...", lamentou Eurico Brilhante Dias, dirigente e ex-líder parlamentar do PS. "'Um alto responsável político' não pode andar por aí a alegar desconhecimento acerca de questões básicas para a salubridade do mundo em que vivemos", defendeu Porfírio Silva, dirigente e ex-deputado do PS, que questionou se "não bastaria a Hugo Soares (...) conhecer o 'pensamento' de Trump para orientar uma decisão".

Pelo PAN, a porta-voz, Inês Sousa Real, considerou que as declarações de Hugo Soares mostram "o desnorte do PSD" e avisou que "as eleições dos EUA são mais do que sobre diferenças ideológicas, são sobre decência e preservação de valores democráticos". Já Joana Mortágua, deputada e dirigente do Bloco de Esquerda, insinuou que Hugo Soares fez "apoios envergonhados ao líder espiritual da extrema-direita", lembrando como Trump já foi "condenado por abuso sexual" ou que "acha que o aquecimento global é uma invenção".

Por outro lado, Vasco Rato, professor de ciência política e relações internacionais e ex-dirigente do PSD, considera que os políticos devem manter uma "neutralidade absoluta" em relação às eleições de outros países. "A tarefa de um responsável político é lidar com outros Estados que são soberanos para seguirem as suas lideranças", diz ao PÚBLICO, apontando que fazer declarações sobre os potenciais líderes de outros países "pode ter consequências muito significativas no futuro no que toca à relação dos Estados".

O também ex-presidente da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento (FLAD) considera, por isso, positivo que Hugo Soares não tenha feito uma "declaração de preferência", mas sublinha que seria "preferível simplesmente não falar sobre o assunto". "É uma declaração desproporcionada, um responsável político português não tem nada a ver com o assunto", argumenta.

PCP terá candidato a Belém e Raimundo não exclui avançar

O secretário-geral do PCP assegurou ontem que o partido vai avançar com uma candidatura própria às próximas eleições presidenciais, e deixou em aberto a hipótese de entrar na corrida a Belém. Em declarações aos jornalistas à margem da sessão político-cultural "Camões – Poeta do povo num mundo em mudança", no âmbito do quinto centenário do nascimento do poeta Luís Vaz de Camões, em Lisboa, Paulo Raimundo afirmou que o partido vai "criar condições para ter uma força, uma voz, para a batalha das presidenciais".

"O que temos assumido em congresso é aproveitar as possibilidades que as eleições presidenciais nos dão para afirmar a nossa própria linha, afirmar desde logo uma coisa muito importante que mais ninguém afirma sem sermos nós, que é um livrinho que se chama Constituição da República Portuguesa [e] tem sido o nosso instrumento de luta", explicou o líder do PCP.



Paulo Raimundo

Questionado sobre a possibilidade de vir a ser o candidato do PCP nessa disputa eleitoral, Paulo Raimundo começou por afirmar que ainda "não tinha pensado" nessa hipótese, mas acabou por admitir que "não nega à partida uma ciência que desconhece" e que esse é um cenário que "fica em aberto".

Nas últimas eleições, o candidato comunista foi João Ferreira, ex-eurodeputado e actualmente vereador da Câmara Municipal de Lisboa, que foi o quarto candidato mais votado, com 4,3% dos votos.

A eleição do próximo Presidente da República está agendada para o mês de Janeiro de 2026, e os portugueses vão eleger o sucessor de Marcelo Rebelo de Sousa, que atingiu o limite de dois mandatos consecutivos em Belém. **Lusa**

Partos em ambulâncias disparam. Bombeiros contaram 13 só em Julho

Com a "crise" dos serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia, que se agudiza no Verão por causa das férias dos médicos, esta estatística aumentou, garantem os bombeiros que fizeram um levantamento

Alexandra Campos

LUIS CORTES/REUTERS



Bombeiros garantem que transportes de grávidas, que normalmente faziam em menos de meia hora, estão a durar uma hora e muito mais

O caso mais recente aconteceu no início desta semana no Algarve, em plena Via do Infante, na A22. Com a urgência de obstetrícia do Hospital de Portimão encerrada por falta de médicos em número suficiente para completar as escalas, os Bombeiros de Portimão viram-se obrigados a "fazer de parteiros improvisados em plena Via do Infante", apoiados pela equipa da Viatura Médica de Emergência e Reanimação (Vmer), noticiou um jornal local. A grávida acabou por dar à luz por volta das 6h20 a caminho do Hospital de Faro, perto de Albufeira. Portimão fica a cerca de 70 quilómetros do Hospital de Faro, que tem sido, nos últimos dias, a única maternidade pública aberta no Algarve.

Os partos em ambulâncias dispararam, segundo a Liga dos Bombeiros Portugueses (LBP), que, para ter uma ideia da dimensão do fenómeno, se lembrou de pedir um levantamento – e este permitiu contabilizar "13 partos" em ambulâncias de corporações, só no mês de Julho, uma média que afiança ser "substancialmente superior" à habitual. Não é uma estatística rigorosa. "Em média, por mês, antes dávamos assistência a um parto", calcula, por alto, Marco Martins, vice-presidente da LBP.

Com a "crise" dos serviços de urgência de ginecologia-obstetrícia, esta estatística aumentou, asseveram os bombeiros. Os partos em ambulâncias sempre aconteceram, mas, com maternidades a fechar e a abrir rotativa e intermitentemente e a informação a ser actualizada dia a dia, os bombeiros não têm mãos a medir e são chamados a transportar grávidas por "centenas de quilómetros", nota Marco Martins.

"Agora, estamos a fazer transportes de grávidas, que normalmente fazíamos em menos de meia hora, numa hora e por vezes muito mais", afirma. E isto tem um impacto não negligenciável no trabalho dos bombeiros. "São constrangimentos adicionais, porque os nossos meios acabam por ficar retidos e isso afecta o transporte de doentes para outros locais. O problema é que os meios ficam indisponíveis para socorro", lamenta.

"Decidem fechar as maternidades e os bombeiros que arranjem ambulâncias. Até agora, temos tido capacidade para dar resposta, mas podemos deixar de ter", avisa António Nunes, presidente da LBP. Lembrando que o risco é acrescido porque, apesar de os bombeiros terem todos formação básica para assistir um parto e fazerem partos normais com relativa facilidade mesmo sem a ajuda diferenciada de médicos e enfermeiros das Vmer, um dia "pode correr mal".

O autor do levantamento foi Jorge Mendes, ex-comandante dos Bombeiros de Cabo Ruivo, que tratou de consultar as "ocorrências" nos relatórios de actividades de cerca de metade das mais de 400 corporações do país para tentar apurar se o que parecia tão evidente – que os nascimentos nas ambulâncias se estavam a suceder a um ritmo inusitado – tinha confirmação. E concluiu que sim. "A média de partos em 2023 não chegava a um por mês e, este ano, entre 1 e 31 de Julho, contei 13 partos, sobretudo em regiões do país onde não há atendimento de obstetrícia nos hospitais."

São dados nacionais, mas os distritos mais visados são aqueles onde há mais problemas, como "Setúbal, Lisboa e Leiria", precisa. "Se fosse como antigamente, tínhamos crianças a chamar-se A23, IP1...", brinca. E nesta contabilidade não entram eventuais nascimentos assistidos nas Vmer – a assessoria do INEM afirma que não realiza esse tipo de contabilidade –, tal como não são contabilizados os partos noutros locais.

"Há outro fenómeno que parece estar a acontecer, pelo menos pelo *feedback* que temos", acrescenta. "Antigamente, as parturientes na primeira gestação, assim que tinham uma dor, dirigiam-se ao hospital. Agora por vezes não fazem isso, porque sabem que vão andar de um lado para o outro. E optam por ligar para o CODU [Centro de Orientação de Doentes Urgentes] do INEM, porque nunca sabem para onde vão. Mas às vezes ligamos para o CODU e eles têm de ir ver quais são as maternidades que estão abertas porque a informação está sempre a ser actualizada. Graças a Deus, parir é um acto natural, mas por vezes temos partos mais complexos, como os pélvicos ou os cefálicos", suspira. O ex-comandante acrescenta um problema suplementar: "Falamos muito nas parturientes, mas a situação é mais grave, porque temos situações de doença súbita com espera de atendimento superior a uma hora."

Quem esmiuçou as estatísticas foi Correia de Campos, quando era ministro da Saúde, e encerrou uma dezena de maternidades, entre 2006 e 2007. Nessa altura, sucederam-se as notícias dos nascimentos em ambulâncias. Duarte Caldeira, então presidente da Liga dos Bombeiros, garantia que estavam a aumentar. Correia de Campos defendeu que não era assim e até alegou que o número tinha diminuído, exibindo estatísticas que indicavam que tinha havido 126 partos em ambulâncias em 2004, 85 em 2005 e 81 em 2006. Correia de Campos acabou por se demitir e não se fez a contabilidade dos anos seguintes.

Encerramentos

A urgência de obstetrícia e ginecologia de Leiria volta a fechar este fim-de-semana, bem como a das Caldas da Rainha. Amanhã, também Abrantes estará fechada, o que significa que a Região Oeste voltar a estar sem maternidades a funcionar. No total, hoje estarão encerrados cinco serviços de urgência de obstetrícia e ginecologia, número que sobe para seis amanhã. São Bernardo, em Setúbal, Vila Franca de Xira e Portimão estarão fechadas, Santa Maria e Almada estarão referenciadas apenas para receber casos indicados pelo INEM, bem como a urgência do São Francisco Xavier.

DGS reforça recolha de carraças após caso de morte por febre hemorrágica Crimeia-Congo

Ana Maia

Primeiro caso foi de um idoso de Bragança. Autoridade de saúde afasta risco de surto. Transmissão ocorre por picada

A Direcção-Geral da Saúde (DGS) confirmou ontem o primeiro caso de febre hemorrágica da Crimeia-Congo (FHCC) em Portugal, "uma doença transmitida por carraças infectadas pelo vírus". O doente, com mais de 80 anos, morreu e a infecção foi confirmada laboratorialmente após a sua morte. Em comunicado, a DGS adianta que não foram detectados mais casos e que não há risco de surto, mas foi intensificada recolha de carraças para despiste.

A confirmação laboratorial data de 14 de Agosto, após a morte do idoso, de nacionalidade portuguesa e residente no distrito de Bragança. Os primeiros sintomas de doença iniciaram-se a 11 de Julho. O homem – que "realizou actividades agrícolas durante o período de incubação" – foi internado no Hospital de Bragança, "por sintomatologia inespecífica e acabou por falecer".

"As amostras biológicas foram testadas, *post mortem*, para vários agentes, incluindo o vírus da FHCC, com resultados positivos a 14/8/2024, pelo laboratório de referência nacional – Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge", explica a DGS.

Perante a situação, as autoridades de Saúde "iniciaram a investigação epidemiológica" e a identificação de contactos. O doente "não tinha historial de viagem para fora do país, tendo participado em algumas actividades ao ar livre na área de residência". A DGS adianta que "não foram identificados contactos com eventuais sintomas nem casos adicionais da doença" e esclarece que "não há risco de surto nem de transmissão de pessoa para pessoa, evidenciando que se trata de um caso raro e esporádico".

Em declarações à Lusa, o subdirector-geral da DGS, André Peralta Santos, deixou "uma mensagem de tranquilidade", lembrando que o vírus se transmite através da picada de carraças infectadas e que "não existe transmissão pessoa a pessoa", enfatizando que a investigação efectuada não revelou quaisquer casos associados ao do cidadão de Bragança.

Recolha de carraças

"Pensamos que o risco para a população em geral será reduzido e que eventualmente podem existir casos


DANIEL ROCHA
Rede de vigilância ainda não identificou carraças infectadas

raros e esporádicos. Houve uma intensificação da recolha de carraças para percebermos se pode haver algum foco com carraças que estejam eventualmente infectadas com este vírus", afirmou. Peralta Santos disse também que a rede portuguesa de vigilância ainda não identificou carraças infectadas e que a intensificação da recolha está a ser feita, "principalmente, na zona norte de Portugal e fronteiriça com Espanha".

"Estivemos sempre em articulação com os colegas espanhóis e o Centro Europeu de Controlo de Doenças (ECDC, na sigla em inglês), em que fazemos uma avaliação do risco, tendo em conta aquilo que conhecemos da epidemiologia da doença e se temos ou não carraças infectadas. Já comunicámos este caso às redes internacionais. A nossa preocupação mantém-se a mesma; o que reforçámos foi a vigilância das carraças e, eventualmente, dos casos que possam aparecer com sintomas compatíveis com esta doença", sublinhou.

Os sintomas habituais associados a esta doença "incluem febre de instalação súbita, dor de cabeça, dores musculares, podendo ocorrer também diarreia, náuseas, vómitos ou conjuntivite". "A doença requer cuidados médicos especializados, devido ao potencial de evolução rápida de agravamento de sintomas e sinais." A DGS explica que a duração do período de incubação depende do modo de contágio do vírus e da carga viral, "podendo ocorrer entre um e três dias (máximo nove) após a picada da carraça ou cinco a seis dias (máximo 13 dias) após contacto com sangue ou tecidos infectados". Peralta Santos notou que a doença mais grave apenas se manifesta em cerca de 20% dos casos, com os restantes 80% a registarem sintomas ligeiros. O alerta da DGS visou também chamar a atenção dos profissionais de saúde para este possível diagnóstico.

"Se estes sintomas, que são muito genéricos, forem mantidos no tempo, requerem sempre a atenção médica e, a partir do momento em que há este contacto médico, inicia-se a jornada de diagnóstico para perceber se pode ser esta doença (ou outra). (...) Este alerta serve também para reforçar a necessidade de pensarmos na eventualidade desta doença, com o quadro de sintomas relativamente inespecífico que pode apresentar", referiu.

Vigilância e recomendações

A DGS adiantou que os casos de FHCC estão "a aumentar nos últimos anos, em especial no contexto de aumento das temperaturas médias no sul da Europa e em Portugal". Espanha registou 16 casos desde 2013, os dois últimos em Abril e Junho de 2024, em comunidades fronteiriças com Portugal. André Peralta Santos reconheceu que as alterações climáticas podem ter no futuro um impacto maior a este nível.

A FHCC é transmitida por carraças infectadas pelo vírus, "nomeadamente as da espécie *Hyalomma lusitanicum* e *Hyalomma marginatum*, que se encontram dispersas em diferentes municípios do país". O Instituto Dr. Ricardo Jorge, através da rede Revive, faz recolha sistemática de mosquitos e carraças que possam ser transmissoras de doenças. O vírus que causa a FHCC não foi detectado, até agora, na rede de vigilância, "o que indica que o risco para a população é reduzido", diz a DGS.

A DGS salienta a importância da adopção de medidas preventivas da picada de carraças e recomenda, em actividades na natureza, "a utilização de roupas de cores claras para que as carraças possam ser vistas e removidas mais facilmente", o uso de blusas com mangas compridas, calças e calçado fechado, o uso de repelentes de insectos sobre o vestuário e a inspecção de roupas, corpo e cabelo após a actividade ao ar livre.

Sociedade

Unidade terapêutica do sistema de justiça juvenil deverá abrir em 2025

Ana Cristina Pereira

Edifício anexo ao Centro Educativo da Bela Vista, em Lisboa, já foi recuperado para o efeito

Já não será este ano, como chegou a anunciar a anterior ministra da Justiça, Catarina Sarmento e Castro, mas deverá abrir no primeiro semestre de 2025 a primeira unidade terapêutica do sistema de justiça juvenil.

De acordo com a Direcção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), foram concluídas as obras de requalificação de um edifício conhecido como Casa Amarela, anexo ao Centro Educativo da Bela Vista, no centro de Lisboa. Neste momento, estão em preparação os processos para equipar o espaço e dotá-lo de recursos humanos.

Segundo a DGRSP, a unidade terapêutica acolherá até um máximo de 20 rapazes e raparigas. Também "prestará serviços ambulatórios a jovens com medida tutelar educativa não institucional – cumprida na comunidade". Essa valência ambulatória, porém, "só será activada após o período experimental de um ano". Existem em Portugal seis centros tutelares educativos destinados a quem comete crimes entre os 12 e os 16 anos e é sujeito a uma medida de internamento em regime aberto, semiaberto, fechado: Santa Clara (Vila do Conde), Santo António (Porto), Olivais (Coimbra), Padre António Vieira, Navarro Paiva e Bela Vista (Lisboa). No dia 31 de Julho de 2024, acolhiam 149 jovens: 125 rapazes e 24 raparigas – 127 em cumprimento de medida tutelar de internamento, 20 em medida cautelar de guarda (equivalente a prisão preventiva), dois em internamento para perícia. Quase todos de nacionalidade portuguesa (135) e a maioria com mais de 16 anos (101).

A maior parte dos jovens foi alvo de processos judiciais provenientes de tribunais situados na área da Grande Lisboa (83). Respondem sobretudo por crimes contra as pessoas – 293 (60,54%), com destaque para as ofensas à integridade física voluntária simples e grave. Seguem-se os crimes contra o património – 169 (34,92%), com destaque para dano, roubo e furto.

A saúde mental é uma preocupação recorrente da Comissão de Acompanhamento e Fiscalização dos Centros Educativos, que todos os anos produz um relatório para a Assembleia da República. Grande parte dos jovens internados necessita não só de psicoterapia, mas também de terapêuticas psicofarmacológicas, sobretudo na primeira fase. À partida, os seis centros estão capazes de prestar atendimento psicológico permanente e acompanhamento pedopsiquiátrico ou psiquiátrico regular. Para o garantir foram celebrados protocolos com entidades externas ou avenças com especialistas dessas áreas.


NUNO FERREIRA SANTOS

No dia 31 de Julho de 2024, estavam acolhidos 149 jovens

No relatório que apresentou no ano passado, a comissão de acompanhamento fez uma avaliação da prestação de cuidados de saúde mental. Concluiu que "o acompanhamento terapêutico prestado aos jovens na vertente de psicologia é, em geral, bom". O mesmo não disse do nível global de acompanhamento pedopsiquiátrico. Esse pareceu-lhe "situar-se no limiar do aceitável".

Entende aquela comissão que os jovens com doenças mentais merecem particular atenção. Desde logo porque "as suas necessidades específicas, ao demandarem um acompanhamento extensivo, sistemático e diferenciado, acabam por monopolizar grande parte dos recursos humanos dos centros educativos, já por si escassos".

Além disso, "a resposta psicoterapêutica actualmente existente, não vocacionada para tratamentos de situações complexas, é insuficiente para fazer face a perturbações mentais severas". E "as exteriorizações comportamentais próprias das doenças mentais provocam instabilidade nos grupos em que estão inseridos e perturbam o normal funcionamento daquelas instituições".

Levada onde morreu jovem não é indicada para turistas

Miguel Dantas e Sofia Neves

Vítima mortal e dois feridos ligeiros apanhados por derrocada são de nacionalidade espanhola. Trilho não é recomendado

Uma derrocada na levada da Água de Alto, na freguesia do Faial, concelho de Santana, na Madeira, provocou ontem a morte de uma jovem espanhola e dois feridos ligeiros. O PÚBLICO apurou que o acidente envolveu uma família de três elementos (pai, mãe e filha), com o incidente a ocorrer no momento em que o grupo se preparava para terminar um trilho, ao chegar a uma cascata.

Em comunicado, o Serviço Regional de Protecção Civil destaca que o caminho onde aconteceu a derrocada não é um trilho classificado pelo Instituto das Florestas e Conservação da Natureza. Também Dinarte Fernandes, presidente da Câmara de Santana, lembrou que não é um percurso recomendado, mas com muita procura por turistas.

"É uma vereda, uma levada, como muitas outras que existem, que não está sinalizada como percurso recomendado, serve essencialmente para transportar água para a agricultura e as limpezas são feitas essencialmente para manter a levada com água a circular", explicou o autarca, notando que "há uns anos a esta parte passou a ser muito utilizada por turistas", que a divulgam sobretudo nas redes sociais.

Ricardo Rosa, comandante adjunto dos Bombeiros de Machico, confirmou à RTP que a vítima mortal, uma jovem de 20 anos, e os feridos ligeiros são de nacionalidade espanhola. O caminho é sobretudo utilizado pelos levadeiros locais, não sendo considerado um "percurso recomendado" para turistas.

"A levada era utilizada pelos habitantes locais, não é considerada um percurso recomendado [para forasteiros], mas, por causa da fama que o local ganhou nas redes sociais, há muitos turistas que a frequentam e, com as publicações que fazem, tornam muito mais apelativo a que as pessoas cá venham", referiu Ricardo Rosa. Os dois feridos ligeiros foram transportados para o centro de saúde para receberem apoio psicológico. O alerta foi dado pelas 13h05 e foram accionados vários meios para o local. A derrocada não estará relacionada com os incêndios que têm assolado a ilha. **com Lusa**

Este ano há um recorde de interdições nas praias mas ministra diz que número se mantém baixo

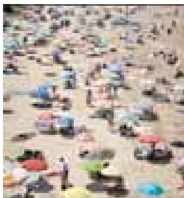
Maria da Graça Carvalho reconhece que o país terá de investir na requalificação do sistema de saneamento básico

Este está a ser "um ano recorde" em interdições nas praias, "mas os números são muito baixos", assinalou, ontem, a ministra do Ambiente e Energia, reconhecendo que é preciso investir na requalificação do sistema de saneamento básico.

Em declarações aos jornalistas na Praia de São Pedro do Estoril, no concelho de Cascais, Maria da Graça Carvalho assinalou que, ontem, das 642 praias do país, só duas costeiras e três fluviais estão desaconselhadas: "São casos pontuais que são imediatamente detectados e que são resolvidos em 24 horas", assinalou a ministra, apontando "origens diversas".

No caso recente da Praia das Moitas, em Cascais, a situação "deverá ter sido provocada" – ainda sem "absoluta certeza" – por "uma quantidade anormal" de "algas estranhas". Já no caso do Algarve, onde há uns dias foram interditadas praias de Quarteira e Vilamoura, tal ficou a dever-se a "uma avaria numa estação elevatória", referiu. "Foi uma coisa muito rápida e passadas 24 horas já estavam aconselhados os banhos outra vez", recordou a ministra, destacando o "grande esforço" de monitorização da Agência Portuguesa do Ambiente (APA).

Graça Carvalho fez questão de assinalar que se "está desaconselhado [é] porque alguém está a medir". "Há muita gente a trabalhar para que se possa vir à praia em segurança e com uma total protecção da saúde pública", frisou, admitindo que há melhorias a fazer, nomeadamente na monitorização *online*, de forma a não desfasar os tempos entre a interdição e as análises. A ministra frisou que "Portugal é um dos países com melhor água", o segundo em praias fluviais e o sexto em praias costeiras, reconhecendo que é preciso investir na injecção de areias e na monitorização da qualidade da água. Graça Carvalho recordou que a última "grande intervenção" no sistema de saneamento básico foi há 30 anos e, por isso, "há muitos equipamentos que precisam de ser melhorados". Ora, "infelizmente, no PRR [Plano de Recuperação e Resiliência, fundos europeus] isso não foi tido em conta", lamentou.



Ontem, das 642 praias do país, só duas costeiras e três fluviais estavam desaconselhadas a banhos

"Temos pouco financiamento europeu [...], tanto para a água como para saneamento básico e também, já agora, para resíduos. São três áreas em que Portugal precisa de muito investimento", constatou, apontando a necessidade de modernização do sistema de saneamento, nomeadamente recuperação das Estações de Tratamento de Águas Residuais. **Lusa**

“Aldeia” para doentes com Alzheimer vai nascer em Valpaços

A Associação de Solidariedade Social de São Pedro está a construir uma estrutura que pretende reproduzir as rotinas de uma aldeia para utentes com doenças neurodegenerativas

Reportagem

Daniela Tavares Texto
Paulo Pimenta Fotografia

A memória começa a falhar, perde-se o fio aos dias, o que acabou de acontecer desvanece-se em segundos. A família procura apoio, respostas, para quem teve uma vida autónoma, mas que a pouco e pouco se vai perdendo dentro de si mesmo ou fica incapaz de cumprir tarefas básicas. Longe de casa, das suas rotinas, o processo tende a acelerar-se, porque desaparecerem as referências que ainda agarram as recordações. Mas e se fosse viável reproduzir a normalidade possível num ambiente controlado? Ir ao cabeleireiro, fazer umas comprinhas, ler o jornal? Viver na própria casa, trocar dois dedos de conversa com os vizinhos, passear livremente pelas ruas mas sempre sob o olhar atento de quem pode imediatamente estender uma mão? Um desafio que vai ser uma realidade em Trás-os-Montes, onde está a nascer uma aldeia para quem tem Alzheimer e Parkinson.

Em Sanfins, concelho de Valpaços, a Associação de Solidariedade São Pedro irá abrir, em 2025, a sua terceira ERPI [Entidade Residencial para Pessoas Idosas], que funcionará, exclusivamente, em apoio a utentes com doenças neurodegenerativas. Assumindo o formato de “aldeia”, nascerá na parte traseira da Residência Sénior São Pedro, sede da instituição, que abriu, em Janeiro de 2014, destinada inicialmente para 28 utentes, tendo já em 2022 sido ampliada para 51 pessoas.

Leonardo Batista, actual presidente da associação, é o principal impulsionador desta iniciativa. Não satisfeito com as condições que já apresentava aos seus utentes e apercebendo-se que a doença de Alzheimer aumentava cada vez mais no país, decidiu actuar. Pesquisou intensivamente sobre soluções para o problema. E encontrou-as na Holanda. Meteu-se ao caminho e foi visitar as instalações de um projecto dedicado em exclusivo a este tipo de utentes.

“Tive de pagar para lá entrar, os holandeses não brincam”, confessa entre risos. “Ao perceber como lá [na Holanda] funcionava, tinha de tentar replicar isso aqui, na minha freguesia. E, graças a muito esforço e boa vontade de muita gente, estamos a conseguir”, conta.

A nova ERPI terá capacidade para 58 utentes e funcionará como uma “aldeia”. Leonardo explica: “A ideia é que os nossos utentes possam ter uma vida normal, como aquela que tinham até chegarem aqui. Espera-se que isso venha a ter um forte benefício ao ajudar a não evoluir a doença, porque, infelizmente, curá-la, ainda não é possível.”

Leonardo está visivelmente orgulhoso do projecto e diz ao PÚBLICO: “O melhor é vermos com os nossos próprios olhos.” Ao entrar-se nas futuras instalações, o avanço já é notório. A estrutura está montada e a obra já começa a ganhar forma. Leonardo traça o caminho, mostrando “os cantos à casa”. “A ideia é criar aqui, no piso inferior, uma espécie de minicentro comercial. Teremos um minimercado, um cabeleireiro, sapataria, lojas de roupa, quiosque. No fundo, tudo aquilo que os pacientes tinham no seu dia-a-dia”, relata.

Liliana Martins, directora técnica da instituição, explica como tudo funcionará: “Teremos colaboradores responsáveis por cada loja e o objectivo é, consoante a avaliação da demência de cada utente, sabermos até que ponto é que nós vamos conseguir manter ali essa parte da rotina dele.” Serão “utentes que ainda estão numa situação muito inicial da doença, que ainda têm minimamente perceptibilidade de algumas situações, e que, consoante os dias e o estado da própria doença, serão estimulados”, acrescenta. E clarifica: “Claro que eles não compram efectivamente, porque não têm dinheiro, mas o objectivo é estimular a realidade que até então o utente tinha.”

> **“A ideia é que os nossos utentes possam ter uma vida normal, como a que tinham até chegarem aqui”**

Outro dos equipamentos que o espaço terá – e essa é uma originalidade portuguesa – é um restaurante. Liliana Martins refere que a ideia é importante, principalmente para os familiares. “Obrigar um doente de Alzheimer a sair da sua zona de conforto e a estar exposto a uma situação que não é a dele vai, certamente, perturbá-lo, deixando a família também numa situação desconfortável”, comenta. A existência de um restaurante a que se habituou permite o conforto desejado por todos. Esta é uma situação emocionalmente exigente, explica, adiantando que o processo de aceitação por parte da família do estado de saúde do utente é quase equiparado ao processo de um luto, passando pela fase da negação até à aceitação. É, por isso, importante para a direcção da futura residência estarem dotados de uma equipa multidisciplinar, em funcionamento todos os dias, 24 horas, de forma a proporcionar o melhor acompanhamento, tanto a utentes, como aos seus familiares.

A unidade contará com quartos individuais, duplos ou triplos, que apresentarão diferentes preços. Os quartos estarão posicionados em diferentes pisos, com diferentes cores, de forma a ilustrar os diferentes estágios da doença, facilitando a tentativa da sua estagnação. Tal como salienta a directora técnica, “não é possível curar a doença ou retrocedê-la”. “Aquilo que tentaremos fazer é estagnar ao máximo a sua evolução”, refere.





O projecto pretende dar uma vida o mais normal possível a estes utentes para estagnar o declínio

Pioneiros até na rádio

E, para tentar estagnar o avanço da demência, todos os instrumentos são cruciais, com destaque para os que estimulam a comunicação. Por isso, a associação criou a Rádio Renascer, uma rádio *online*





dedicada aos idosos. "Têm feito aqui várias actividades, nomeadamente novelas, e isso para mim enche-me de alegria, porque podemos proporcionar mais uma actividade aos utentes", destaca Leonardo Batista. O responsável considera que a rádio tem feito a diferença, tanto para os idosos, que vão participando nos programas, como para quem os ouve, que, na grande maioria das vezes, são familiares que estão no estrangeiro e conseguem, desta forma, encurtar a distância.

Patrícia Moura Pinto era jornalista no *Correio da Manhã*, mas mudou completamente de azimute. Com todo o prazer, como explica: "É sempre um grande desafio. Uma coisa é seres jornalista e fazeres reportagens sobre aquilo que é a actualidade. Outra completamente distinta é fazeres a programação para uma rádio com idosos, onde cada um tem as suas limitações e as suas especificidades. Nós, felizmente, ainda temos idosos muito conscientes e orientados, mas temos outros que já estão mais débeis."

Os programas são variados e vão desde a leitura de poemas e do terço até aos famosos discos pedidos, tendo a rádio já atingido 450 mil ouvintes. Patrícia pensa agora em realizar um novo programa, em que os idosos terão a oportunidade de partilhar com a comunidade que os ouve a sua história de vida. Ideia que agrada bastante a Leonardo Batista.

O objectivo de Patrícia, que está à frente do projecto há pouco mais de quatro meses, passa também por dar mais visibilidade, não só aos projectos da Associação de Solidariedade Social de São Pedro, como a toda a região de Valpaços.

Uma das suas primeiras iniciativas foi a realização de tertúlias. A primeira contou com a presença de todas as IPSS do concelho e o balanço foi tão positivo que realizaram a segunda. O tema desta centrou-se na agricultura, também com ligação ao concelho. A próxima estava pensada para focar a área do desporto, mas os jogos do Euro 2024 estragaram as contas e ficará agendada para Setembro.

Lucília Ambrósio, 73 anos, é a primeira a tomar a iniciativa de contar a sua experiência. É utente do lar de São Pedro, em Sanfins, há cerca de dois anos. De início, confessa-nos que não aceitou de bom agrado a ideia de deixar a sua casa e ir para um sítio novo. "Aquilo era muito estranho. Não conhecia as pessoas, não conhecia ninguém. Mas fui-me habituando às meninas e pronto, já é normal para mim estar aqui."

Programa o seu dia, mediante as opções que os doutores, como carinhosamente trata os colaboradores, lhe apresentam, mas confessa-nos que não abdica nem da sua hora do terço nem de uma boa leitura. "Gosto muito de ler, vou para o meu quarto, vou para a salinha do terço e faço o meu programa à minha maneira", diz, adiantando ser uma apreciadora de Eça de Queirós.

Já Evangelina Barreira, de 72 anos, diz-nos, visivelmente emocionada, que, contrariamente à amiga, ainda não se adaptou à sua nova realidade. Sente ainda muito a falta dos seus e refugia-se no seu quarto, a olhar para as suas fotografias, que são agora memórias de outros tempos felizes. Porém, Lucília rapidamente a anima e relembra-a das amizades que lá criou: "Tenho cá umas amigas e isso ajuda a passar o tempo."

Problemas? Também há

Apesar de as ideias e projectos não faltarem, nem tudo são rosas. A falta de mão-de-obra é um problema com que a equipa da Associação de Solidariedade de São Pedro se debate há vários anos, o que se complica ainda mais, dadas as exigências em relação à qualificação dos colaboradores. São os imigrantes que mais resposta lhes têm dado, contando já com trabalhadores brasileiros, colombianos e oriundos dos PALOP.

"Não temos mão-de-obra, quanto mais qualificada. Vamos trabalhar com o que temos e com quem quer trabalhar connosco. A ideia passa por, de Janeiro em diante, fazer uma formação intensiva com quem está a trabalhar connosco. Ainda estamos a perceber como se irá realizar, numa parceria com a Alzheimer Portugal, ou será até mesmo com a CRE Alzheimer, de Espanha, enviando a equipa uma semana para lá, em Salamanca. A teoria é importante, mas também é importante conciliar com a prática", explica Leonardo Batista.

Também a concretização do projecto da "aldeia" não tem corrido como previsto. Com previsão de conclusão, numa fase inicial, em Outubro deste ano, os prazos já derraparam. E o que inicialmente estava previsto rondar os 1,7 milhões de euros, subiu para os 2,5 milhões. O investimento foi garantido por um financiamento de um milhão e meio do PARES (Programa de Alargamento da Rede de Equipamentos Sociais) e por 400 mil da autarquia de Valpaços, tendo o restante sido suportado pela instituição através de empréstimos bancários, explica ao PÚBLICO o responsável. "Com a revisão de preços dos materiais e o recheio do edifício, a obra chegará, facilmente, aos três milhões de euros", calcula.

Agora, a sua inauguração está prevista para Março de 2025, mas o atraso não parece incomodar os futuros utentes e familiares. "Já temos sido contactados e muito requisitados até", admite. De salientar que a nova estrutura será alvo de um protocolo com a Segurança Social, sendo assim acessível a qualquer classe social. "É importante desmistificar a ideia de que será um lar só para ricos. Não. É um lar para toda a gente, o nosso objectivo é o de ajudar", esclarece.

As ideias de Leonardo Batista não se ficam por aqui. Garante que existem mais projectos pensados e, enquanto as condições o permitirem, continuará disposto a sonhar ainda mais alto. Prova disso é o mais recente protocolo assinado com a Segurança Social e que passa pela construção de "oito apartamentos para habitação colaborativa, de tipologias T0, T1 e T2, com capacidade de alojamento para 19 residentes, um projecto destinado a pessoas que ainda estejam autónomas".

Numa sociedade cada vez mais envelhecida, urgem respostas que desacelerem o declínio que afecta os idosos. Além deste – que tem a especificidade de se destinar a doentes com Alzheimer e Parkinson –, já há outros projectos de habitação colaborativa em Portugal para pessoas com maior autonomia, como é o caso de Águeda e Portimão ou dos que estão a nascer no Fundão ou em Vila Verde. São aldeias sociais que, além de darem uma resposta de qualidade e liberdade aos mais velhos, dão nova vida ao interior despovoado. **Texto editado por Ana Fernandes**

Kamala Harris vinca contraste com Trump e apela a cessar-fogo em Gaza

Candidata presidencial democrata mantém compromisso com Israel, mas reconhece sofrimento e direito à autodeterminação dos palestinianos



Pedro Guerreiro, em Chicago

Kamala Harris encerrou, na madrugada de ontem, a convenção democrata de Chicago com um discurso a marcar o contraste face ao candidato dos republicanos às presidenciais norte-americanas de Novembro, Donald Trump, tanto no plano interno, com ênfase na questão do aborto, como na frente externa, declarando ter chegado "o momento" de um acordo em Gaza. A vice-presidente dos Estados Unidos reiterou o compromisso de Washington perante a defesa de Israel, mas sublinhou o "direito à dignidade, segurança, liberdade e autodeterminação" dos palestinianos.

"O Presidente Biden e eu estamos a trabalhar dia e noite, porque este é o momento de termos um acordo para a libertação dos reféns e um acordo de cessar-fogo. Deixem-me ser clara: apoiarei sempre o direito de Israel a defender-se, e garantirei sempre que Israel tenha a capacidade de se defender – porque o povo de Israel não deve nunca mais voltar a enfrentar o horror que uma organização terrorista chamada Hamas causou a 7 de Outubro, incluindo violência sexual indescritível e o massacre de pessoas jovens num festival de música", disse Harris no discurso em que aceitou oficialmente a sua nomeação para candidata dos democratas à Casa Branca, na noite de quinta-feira (madrugada de ontem em Portugal continental).

A declaração, até ali, suscitara aplausos mas também alguns gritos isolados de "Palestina livre" na arena United Center. "Ao mesmo tempo", acrescentou de seguida, "o que tem estado a acontecer em Gaza ao longo dos últimos dez meses é devastador."

"Tantas vidas inocentes, gente desesperada e com fome a ter de fugir pela sua segurança uma e outra vez. A escala do sofrimento é de partir o coração. O Presidente Biden e eu estamos a trabalhar para pôr fim a esta guerra para que Israel esteja seguro, os reféns sejam libertados, e o povo palestiniano possa materializar o seu direito à dignidade, segurança, liberdade e autodeterminação", declarou. As palavras de Harris foram recebidas com uma forte ovação numa convenção em que um bloco minoritário de delegados pró-palestinianos lutou pela inclusão de uma exigência de um cessar-fogo no programa do partido, e em que uma manifestação no exterior, na segunda-feira, tentou condicionar a reunião dos democratas – duas iniciativas de sucesso limitado.

"Fácil de manipular"

Harris reafirmou também o apoio norte-americano à Ucrânia, criticando Trump: "Ele encorajou Putin a invadir os nossos aliados, ele disse à Rússia para 'fazer o que raio quisessem'. Cinco dias antes de a Rússia ter atacado a Ucrânia, eu reuni-me com o Presidente Zelensky para o avisar dos planos de invasão russos. Eu ajudei a mobilizar uma resposta internacional, com mais de 50 países, para defender [a Ucrânia] contra a agressão russa. E, como Presidente, irei manter-me firme com a Ucrânia e com os nossos aliados da NATO."

"Não vou entender-me com tiranos e ditadores como Kim Jong-un, que estão a torcer por Trump, porque sabem que ele é fácil de manipular com elogios e favores. Eles sabem que Trump não vai pressionar os autocratas, porque ele próprio quer ser um autocrata", acusou.

Na política doméstica, Harris dramatizou sobretudo a questão do aborto, ainda com as consequências da revogação de *Roe vs. Wade* pelo Supremo Tribunal dos Estados Unidos, para o qual Trump nomeou três juízes conservadores durante a sua presidência, permitindo agora a vários estados restringir radicalmente o acesso à interrupção voluntária da gravidez.

"Ao longo dos últimos dois anos, viajei pelo país e as mulheres contaram-me as suas histórias. Homens e maridos também partilharam as deles. Histórias de mulheres a enfrentar abortos espontâneos em parques de estacionamento, a sofrer sepsia, a perder a capacidade de voltar a ter filhos, tudo porque os médicos têm medo de ir parar à prisão por tratar as suas pacientes. Casais a tentar aumentar a sua família, abandonados a meio de tratamentos de fertilização *in vitro*. Crianças vítimas de abusos sexuais potencialmente forçadas a levar a gravidez a termo. Tudo isto está a acontecer no nosso país por causa de Donald Trump", acusou. E acrescentou que o candidato republicano pretenderá levar a sua agenda mais longe e "aplicar uma proibição nacional do aborto, com ou sem o Congresso".

NATO, guerra em Gaza e a ameaça de um Trump autocrata: assim foi pautado o discurso de Kamala Harris

> **Tantas vidas inocentes, gente desesperada e com fome a ter de fugir pela sua segurança uma e outra vez. A escala do sofrimento é de partir o coração**
>
> **Kamala Harris**
> Candidata democrata à presidencia dos EUA

"As consequências de voltar a pôr Donald Trump na Casa Branca são extremamente graves. Pensem não só no caos e calamidade enquanto ele esteve no poder, mas também na gravidade do que aconteceu desde que perdeu a última eleição. Donald Trump tentou deitar os votos para o lixo. Quando falhou, enviou uma multidão armada para o Capitólio, onde atacaram agentes da autoridade. Quando políticos do seu próprio partido imploraram para que desmobilizasse a multidão e enviasse ajuda, ele fez o oposto e atiçou as chamas", disse, referindo-se ao motim de 6 de Janeiro de 2021.

"Pensem no que ele quer fazer, se lhe derem poder novamente. Pensem na sua intenção explícita de libertar os extremistas violentos que atacaram aqueles agentes da autoridade no Capitólio. A sua intenção explícita de prender jornalistas, opositores políticos e todos os que ele vê como inimigos. A sua intenção explícita de utilizar militares no activo contra os nossos próprios cidadãos. Pensem no poder que ele vai ter, sobretudo depois de o Supremo Tribunal ter deliberado que ele

VINCENT ALBAN/REUTERS



será imune a acusações criminais. Imaginem Donald Trump sem barreiras”, afirmou Harris, num discurso relativamente curto (um terço da duração do de Trump em Milwaukee) em que também foi sublinhando os contrastes entre os perfis pessoais dos dois candidatos. Recordou o seu percurso como uma filha de imigrantes de classe média que se tornou procuradora com o de um milionário que acumula processos criminais e civis por fraude e abuso sexual.

Para além de dramatizar os riscos institucionais de uma segunda presidência Trump, a candidata dos democratas enunciou medidas impopulares do primeiro mandato do republicano e propostas que constam do Projecto 2025, proto-programa de governo concebido pela ultraconservadora Fundação Heritage, que o ex-Presidente oficialmente renega, como abolir o Departamento de Educação ou cortar na segurança social e no sistema de saúde Medicare.

“Não vamos voltar atrás”, disse, repetindo um dos *slogans* da campanha democrata. Harris, que foi repetindo a ideia de “futuro” e de “um novo caminho em frente”, diz querer apostar na reconstrução da classe média norte-americana através da criação de postos de trabalho, a contenção da inflação e o combate à crise da habitação (o “como” fica para os discursos sectoriais), e prometeu ainda recuperar a reforma da imigração que os republicanos chumbaram no Congresso a pedido de Trump.

Apoios republicanos

A última noite da convenção de Chicago teve um tom marcadamente patriótico (ouviu-se *Born in the USA* e *Living in America*, o discurso de Harris terminou com um mar de bandeiras americanas e uma chuva de balões vermelhos, azuis e brancos) e um alinhamento de temas a denotar um estender de mão ao centro e mesmo ao eleitorado republicano desavindo com Trump, como o investimento nas Forças Armadas (vários democratas veteranos de guerra subiram ao palco) ou na segurança pública (ouviram-se familiares de crianças e jovens vítimas de violência armada).

Adam Kinzinger, ex-congressista republicano, declarou que o seu partido “já não é conservador” nas mãos de Trump, tendo “trocado a lealdade aos princípios que lhe davam propósito com a lealdade a um homem cujo único propósito é ele mesmo”. Os democratas, disse, “também são patriotas”. “Quaisquer que sejam as políticas em que discordamos, são irrelevantes em comparação com questões fundamentais de princípio, decência e fidelidade à nação”, afirmou Kinzinger, uma entre várias figuras dos republicanos a passar pelo palco principal da convenção democrata ao longo da semana e a apelar ao voto em Harris, que disse querer ser Presidente “de todos os americanos”.

Um desafio de unidade para o qual Harris sai reforçada da convenção que agora termina, e em que colheu apoios de pesos-pesados do partido, como o casal Clinton e o casal Obama, ex-insurgentes como Alexandria Ocasio-Cortez, figuras do aparelho como Nancy Pelosi, nomes da ala esquerda como Elizabeth Warren ou novos e velhos presidenciáveis a correr em pista própria como Pete Buttigieg, Josh Shapiro, Gavin Newsom ou Gretchen Whitmer.

Uma convenção à americana é sempre pouco mais do que um longo evento de campanha em torno de uma figura nomeada à partida, mas a latitude abrangente dos nomes presentes na reunião dos democratas em Chicago, sobretudo na circunstância extraordinária de uma troca-relâmpago de candidato, atesta a dimensão do consenso construído em poucas semanas em torno de Harris – para o qual Joe Biden, ao apoiar a sua “vice” imediatamente após a desistência da recandidatura, contribuiu decisivamente.

Seguem-se agora 11 semanas de campanha, para a qual a democrata e o adversário republicano partem de um empate técnico.

Democratas desenharam um roteiro para a maioria

Análise



Pedro Guerreiro

Euforia e confiança. O ânimo na convenção democrata de Chicago assemelhou-se ao da convenção republicana em Milwaukee, que se realizou há pouco mais de um mês, mas que parece agora pertencer a um ano político distante. E não era suposto ser assim, para preocupação da campanha de Donald Trump.

Em Milwaukee, o optimismo assentava numa fórmula simples: a noção de que Joe Biden era um adversário muito fragilizado e impopular, por um lado, e a ideia, promovida pelo campo republicano, de que os norte-americanos têm saudades de Trump e de como viviam o seu quotidiano consigo na Casa Branca.

Uma parte desta equação, parcialmente assente em meias-verdades ou em mentiras flagrantes sobre o legado de Trump em áreas como a economia e segurança, está por provar para lá do que dizem as sondagens. A outra parte da conta, relativa a Biden, deixou de existir.

Surpreendentemente, para um partido que durante os últimos anos traçou esse retrato de fragilidade do Presidente democrata, e que nele se apoiou para preparar o regresso de Trump, os republicanos aparentam nunca ter tido um plano concreto para enfrentar um cenário pós-Biden, que correria sempre o risco de resultar do sucesso desta estratégia de desgaste. Uma falha de imaginação ou um excesso de *wishful thinking* limitou os republicanos a duas hipóteses: ou Biden se arrastaria até Novembro, para ser derrotado por Trump, ou então desistiria, mas os democratas travariam então uma guerra fratricida pela nomeação de um novo candidato, coxo de apoio e legitimidade.

Isso não aconteceu. Com um golpe de *timing*, esvaziando o balão mediático da tentativa de assassínio de Trump e da convenção republicana, Biden teve o rasgo de designar imediatamente uma sucessora, Kamala Harris, e de lhe emprestar o peso do apoio de um Presidente em funções, retirando tempo e oxigénio a qualquer candidatura alternativa. Biden, ou Pelosi e outras figuras de peso do universo democrata. Os historiadores responderão. Por agora, Biden diz que a decisão foi sua e Pelosi recusa o papel conspirador que lhe conferem – uma “questão fastidiosa”, queixou-se à imprensa estrangeira aqui em Chicago.

Até ao arranque da convenção democrata, e noutro exemplo da bolha informativa estanque em que opera, o campo trumpista foi alimentando a fantasia de que Biden ainda poderia voltar atrás, ou que Harris soçobrasse, ou que Tim Walz, a sua escolha para “vice”, caísse por um qualquer escândalo cozinhado nas redes sociais. Também não aconteceu.

Ao invés, Chicago materializou o consenso em torno de Harris. Os casais Obama e Clinton emprestaram-lhe o apoio da aristocracia democrata – Michelle e Barack com discursos arrebatadores, na melhor noite da convenção, mas lúcidos, alertando para o perigo da complacência e do excesso de confiança e para a possibilidade de uma campanha suja do adversário.

A ala esquerda do partido revelou-se pragmática. Alexandria Ocasio-Cortez foi chamada à mesa dos crescidos, ao palco principal da convenção, num reconhecimento da sua notável capacidade mobilizadora. E mostrou que é possível levar a essa mesa temas caros aos progressistas, como a defesa de um cessar-fogo em Gaza, conciliando o espírito de protesto com uma postura institucional, apelando à mobilização em torno de Harris.

Gaza ameaçava descarrilar Chicago, precisamente pela esquerda, mas também aqui a convenção correu bem a Harris. Os protestos no exterior nunca atingiram a dimensão anunciada, sintoma do desfasamento entre o activismo *online* e a realidade terrena, ou da impopularidade de alguns discursos e métodos mais extremos. Nem se repetiram os motins de 1968, então contra a guerra no Vietname. No interior, o bloco pró-palestiniano de delegados “descomprometidos” e dos seus simpatizantes bateu-se de forma digna pela inclusão de Gaza na agenda da convenção. Obtiveram uma vitória parcial com a realização de um painel de discussão e com a referência de Harris ao direito do povo palestiniano à sua segurança, dignidade e autodeterminação.

A todos os apoios internos, Harris somou a presença de figuras republicanas em Chicago, incluindo de antigos colaboradores de Trump que denunciam agora a transformação do seu partido num culto de personalidade.

É improvável que esta coligação que sai de Chicago se tivesse formado sem que, do outro lado, houvesse Trump. Mas Trump existe, volta a apresentar um guião que não tem em 2024 a novidade de 2016, e soma agora um cadastro de caos. Há um esboço de uma maioria heterogénea que o rejeita, e que Harris tentará mobilizar até Novembro com uma mensagem de contraste. As sondagens abrem neste momento dois caminhos para a Casa Branca: a norte, pelo *Rust Belt*, e a sul, pelo *Sun Belt* – este último improvável até à desistência Biden.

Tudo pode acontecer nas cerca de 11 semanas que restam até às eleições, e tudo o que parece fazer sentido no papel pode ser rasgado entretanto por dinâmicas intangíveis como um boato ou um *meme* no TikTok.

Mas, neste momento, visto a partir de Chicago, as *“vibes”* são boas para os democratas.

Jornalista

> **É improvável que a coligação diversa que sai de Chicago se tivesse formado sem que houvesse Trump**

WILL OLIVER/EPA



Maduro bate a porta à diplomacia e prepara mão de ferro para opositores

Leonete Botelho

Decisão do Supremo de confirmar a reeleição do Presidente sem mostrar as provas acaba com esperanças de transição

Ganhou o *statu quo* na Venezuela e o regime de Nicolás Maduro prepara-se para punir com mão de ferro os líderes da oposição e os mais de dois mil detidos por participarem em protestos pós-eleitorais. A decisão do Tribunal Supremo da Venezuela (TSV) de confirmar a reeleição de Nicolás Maduro, anunciada na quinta-feira, fecha definitivamente a porta a qualquer solução negociada para a polémica sobre os resultados eleitorais. E mata a esperança de mudança nos tempos mais próximos.

A situação pode ser resumida nesta declaração de Andrés Malamud, especialista em política latino-americana, ao PÚBLICO: "A nível externo não mudou nada, por enquanto: China, Rússia, Irão e Cuba continuam a apoiar o regime, o Chile e boa parte de América Latina denunciam a fraude, os EUA permanecem mornos e o Brasil continua a fazer o ridículo. A nível interno, feridas mais profundas não se abrirão porque o regime já está a sequestrar, torturar e assassinar opositores."

O chavismo segue em frente, indiferente à rejeição de grande parte da comunidade internacional da confirmação judicial da vitória do Presidente, sem que as actas eleitorais sejam publicadas. Dez países sul-americanos, EUA e Espanha anunciaram ontem não reconhecer a reeleição de Nicolás Maduro nestas circunstâncias. O mesmo fez o Presidente do México, enquanto Brasil e Colômbia mantêm um cauteloso silêncio.

Num comunicado conjunto, os governos da Argentina, Costa Rica, Chile, Equador, Guatemala, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Uruguai, assim como o dos EUA, reiteram que "somente uma auditoria imparcial e independente dos votos, que avalie todas as actas, garantirá o respeito pela vontade popular soberana e pela democracia na Venezuela". E voltam a expressar a sua preocupação e rejeição pelas "violações dos direitos humanos perpetradas contra cidadãos que exigem pacificamente o respeito pelo voto dos cidadãos e o restabelecimento da democracia" na Venezuela.

O Presidente mexicano, Andrés Manuel López Obrador, também recusou reconhecer a vitória de Maduro antes da publicação detalhada da contagem de votos. "Vamos esperar até que divulguem os resultados", disse ontem, citado pela Reuters. O México foi um dos três países, a par do Brasil e da Colômbia, que assumiram protagonismo na tentativa de encontrar uma solução negociada para o impasse pós-eleitoral e exigiram a publicação das actas, mas Obrador afastou-se dos governos de Lula da Silva e Gustavo Petro na ideia de realização de novas eleições na Venezuela.

LEONARDO FERNANDEZ VILORIA/REUTERS



RONALD PENA R./EPA



Maduro prepara-se para para ir atrás dos líderes da oposição, como Corina Machado e o candidato derrotado Edmundo González (foto em baixo)

> **O chavismo segue em frente, indiferente à rejeição de grande parte da comunidade internacional da confirmação judicial da vitória do Presidente**

Enquanto os presidentes do Brasil e da Colômbia tentam agora encontrar o tempo e o modo para fazerem uma declaração conjunta, o assessor de Assuntos Internacionais de Lula, Celso Amorim, reconheceu a sensibilidade da situação. "Vejo as coisas como realmente muito difíceis, mas vamos continuar a tentar, com a ajuda de outros e em colaboração com outros países que tenham uma visão semelhante à nossa, faremos todo o possível para evitar uma situação interna muito conflituosa", disse aos jornalistas.

Mas, segundo o G1, da Rede Globo, a decisão de Lula já está tomada: o Brasil não vai reconhecer a vitória de Maduro. A posição está a ser acertada entre os ministérios dos Negócios Estrangeiros de Brasília e Bogotá, avança a *Folha de S. Paulo*. E o fundamento será o óbvio: a não divulgação das actas eleitorais, que o regime se recusa a publicar, agora dizendo o próprio Supremo Tribunal que devem ficar sob custódia judicial.

Decisão ilegal

No plano interno, a oposição, liderada por Edmundo González e María Corina Machado, contesta a decisão da câmara eleitoral do TSV, dizendo o candidato que é "nula", e a líder do partido Vente Venezuela, que em breve responderá à sentença. Os juízes afirmam que a decisão é irrecorrível, mas há juristas que a consideram ilegal.

"É um erro jurídico indesculpável", afirma o professor de Direito Constitucional da Universidade Central da Venezuela (UCV) Manuel Rojas Pérez, citado pelo Noticiero Digital, acrescentando que, de acordo com a lei eleitoral, "só o Conselho Nacional Eleitoral (CNE) tem a competência para certificar resultados eleitorais".

Também o advogado e reitor da Faculdade de Ciências Jurídicas e Políticas da UCV, Juan Carlos Apitz, considera tratar-se de "uma decisão nula": "Não existe no mundo jurídico", disse, não só porque "a Câmara Eleitoral retirou poderes que pertencem ao CNE", mas porque a juiz presidente daquela câmara é filiada no Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV), no poder, e foi contestada por falta de imparcialidade.

Indiferente a todos os argumentos, o regime prepara-se para ir atrás dos líderes da oposição, agora com o respaldo do STV. Na sua sentença, a câmara eleitoral afirma que Edmundo González está sujeito a sanções por "desacato à justiça", por não ter comparecido nas audiências convocadas após a eleição.

Ontem, o procurador-geral da Venezuela anunciou que vai convocar o ex-candidato presidencial para testemunhar sobre o *site* onde foram publicadas as actas eleitorais recolhidas pela oposição e não reconhecidas pelo regime, "para que preste depoimento sobre a sua responsabilidade pela página que está a usurpar (...) a virtude e a jurisdição que só corresponde às autoridades eleitorais".

Noutras declarações aos jornalistas, Tarek Saab afirmou também que em breve irá dar conta do andamento da investigação do Ministério Público aos "sectores extremistas que, desconhecendo os resultados da CNE, incitaram à violência após as eleições presidenciais". E adiantou que todas os crimes serão imputados aos "chamados comandantes", numa referência a María Corina Machado, a qual já considerou responsável pelo "homicídio" das 27 vítimas mortais desses protestos.

Uma linguagem que ressoa no comunicado assinado pelo ministro da Defesa, Vladimir Padrino, no qual afirma que as Forças Armadas confirmam a "lealdade absoluta" ao Presidente Nicolás Maduro e lamenta que "grupos fascistas de extrema-direita" tenham tentado alterar a situação.

Estes "tentaram levar a cabo um golpe de Estado", recorrendo "à violência e ao confronto entre venezuelanos, bem como a actos terroristas, de vandalismo e cibernéticos, devidamente controlados pelos esforços da união cívico-militar-policial, mas que infelizmente deixaram um saldo desastroso de vários mortos e feridos, bem como danos materiais consideráveis", referiu.

O guião para o que se segue já está escrito.

Esquerda satisfeita após reunião com Emmanuel Macron

André Certã

A Nova Frente Popular já foi ouvida pelo Presidente francês. Decisão sobre líder de governo deve ser conhecida para a semana

O Presidente francês, Emmanuel Macron, iniciou ontem as conversações com os partidos em França, começando com a Nova Frente Popular, reunindo os partidos da esquerda francesa.

À saída da reunião, a candidata designada pela Nova Frente Popular, Lucie Castets, disse à imprensa presente no Palácio do Eliseu que os deputados estavam "extremamente satisfeitos" com a discussão com o Presidente.

"Tivemos uma discussão muito rica. Congratulamo-nos com o facto de ele ter reconhecido que o povo francês tinha enviado uma mensagem nas últimas eleições e que essa mensagem era o desejo de uma mudança de direcção política. O Presidente é claro a este respeito", contou a candidata. Nas declarações à imprensa feitas antes da entrada no Palácio do Eliseu, Lucie Castets avisou que, caso não lhe desse posse, "estaria a dar o sinal de que não ouviu as exigências do povo francês para uma mudança de direcção e de método".

Depois de Castets, um por um, cada líder dos principais partidos da Nova Frente Popular falaram à imprensa.

O líder do Partido Socialista francês (PS), Olivier Faure, também se mostrou optimista, tendo contado que Macron "reconheceu que todas as forças representadas na Frente Republicana tinham legitimidade para governar e encarnar essa mudança" e que a decisão não tinha ainda data marcada, mas que seria "rápida".

Já Manuel Bompard, coordenador do partido França Insubmissa, manteve o tom de aviso ao Presidente, mas admitiu que viu uma evolução na abertura de Macron. "O Presidente da República parece estar a começar a perceber que perdeu estas eleições legislativas, mas parece que ainda não está a tirar todas as consequências", disse Bompard no final do encontro. O deputado da França Insubmissa mostrou também as mesmas preocupações ante a tendência de Macron para tentar ser o protagonista da selecção do governo. "Lembrou-nos que tinha de ser o árbitro e ficámos com a impressão de que tinha tendência para querer ser o treinador", atirou.

O secretário-geral do Partido Comunista Francês, Fabien Roussel, diz que os representantes da Nova Frente Popular insistiram que tinha de haver uma mudança e que a queriam "encarnar". Já a líder dos Ecologistas, Marine Tondelier, demonstrou "apoio total" à candidata Lucie Castets e que o facto de Macron ter proposto terem vindo todos juntos com Castets era "um primeiro sinal muito favorável".


ABDUL SABOOR/REUTERS

Lucie Castets é o nome da esquerda para primeira-ministra de França

Aliados de Macron

Ainda ontem, os partidos da coligação macronista às eleições conhecida por Juntos também foram ouvidos. Depois destes , também os membros d'Os Republicanos anti-Le Pen, liderados por Laurent Wauquiez, reuniram-se com o Presidente.

À saída da reunião, os membros d'Os Republicanos lançaram fortes críticas à presença da França Insubmissa num possível governo e ao próprio programa da Nova Frente Popular. "Se um governo incluísse membros da França Insubmissa, votaríamos imediatamente uma moção de censura", afirmou Laurent Wauquiez.

Na segunda-feira, Macron irá reunir-se com a União Nacional, de Marine Le Pen e Jordan Bardella, e com os membros d'Os Republicanos pró-Le Pen, liderados por Eric Ciotti, o presidente disputado do partido.

A decisão de Macron deve ser tomada, segundo um membro da Nova Frente Popular que falou à FranceInfo, até à abertura dos Jogos Paralímpicos de Paris, que começam na quarta-feira.

Bebé paralisado com primeiro caso de poliomielite em Gaza dos últimos 25 anos

Tala Ramadan

Organização Mundial de Saúde diz que bebé infectado, com dez meses, não consegue mexer uma das pernas

Um bebé de dez meses infectado com o poliovírus tipo 2 está parcialmente paralisado, segundo a Organização Mundial de Saúde, uma semana depois de ter sido anunciada a primeira infecção a ocorrer nos últimos 25 anos na Faixa de Gaza. Agências da ONU têm pedido uma campanha de vacinação urgente de todos os bebés, para a qual seria necessário uma trégua, e evitar a propagação do vírus que provoca poliomielite.

O poliovírus tipo 2 (cVDPV2) não é mais perigoso do que os tipos 1 e 3, mas tem sido responsável pela maioria dos surtos nos últimos anos, especialmente em zonas com baixas taxas de vacinação. Várias agências das Nações Unidas apelaram a Israel e ao Hamas para que cheguem a acordo para uma pausa humanitária de sete dias, de modo a permitir uma campanha de vacinação no território.

"A poliomielite não faz distinção entre crianças palestinianas e israelitas", afirmou o chefe da agência das Nações Unidas para os refugiados palestinianos (UNRWA) numa publicação no X. "Adiar uma pausa humanitária aumentará o risco de propagação entre as crianças", acrescentou Philippe Lazzarini. O bebé, que perdeu o movimento na parte inferior da perna esquerda, está actualmente estável, disse o director-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, num comunicado.

A OMS anunciou que duas rondas de uma campanha de vacinação contra a poliomielite deverão ter início no final de Agosto e em Setembro de 2024 em toda a Faixa de Gaza. Com os serviços de saúde muito danificados ou mesmo destruídos pelos combates, e com os esgotos a espalharem-se devido a um colapso das infra-estruturas de saneamento, a população de Gaza está particularmente vulnerável a surtos de doenças.



O vírus da poliomielite infecta pincipalmente crianças com menos de cinco anos

O ministério da Saúde de Gaza anunciou pela primeira vez um caso de poliomielite, num bebé de dez meses não vacinado, há uma semana, na cidade central de Deir Al-Balah. Antes, o vírus tinha sido detectado em águas residuais de Deir al-Balah e Khan Younis (Sul da Faixa de Gaza), onde centenas de milhares de palestinianos deslocados pelos combates procuraram abrigo.

O vírus da poliomielite infecta normalmente crianças com menos de cinco anos e pode destruir neurónios responsáveis pela activação dos músculos, deixando as pessoas paralisadas de uma perna ou de mais membros. **Reuters**

Ferry na Crimeia suspenso após ataque de Kiev

Na Ucrânia, primeiro-ministro indiano diz ser possível intermediário para conversações de paz

A Rússia suspendeu ontem um serviço de *ferry* entre o Sul do país e a Crimeia depois de, na véspera, um ataque ucraniano ter atingido uma embarcação carregada com vagões de comboio que transportavam combustível, informou o Ministério dos Transportes da Federação Russa.

A Marinha da Ucrânia anunciou que tinha destruído um *ferry* no porto Kavkaz na região russa de Krasnodar, um dos principais acessos da Rússia ao mar Negro, que disse ter sido usado para entregar combustível e armas para a Crimeia.

O Ministério dos Transportes russo afirmou, em comunicado, que o serviço de *ferry* para a Crimeia tinha sido temporariamente suspenso, enquanto decorriam os trabalhos de limpeza. O ministério afirmou que, entretanto, poderia ser utilizada uma rota terrestre alternativa para enviar carga para a Crimeia.

A agência noticiosa estatal RIA disse, citando os serviços de emergência, que um incêndio provocado pelo ataque ucraniano não tinha "praticamente" afectado as infra-estruturas do porto, mas que o *ferry* atingido pela Ucrânia estava meio submerso.

O primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, visitava entretanto Kiev, onde apelou ao Presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, para negociar com a Rússia, oferecendo-se para agir como um "amigo" para ajudar a conseguir a paz.

A primeira visita de um primeiro-ministro indiano na história moderna da Ucrânia ocorre num momento volátil da guerra lançada pela Rússia em Fevereiro de 2022, com Moscovo a obter ganhos lentos, mas seguros, no Leste da Ucrânia, enquanto Kiev pressiona numa incursão transfronteiriça.

"O caminho para a resolução do conflito só pode ser encontrado através do diálogo e da diplomacia. E devemos avançar nessa direcção sem perder tempo. Ambas as partes devem sentar-se juntas para encontrar uma saída para esta crise", disse Modi. "Quero assegurar-vos que a Índia está pronta a desempenhar um papel activo em todos os esforços de paz. Se eu puder ter pessoalmente algum papel neste processo, fá-lo-ei, quero assegurar-vos como amigo", afirmou. **Reuters**

Mundo

Kamalas, Obamas, Tonys & Tims: o espectáculo da América que arma a guerra

Aqui na Terra



Alexandra Lucas Coelho

1. Por quatro dias, e sobretudo noites, foi o maior espectáculo da Terra. O espectáculo de como a América que se crê multirracial, ecuménica, compassiva, farol da liberdade e dos direitos galvanizou uma audiência com esses valores ao mesmo tempo que dava cabo deles:

1) dentro da própria arena da Convenção Nacional Democrata (DNC, na sigla original), onde o partido recusou insistentes pedidos para que alguma voz palestiniana-americana ou sobre Gaza subisse ao palco;

2) lá fora, onde milhares de pessoas apelavam a esses testemunhos e ao embargo de armas, incluindo 30 delegados eleitos em representação de 700 mil eleitores democratas que se declararam não-alinhados com um candidato à partida, e tinham expectativa de serem ouvidos;

3) em Israel, onde oportunamente aterravam mais 20 biliões em ajuda americana, e o diligente Antony Blinken representava pela 9.ª vez a farsa do cessar-fogo iminente.

Devia fazer-se uma versão Blinken da máxima sobre a história que se repete como farsa. A cara compungida de quem aperta a mão a Netanyahu pela 9.ª vez, como se nos dissesse: sim, eu sei que é um canalha. E mais uma vez a notícia é que o canalha lhe tirou o tapete. Hum. Referem-se ao canalha a quem Blinken deu com uma mão 20 biliões enquanto com a outra lhe exigia o cessar-fogo? De facto, é uma pressão insuportável. Nem se percebe como Netanyahu resiste a ela.

O que se passa desde 7 de Outubro, e atingiu o cúmulo esta semana, é que o governo Biden-Harris continua a premiar com ouro o maior crime do nosso tempo. Um ouro que sai do bolso dos americanos. Com uma mão premeia, com a outra puxa o gatilho. A guerra só é possível porque os EUA a fazem. E a isso chamam trabalhar "incansavelmente" pelo cessar-fogo. Como Biden disse a abrir a convenção, e Kamala repetiu no fim, quando aceitou ser candidata a presidente da "maior democracia da História do mundo".



SETH HERALD/REUTERS

2. Lembram-se dos muitos Democratas que se recusaram a ir ao Capitólio ouvir Netanyahu? Pois agora estavam em Chicago e recusaram-se a dizer no palco: vamos parar de mandar bombas para Gaza. Incluindo o candidato a "vice" Tim Walz, que muita gente quis ver como a escolha mais progressista possível de Kamala. Incluindo Bernie Sanders e Alexandria Ocasio-Cortez. Alexandria ainda pior que Bernie. Porque Bernie esteve aquém do mínimo no palco, mas falou com um peso. Não me soou a falso como Alexandria, que tem sido uma desilusão contínua. Como Obama me soou a falso. O que não o impediu de "electrificar" a convenção, para usar o adjectivo de vários *media* americanos.

Cobri como repórter as duas convenções americanas da segunda eleição de Clinton. Muitos anos depois, atravessei o Atlântico para estar no Harlem na noite da eleição do primeiro presidente negro dos EUA. Chamava-se Barack Obama, foi inesquecível. Ao contrário do que depois ele não fez no Médio Oriente. E agora, ao ouvi-lo no palco a seguir a Michelle, pareceu-me mais remoto ter ido à América por ele do que aquelas convenções dos anos 1990, quando não havia Internet nem telemóveis, e mandávamos reportagens de cabines telefónicas.

Em Agosto de 2024, ao fim de mais de dez meses de extermínio, Barack Obama não disse uma palavra sobre Gaza. Como se fosse um assunto externo, ou irrelevante. Como se não fosse o elefante na sala, ou porque era o elefante na sala. Então, tudo o que Obama não disse revelou Obama.

A convenção Democrata foi assim um espectáculo duplo, na verdade. Havia o espectáculo e havia a farsa que Gaza revelava a cada discurso, em cada decisão.

O primeiro electrificou a audiência que só quer uma pílula de Gaza. Não quer acordar com cabeças de bebé rebentadas. Não quer pensar que milhares de crianças morreram de forma horrível, centenas de milhares estão a morrer, e todas as outras nunca mais estarão bem. Que esta guerra trouxe de volta a pólio a Gaza. A pólio paralisa até os músculos vitais para respirar, como os Democratas da América poderiam aprender, ou lembrar, se tivessem aceitado ouvir, por exemplo, Tanya Haj-Hassan, pediatra americana que fez várias missões em Gaza, e foi a Chicago para dar testemunho, mais uma vez. Mas não havia lugar para ela no palco. Como não houve para nenhum descendente de palestinianos. Houve lugar para o candidato a primeiro-cavalheiro, o judeu americano Doug Emhoff, falar da sua infância de classe média em New Jersey, como ia de autocarro para a escola hebraica, como Kamala o incentivou a abraçar a luta contra o anti-semitismo. Mas não houve lugar para os também judeus pelo embargo, contra o genocídio, que se sentaram lá fora, naquelas intermináveis horas entre quarta e quinta-feira, porque não queriam desistir de esperar que fosse possível alguém levar Gaza ao palco.

O espectáculo lá dentro não era o deles. Era o de quem não os ouve. Tal como não vê os 100 sacos de plástico transparentes com pedaços de carne e ossos dos palestinianos mortos no ataque de Israel à escola, no sábado em que publiquei a última crónica sobre as torturas nas prisões israelitas. A propósito, anteontem o tribunal revelou mais detalhes sobre os soldados acusados de violação (leiam no *Haaretz*).

3. Vi os 37 minutos de Kamala Harris antes de começar esta crónica. Choro estupidamente com filmes feitos para chorar. E chorei naqueles 37 minutos, em que alguns talvez tivessem sido feitos para chorar, começando com a mãe que veio da Índia, e rimava com a mãe de Michelle. Mães não-brancas, bravas, lutando pelas suas crias na América. Como não chorar com elas e por elas? Não subestimo por um minuto o quanto Kamala fará muita diferença na vida de milhões de mulheres na América. E milhões de imigrantes, pessoas não-brancas. Muita diferença comparada com Trump, uma diferença decisiva. Como não? A história de cada mulher na América que tiver, ou não tiver, direito a aborto seguro é também minha.

> **Após dez meses de extermínio (com bombas americanas), o grande palco dos Democratas americanos recusou qualquer voz da Palestina. E o embargo de armas**

Mas se chorei a ouvir Kamala foi porque cada frase dela revelava o quanto as pessoas de Gaza não estavam incluídas nela.

"Acredito que toda a gente tem direito a segurança, dignidade e justiça." Sim?

"No nosso sistema de justiça, um mal feito a alguém é um mal feito a todos." Realmente?

"Ninguém deve ter de lutar sozinho. Estamos todos juntos nisto." De facto.

Kamala diz que sempre apoiará o direito de Israel a defender-se. Que vai "assegurar sempre que Israel tenha a capacidade de se defender". E ainda: "Estamos a trabalhar para acabar com esta guerra, de forma a que Israel esteja seguro, os reféns sejam libertados, o sofrimento em Gaza acabe, e o povo palestiniano veja cumprido o seu direito a dignidade, a segurança, a liberdade e a autodeterminação." A convenção aplaudiu. Para muita gente, terá sido bastante. Porque falou de Gaza, porque falou em autodeterminação — ao fim de 76 anos.

Eu vi e ouvi uma mulher filha de uma indiana e de um jamaicano dizer, mais uma vez, que as vidas palestinianas não contam o bastante. Não tanto como as dos 109 reféns de que falaram o pai e a mãe israelitas convidados para o palco.

América: como é pouco o bastante quando não se trata dos teus. E como é miserável que ao fim de 76 anos estejamos aqui, a assistir a isto. O Estado que a Europa ajudou a criar para se ver livre dos judeus e da culpa de os ter morto e perseguido. O terror de Estado que a América financia e arma. O que acontece a um Estado quando tudo lhe é permitido. O que acontece à humanidade quando isso acontece.

Todas, todos, nós: testemunhas.

Escritora e jornalista

Trabalhadores que descontam atingem recorde em Maio e Junho

Mais de 4,6 milhões de pessoas estavam declaradas à Segurança Social, o número total mais alto desde, pelo menos, 2010. Remunerações declaradas por trabalhadores por conta de outrem estão em máximos

Raquel Martins

O número de trabalhadores declarados e a descontar para a Segurança Social atingiu nos meses de Maio e Junho os valores mais altos dos últimos 14 anos, ultrapassando 4,6 milhões de pessoas. Os números são do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social (MTSSS) e dizem respeito tanto aos trabalhadores por conta de outrem como aos trabalhadores independentes (ou a recibos verdes).

Olhando para a evolução registada desde 2010, conclui-se que Maio de 2024 foi o mês com o maior número de pessoas registadas na Segurança Social, totalizando 4.650.946 trabalhadores. E, embora em Junho o número tenha recuado ligeiramente para 4.649.015, este é o segundo valor mais elevado da série (já na comparação com o mês homólogo, assistiu-se a um aumento de 1%, traduzindo-se em mais 46.538 pessoas a descontar), iniciada em 2010.

Estes números são o reflexo de um conjunto de factores. Em primeiro lugar, da situação que se vive no mercado de trabalho em Portugal, com a população empregada a registar números históricos. De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), no segundo trimestre de 2024 o emprego registou um novo máximo e havia perto de 5,1 milhões de pessoas empregadas.

Há ainda que ter em conta o aumento do número de trabalhadores do Estado, que se encontra também em níveis recorde – no final de Junho, já estava próximo dos 750 mil. Desde 1 de Janeiro de 2006, os funcionários públicos passaram a ser inscritos na Segurança Social em vez de descontarem para a Caixa Geral de Aposentações, o que acaba por também influenciar estes dados.

Além disso, com a pandemia e com a criação de um conjunto de medidas extraordinárias para apoiar os trabalhadores durante os confinamentos, assistiu-se à entrada de muitas pessoas na economia formal, registando-se na Segurança Social para poderem beneficiar desses apoios, algo que já tinha sido identificado como um motivo para o aumento do número de pessoas a descontar.



NELSON GARRIDO

Estes dados, alerta o Gabinete de Estratégia e Planeamento do MTSSS, estão sujeitos a actualizações, em geral para valores mais elevados do que os provisórios apurados para o mês mais recente.

Olhando apenas para os trabalhadores por conta de outrem, em Junho atingiu-se o valor mais alto de toda a série, totalizando 4.271.048. Havia quase mais 100 mil pessoas registadas do que no mês homólogo de 2023 e mais 25.544 do que em Maio. Já os trabalhadores independentes a descontar recuaram, tanto face a Maio (-6,7%) como ao mês homólogo de 2023 (-12,4%), num total de 377.967 pessoas.

Remunerações declaradas

O número recorde de trabalhadores por conta de outrem correspondeu também a um valor máximo das remunerações declaradas pelas entidades empregadoras, que, em Junho, ultrapassaram 7,7 mil milhões de euros (um aumento mensal de 23,8% e homólogo de 8,5%). Nunca se tinha registado um montante tão elevado.

Os dados permitem ainda concluir que o valor médio mensal das remunerações totais declaradas para estes trabalhadores foi de cerca de 1806 euros, assistindo-se a um aumento, tanto na comparação mensal (23,1%) como homóloga (6%).

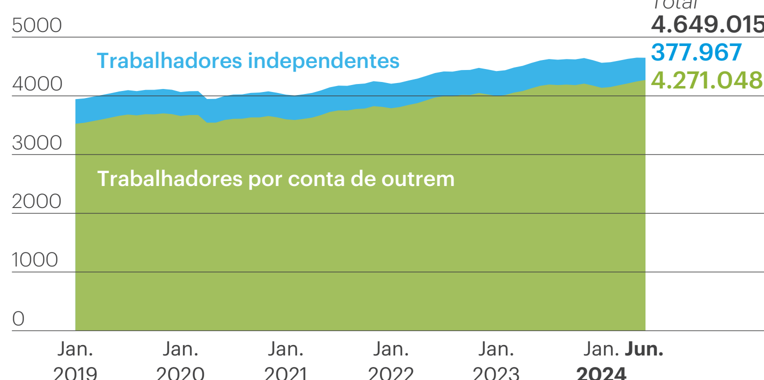
No mês de Junho, entraram no sistema 2,6 mil milhões de euros de contribuições pagas sobre o total de remunerações declaradas pelas entidades empregadoras, tendo aumentado mais de 8% face aos 2,4 mil milhões registados em Junho de 2023.

Os trabalhadores por conta de outrem descontam 11% da remuneração ilíquida, a que se soma um desconto de 23,75% da responsabilidade da entidade empregadora.

Já os trabalhadores independentes têm um regime próprio e a taxa contributiva é de 21,4%, enquanto as entidades que os contratam e que beneficiam de mais de 50% do valor total da actividade têm de descontar entre 7% e 10% para a Segurança Social.

Remunerações declaradas pelas entidades empregadoras ultrapassaram 7,7 mil milhões de euros em Junho. Nunca se tinha registado um montante tão elevado

Número de pessoas com contribuições declaradas à Segurança Social



Fonte: Instituto de Informática MTSSS/GEP

PÚBLICO

De acordo com os dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), no segundo trimestre de 2024 o emprego registou um novo máximo e havia perto de 5,1 milhões de pessoas empregadas em Portugal

Layoff triplica em Julho

As estatísticas da Segurança Social dão ainda conta de um aumento de 222,1% do número de trabalhadores em *layoff*.

Em Julho, 12.927 pessoas estavam a receber uma compensação pela suspensão do contrato ou pela redução do horário de trabalho, três vezes mais do que os trabalhadores que estavam em *layoff* em 2023.

O número de empresas que recorreram a este mecanismo previsto no Código do Trabalho totalizou 398 sociedades, mais 102 do que no período homólogo.

O regime permite que as empresas reduzam os períodos normais de trabalho ou suspendam os contratos durante um determinado tempo devido a dificuldades por motivos de mercado, estruturais ou tecnológicos (a duração máxima é de seis meses), ou catástrofes (pode ir até um ano).

Os trabalhadores recebem uma compensação retributiva, mas têm um corte no salário.

Passe ferroviário de 20 euros foi decidido sem a realização de estudos de procura

Carlos Cipriano

Comissão de Trabalhadores da CP diz que medida vai contribuir para degradação do serviço público contratado à empresa

O anúncio de um passe nacional ferroviário por 20 euros mensais nos comboios da CP – Comboios de Portugal (com excepção já confirmada do Alfa Pendular) foi feito sem um estudo prévio que previsse o impacto de tal medida na procura, a qual se prevê muito elevada devido ao seu baixo custo para o consumidor e porque o novo título de transporte dá acesso também aos intercidades. Como a transportadora pública se debate com um crónico problema de falta de material circulante, e com uma infra-estrutura envelhecida ou com obras em curso, existe na empresa o receio que o serviço entre em colapso devido ao pico de procura que se avizinha com uma quase gratuitidade do serviço ferroviário anunciada pelo Governo. Aliás, o ministro das Infra-Estruturas e Habitação, Miguel Pinto Luz, pensou inicialmente em tornar gratuitas todas as viagens de comboio na CP (sempre com a excepção do Alfa Pendular), à semelhança do que fez com os autocarros urbanos no concelho de Cascais, quando era vereador daquele município, mas acabou por desistir da ideia.

Em todo o caso, 20 euros é um preço muito baixo, que terá impactos profundos no aumento do rendimento disponível de muitos cidadãos, no aumento da mobilidade e na redução das emissões de CO_2, se for relevante a mudança do transporte individual para o comboio devido a esta medida.

O que não está ainda contabilizado é o valor pela qual a CP irá ser ressarcida por ser agora obrigada a transportar mais clientes a baixo custo a par da brutal quebra de receita com que se vai confrontar, sobretudo no serviço dos intercidades, que era lucrativo e que sofrerá agora um aumento da procura e uma provável quebra de receitas.

A comissão de trabalhadores da CP alerta para "o desastre financeiro" que esta decisão acarreta. "Para termos uma ideia do impacto financeiro deste passe nacional, 20 euros é menos que o bilhete num comboio intercidades de Lisboa a Coimbra (21,30 euros em 2.ª classe e 26,85 euros em 1.ª classe)", diz em comunicado. Ora, a partir de agora vai ser possível ir de Braga a Faro todos os dias por apenas 20 euros por mês.



MIGUEL MANSO

Governo ainda não pormenorizou que serviços de transporte ferroviário são abrangidos pelo passe

O comunicado diz que este tipo de medidas são "incompreensíveis" e "só contribuem para a degradação do serviço público ferroviário contratado pelo Estado à CP". Recorda ainda que já aquando do lançamento do passe a 49 euros pelo Governo anterior houve uma "grosseira violação do contrato de serviço público" assinado entre o accionista e o operador.

Nesse documento, consta a possibilidade de o Estado alterar os parâmetros de serviço público definidos, na condição de notificar a CP de forma a dar-lhe tempo para efectuar um estudo de viabilidade operacional e impacto na compensação devida. Compensação essa que teria de passar ainda pelo crivo da Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT). Mas, segundo a comissão de trabalhadores, "tal não foi feito, nem por este Governo com o passe nacional anunciado, nem pelo anterior com o passe regional".

Compensações por saldar

Questionado pelo PÚBLICO, o Ministério das Infra-Estruturas e Habitação não respondeu às perguntas sobre o impacto desta medida, nem sobre a compensação a atribuir à CP. Afirmou apenas que as questões colocadas sobre o passe ferroviário, incluindo que serviços estarão abrangidos, "poderão ser esclarecidas em breve, no âmbito de um pacote de medidas sobre a mobilidade em preparação".

Porém, pelo andar da carruagem, essa indemnização vai tardar muito a ser concretizada, pois a CP ainda não recebeu as compensações financeiras do passe regional de 49 euros do Governo anterior, cujas contas, apurou o PÚBLICO, ainda estão a ser feitas. E as próprias compensações regulares previstas no contrato de serviço público também não estão a ser pagas atempadamente, faltando ainda liquidar uma parte das de 2021. Como resultado, a CP, que ainda recentemente ficou aliviada da sua dívida histórica, está novamente a endividar-se, porque tem de recorrer à banca enquanto não recebe do Estado o financiamento necessário para o serviço público ferroviário.

Trabalhadores e sindicatos receiam que a previsível degradação do serviço e o "desastre financeiro" anunciado sejam uma estratégia do executivo para levar a CP a ser privatizada, já que ficaria demonstrada a sua alegada ineficácia enquanto empresa pública. É que, do lado da oferta, os problemas são muitos. A abertura das oficinas de Guifões e a reabilitação de material que estava encostado e das carruagens compradas a Espanha em segunda mão apenas conseguiram mitigar a falta de material circulante da CP, que continua a gastar 6,5 milhões de euros por ano no aluguer de automotoras a Espanha.

Realizar mais comboios nem sempre é solução, por falta de material ou por falta de canal horário. E se a CP fizer comboios mais compridos debate-se com o problema das estações com plataformas demasiado curtas onde, por vezes, não cabem mais do que três carruagens.

A doutrina da IP – Infra-Estruturas de Portugal nas modernizações em curso passa por construir plataformas de acesso aos comboios muito curtas, impedindo a CP de fazer composições com mais carruagens. Recentemente, em Viana do Castelo, a empresa reforçou a oferta com automotoras UTE a circularem acopladas, mas em várias estações e apeadeiros da Linha do Minho a composição tinha de parar duas vezes: uma para deixar entrar e sair os passageiros das primeiras três carruagens, e outra para poderem entrar e sair os das restantes.

Enquanto isto, a CP aguarda pela entrega das primeiras automotoras compradas à Stadler, o que não deverá acontecer antes de finais de 2025. E desespera por não poder avançar com a compra de 117 comboios, porque o concurso público está parado em tribunal devido à impugnação de dois concorrentes.

Linha da Beira Alta

Encerramento já custou 12,3 milhões de euros à IP

Para compensar a CP pelo transporte rodoviário alternativo na Linha da Beira Alta e os operadores de mercadorias por serem obrigados a um percurso maior realizando os seus comboios pela Linha da Beira Baixa, a IP já despendeu 12,3 milhões de euros em indemnizações.

A CP recebeu 7,9 milhões de euros, a Medway 2,1 milhões e a Cap Train 2,4 milhões.Estes valores, porém, não compensam a quebra de receitas da CP, que caíram para metade devido ao transbordo rodoviário entre Coimbra e a Guarda – um valor que em Junho estava estimado em 6,4 milhões.

No caso das mercadorias, as indemnizações destinam-se apenas a compensar os encargos motivados pelo aumento dos custos, não contando a perda de clientes motivada pela menor produtividade das empresas.

Os valores das indemnizações à Medway e à Cap Train foram fornecidos pela IP três meses depois de uma recusa inicial de dar essa informação ao PÚBLICO, que a empresa considerava reservada, mas que uma deliberação da CADA (Comissão de Acesso aos Documentos Administrativos) considerou ser de acesso público.

Já o Governo teve um entendimento diferente e, esta semana, no dia 20 de Agosto, divulgou estes números ao deputado António Filipe (PCP), em resposta a um conjunto de questões que este tinha endereçado ao executivo.

A operadora dos "preços agressivos" quer comprar a dos preços "mais baixos"

Ana Brito

Reguladora da concorrência em Portugal recebeu esta semana notificação da romena Digi sobre intenção de compra da Nowo


MATILDE FIESCHI

A romena Digi, que promete lançar este ano "uma ampla gama de serviços de telecomunicações, com tecnologia de alta qualidade a um preço justo", notificou no início da semana a Autoridade da Concorrência (AdC) sobre a intenção de comprar o capital da Nowo à Lorca JVCO (um consórcio de fundos dono da espanhola Másmovil).

A tarefa de análise deste negócio de 150 milhões de euros deverá ser facilitada pelo facto de a entidade reguladora presidida por Nuno Cunha Rodrigues ter passado o ano de 2023 a estudar aprofundadamente o sector das telecomunicações para avaliar se a compra da Nowo pela Vodafone poderia ter impactos negativos nas dinâmicas do mercado (onde os três maiores operadores, Meo, Nos e Vodafone, têm uma quota agregada a rondar os 95%).

Ao chumbar o negócio (a decisão final foi conhecida em Julho), a AdC sustentou que retirar do mercado o actual quarto operador teria como efeitos previsíveis "aumentos significativos de preços" e o "reforço do poder de mercado" dos três maiores, que considera terem ofertas comerciais alinhadas em termos de preços e características, e que são desafiadas pelos tarifários da Nowo, que apresenta, "consistentemente, preços mais baixos do que os seus concorrentes", embora não tenha operação em todos os concelhos do país.

Está ainda por saber o que dirá o regulador da concorrência sobre a potencial junção entre Nowo e Digi, mas, segundo a decisão de proibição da concentração Vodafone/Nowo, a AdC refere que, "pelo menos numa fase inicial, a sobreposição" de zonas onde a Nowo já tem rede própria e aquelas em que a Digi está a realizar os seus investimentos "será reduzida".

Embora a Nowo não esteja presente em todos os municípios do país com rede fixa (televisão e Internet), a AdC concluiu que, nas zonas onde está, os seus rivais recorrem às chamadas "ofertas especiais" para combatê-la, ou seja, "ofertas comerciais mais atractivas em determinadas zonas geográficas, praticadas pela Meo, Nos e Vodafone".

E, na mesma decisão, a AdC admite ser "provável" que a Digi venha a praticar "preços agressivos", capazes de atrair no imediato consumidores que não estejam sujeitos a cláusulas de fidelização (como tem feito em mercados como o romeno e o espanhol), resultando numa "acumulação da pressão concorrencial" sobre as outras empresas. No documento, a Vodafone considera mesmo que a entrada desta empresa em Portugal deverá dar origem a "um mercado *low cost*" (no qual participariam a Nowo e a Digi, se a primeira não fosse comprada pela segunda).

Ora, num cenário em que estas empresas se juntam, parece plausível que, mesmo retirando um operador do mercado (ou seja, em vez de cinco, regressar-se-ia ao cenário de quatro empresas, como até antes do leilão 5G), aumente ainda assim o número de consumidores potencialmente beneficiados por preços mais competitivos. Ou seja, volta-se a uma situação de quatro operadores, mas o menor deles, e o que promete trazer "os preços mais baixos do mercado", passa a ter uma maior pegada geográfica – ainda que a Digi vá demorar algum tempo a concretizar os investimentos previstos.

"A entrada da Digi é um processo que irá ocorrer ao longo do tempo", explica a AdC. "Pese embora ser plausível assumir-se que os serviços móveis venham a ter uma cobertura relativamente alargada desde o início das operações, o desenvolvimento da infra-estrutura de fibra óptica será, necessariamente, mais lento. Decorrerão alguns anos até que este operador instale a totalidade da rede que tem planeada", refere a análise.

Assim, a Digi, que tem de lançar a oferta 5G no mercado até Novembro, conta com os cerca de 150 mil clientes de pacotes de serviços da Nowo e os cerca de 270 mil clientes no móvel para conseguir "uma mais rápida expansão no mercado português", como a própria admite no comunicado divulgado este mês, no qual diz que "a operação local conta com mais de 600 colaboradores e um investimento previsto de mais de 500 milhões de euros".

Com a compra da Nowo, a empresa espera também contornar eventuais dificuldades no acesso a conteúdos televisivos (sendo já conhecidas as dificuldades nas negociações com a Media Capital, dona da TVI), pois a Nowo tem já contratos com as estações e a Digi precisa desse serviço se quiser iniciar as operações em Portugal com uma oferta comercial completa e competitiva.

AdC diz que mercado tem um "significativo alinhamento das tipologias e preços das ofertas entre os três principais operadores"

270

mil clientes no serviço móvel e 150 mil clientes de pacotes de serviços é o universo da Nowo a que a Digi poderá aceder se a concentração for aprovada

5G

Com a compra de frequências no leilão 5G, a Nowo pode, tal como a Digi, montar rede própria. Até agora, tem oferecido serviços como operador móvel virtual

Isso mesmo admitiu o presidente da empresa, Serghei Bulgac, numa conferência com analistas por ocasião da apresentação de resultados trimestrais, em resposta a questões do *Eco*.

Até agora, a Nowo tem oferecido serviços móveis como operador móvel virtual recorrendo à rede da Meo, mas, com a compra de frequências no leilão 5G, pode, tal como a Digi, montar rede própria. Se ficar com as licenças 5G adquiridas pela Nowo no leilão de 2021, a Digi poderá lançar um melhor serviço móvel, disse também Bulgac, segundo o *Eco*.

"Mensalidades mais baixas"

A AdC considera que o mercado português é caracterizado por um "significativo alinhamento das tipologias e preços das ofertas entre os três principais operadores", ao contrário da Nowo, que, "para o mesmo nível de preços [das outras empresas]", oferece velocidades de Internet superiores.

"A título de exemplo, para os pacotes 3P [televisão, Internet e telefone fixo] a 30Mbps a rondar os 32€ da Meo e da Nos, a Nowo oferece pacotes 3P com velocidades de 120Mbps a 26€, 250Mbps a 29€ e 500Mbps a 31€", ilustrou a AdC (com base em tarifários de 2023).

Também no móvel a empresa se apresenta "no mercado como o operador com ofertas mais baratas ou, noutra perspectiva, como o operador que oferece maior quantidade de dados móveis para o mesmo nível de preços", destacou a AdC.

Olhando para o presente, os dados da Anacom sobre a evolução de preços das telecomunicações em Junho deste ano atestam igualmente essa competitividade: "Por operador, as mensalidades mais baixas foram oferecidas pela Nowo em sete casos, num leque de 11 serviços/ofertas, enquanto a Meo e a Vodafone apresentaram as mensalidades mínimas para dois tipos de serviço/ofertas, cada uma", revelam as estatísticas divulgadas no final de Julho.

"A Nowo apresentou mensalidade mínima mais baixa para o serviço telefónico móvel individualizado (6,25 euros) e para as ofertas em pacote *triple play* (26,25 euros) e *quadruple play* (32,50 euros), enquanto a Vodafone apresentou a mensalidade mínima mais baixa da oferta *quintuple play* (64,10 euros)", explica o regulador das comunicações.

Ainda não vemos sonhos mas há 100 anos que vigiamos a vida eléctrica do cérebro

O primeiro registo da actividade eléctrica do cérebro, numa electroencefalografia (EEG), foi em 1924, na Alemanha. Para já, não vemos sonhos, mas há projectos para cumprir essa "missão"

Tiago Ramalho

Não será surpreendente perceber que nada é igual desde há um século. Em 1924, ainda Portugal vivia os últimos suspiros da I República, sobressai na Alemanha a descoberta de algo que ainda hoje se mantém quase na mesma – e não estando intacto, preserva muito do que se fazia à época. A electroencefalografia (também conhecida como EEG) ou, simplificando, o registo da actividade eléctrica do cérebro tinha o seu primeiro momento há 100 anos. Ainda longe do aparato digital que agora facilita a detecção e a análise dos dados, em 1924 já continha os mesmos princípios: a aplicação de eléctrodos no couro cabeludo e um gráfico que mostra o nosso cérebro em acção.

O calendário assinalava 6 de Julho de 1924 quando o psiquiatra alemão Hans Berger observou pela primeira vez a actividade eléctrica no cérebro de um paciente. Considerar que o electroencefalograma se mantém idêntico pode ser um exagero. Afinal, a digitalização do registo e a evolução da tecnologia para algo fácil de transportar denotam uma evolução – mas o princípio continua a ser o mesmo. Ao longo de um século, a electroencefalografia tornou-se um dos exames médicos com nomes difíceis mais familiares para a população.

A melhor descrição deste exame talvez seja a de Giridhar Kalamangalam, da Universidade da Florida (Estados Unidos): "A EEG dá-nos uma janela para o cérebro vivo, com uma leitura eléctrica contínua do que está a acontecer dentro das nossas cabeças", descreveu num texto publicado no *site* The Conversation.

A EEG é hoje indispensável. Quando se faz um electroencefalograma, o exame vai detectar a comunicação entre as células do cérebro – cuja comunicação se faz através de pequenos impulsos eléctricos. Esses sinais eléctricos são convertidos em "ondas", muito similares à imagem que temos dos testes de um polígrafo, que permitem detectar padrões na actividade eléctrica do cérebro. Ou, por outra perspectiva, identificar irregularidades nesses padrões ou até alterações de milissegundos, algo que permite depois diagnosticar crises convulsivas, lesões cerebrais ou até distúrbios do sono. Em casos mais drásticos, também pode ser usado para confirmar a morte cerebral de uma pessoa em coma.

A capacidade de detectar picos de onda nos gráficos de um electroencefalograma permitiu, logo em 1934, que uma equipa de médicos radicada em Boston (Estados Unidos) usasse este exame para diagnosticar o tipo de epilepsia dos pacientes. Como a epilepsia causa convulsões repetidas, isto permite identificar também o que poderá provocar estas convulsões e, assim, direccionar o tratamento para essas situações, por exemplo. Mas os planos não ficam por aqui.

Vamos ler sonhos?

Adivinham-se novos ramos para a EEG. Um inquérito liderado pela Universidade de Leeds (Reino Unido), e publicado esta semana na revista *Nature Human Behaviour*, dá algumas respostas sobre o que pode ser o futuro – ou, pelo menos, o que mais de 500 especialistas inquiridos vêem como futuro da EEG.

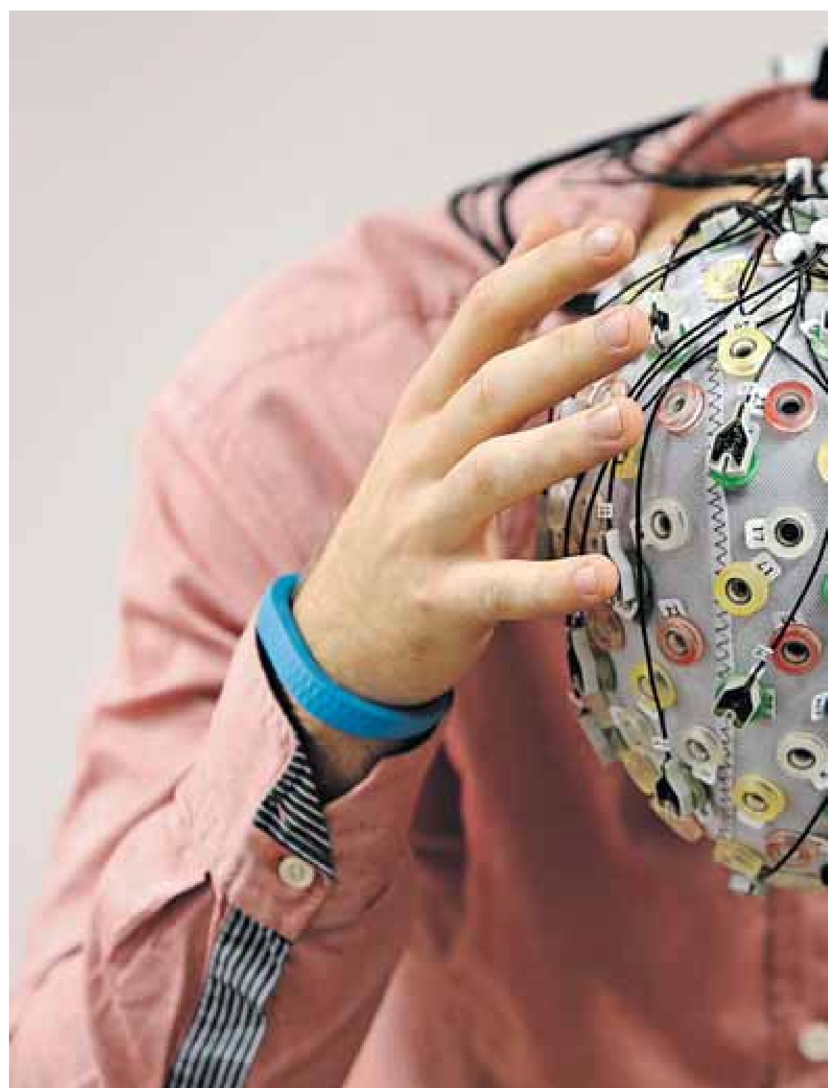
Os passos mais seguros, e que poderão acontecer já na próxima década, são a utilização desta técnica como um instrumento fiável no diagnóstico de problemas graves no cérebro, como tumores, ou a aplicação da EEG de forma recorrente no diagnóstico de doenças do sono, como a apneia.

Os registos da nossa actividade cerebral também são úteis noutras vertentes, como a inteligência artificial. As redes neuronais enquanto um grupo de neurónios artificiais (e computacionais neste caso) que mimetizam o cérebro para criar mecanismos de aprendizagem avançada – como fazem actualmente vários sistemas de inteligência artificial – têm parte da sua origem no conhecimento do cérebro que a EEG ajudou a desbravar. E, agora, a inteligência artificial poderá ser treinada para detectar padrões e respostas através destes impulsos eléctricos.

Por exemplo, na política, em que o padrão eléctrico do cérebro parece ajudar a antecipar a intenção de voto, quer em estudos sobre o "Brexit", quer em estudos sobre as convicções em políticas populistas. A aplicação da EEG também tem sido testada para transformar as ondas eléctricas em discurso – o que poderia ser útil para quem tem problemas na aprendizagem ou alguma deficiência de linguagem – ou até para ampliar a sua utilização no diagnóstico precoce de demências, como a doença de Parkinson. No entanto, para já, estes são ainda trabalhos em curso e à espera de mais investigação.

Este será o futuro próximo. Só que os electroencefalogramas poderão vir a ser bem mais úteis, até pelo papel que já têm na investigação, permitindo perceber alterações no cérebro quando estamos a fazer contas ou quando utilizamos drogas psicadélicas – é, aliás, uma das ferramentas para perceber que mudanças acontecem quando tomamos estas drogas e quais os potenciais riscos de as usar como terapia.

Numa perspectiva muito optimista, há alguns especialistas que vêem daqui a 40 ou 50 anos um mundo em que poderá ser possível usar EEG para ler o conteúdo dos sonhos ou mesmo de memórias de longo prazo – ainda assim, são poucos os que consideram isto possível. Esta hipótese não deixa de levantar reservas, como nota Faisal Mushtaq, um dos cientistas da Universidade de Leeds que realizaram este estudo: "Estou certo de que algumas empresas tecnológicas poderão estar muito interessadas em distribuir a EEG ou outra tecnologia de neuroimagiologia apenas para recolher mais informação dos utilizadores que pode indicar as preferências e emoções durante 24 horas por dia. Mas deve ser usada assim?", questiona, num comunicado da universidade britânica.



DR



Os primeiros registos de EEG foram observados por Hans Berger (à esquerda, em baixo), cujos resultados publicados em 1929 (à direita, em baixo) foram recebidos com desconfiança

1934

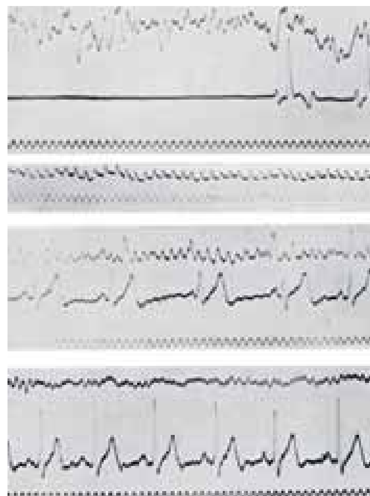
é o ano, uma década depois da descoberta da medição das ondas eléctricas do cérebro, em que uma equipa dos Estados Unidos usou a EEG para diagnosticar a epilepsia

Regressando a uma perspectiva mais realista, há outros fitos de longo prazo plausíveis para os cientistas. Por exemplo, estes exames neurológicos poderão tornar-se uma ferramenta do quotidiano e servir para vigiar pilotos e condutores, explica Dominik Welke, também da Universidade de Leeds. "Estes sistemas de segurança no trabalho podem ajudar a identificar quando estão a adormecer e depois acordá-los ou avisar o co-piloto", diz em comunicado.

Há um outro aspecto sublinhado pelos autores deste estudo sobre o futuro da EEG e que parece bem mais simples de concretizar: um acesso transversal a esta técnica, incluindo em países com menos recursos eco-

MICHAELA REHLE/REUTERS





nómicos. Este é um objectivo que, segundo as respostas dos investigadores a este inquérito, só será exequível nos próximos 20 a 30 anos.

Não há telepatia

Ainda antes de Lara Li dar voz à telepatia, na sua canção de 1981, já esta ideia de que podemos ler os pensamentos dos outros fazia escola, quer na procura de respostas científicas, quer na venda de "poderes telepáticos" – ou seja, charlatanice.

Não, não existe telepatia, mas Hans Berger estava convencido de que sim. Aliás, é graças a essa obsessão do psiquiatra alemão com a telepatia que, em 1924, nasce o que viria a ser conhecido como EEG. À época, tentar explicar alegados casos de telepatia não era incomum e Hans Berger era mais um desses casos. No início do século XX, o alemão questionava se as ondas eléctricas detectadas no electroencefalograma poderiam ser pensamentos a viajar no espaço.

Não eram. No entanto, isso não tirou o interesse ao trabalho desenvolvido. Depois de publicar os primeiros artigos científicos em que dava conta desta descoberta, não houve grande interesse. Estávamos em 1929 e seriam necessários mais cinco anos até o trabalho de Hans Berger ser, finalmente, reconhecido – com o tal trabalho dos médicos de Boston.

Como conta Oriano Mecarelli, investigador da Universidade Sapienza de Roma (Itália), num capítulo do livro *Clinical Electroencephalography*, "a partir de 1936, os primeiros instrumentos para registos de EEG começaram a ser comercializados, permitindo a [sua] rápida disseminação pelo mundo".

Nessa altura, em 1936, já os nazis se ocupavam do poder na Alemanha – a relação de Hans Berger com os nazis é dúbia, sem provas definitivas da sua oposição ou colaboração. O psiquiatra morreria em 1941, (já ciente do sucesso da sua descoberta), mas sem saber que um século depois continuaríamos a vigiar a actividade eléctrica do cérebro mais ou menos da mesma maneira como em 1924.

Pseudociência na universidade

Opinião



Pedro Abreu

A Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa (Nova SBE) é uma prestigiada instituição de ensino superior que possui um alargado portefólio de formação de executivos nas diversas áreas de conhecimento e tipologias. Em 2024 subiu à 13.ª posição mundial no ranking do *Financial Times* que avalia os melhores programas customizados para formação de executivos.

Em Novembro de 2023 foi apresentada na Nova SBE uma tese de Mestrado Executivo em Liderança, cujo trabalho final (*work project*) se intitula "A liderança política durante a pandemia: a comparação entre os casos de Portugal e Suécia". De acordo com o programa do mestrado, o trabalho final destina-se a preparar os alunos para atividades de investigação aplicadas à realidade empresarial. Surpreendentemente, o mestrando optou por um enquadramento ideológico do seu trabalho, começando por agradecer ao líder católico tradicionalista brasileiro Plínio Corrêa de Oliveira, simpatizante da ditadura militar e fundador da organização fascista Tradição, Família e Propriedade, e ao seu seguidor Falleiro Garcia, o terem-lhe incutido as "bases sólidas dos princípios cristãos".

De seguida, o mestrando dá a conhecer as fontes em que se baseou (nomeadamente com transcrição de entrevistas) para avaliar a liderança da pandemia da covid-19 em Portugal, a saber: Rui Fonseca e Castro, ex-juiz do Tribunal de Odemira e atual dirigente da organização Habeas Corpus, propagandista da Alemanha nazi nas redes sociais e protagonista de inúmeras ações de rua violentas e que é catalogada pelo mestrando como "associação de defesa dos direitos humanos"; o presidente da Assistência Médica Internacional, Fernando Nobre, que a partir de 2020 resvalou numa deriva negacionista da covid 19; e periódicos digitais de desinformação negacionista, como o The Blind Spot (descrito como "prestigiado periódico *online*") e o Página Um.

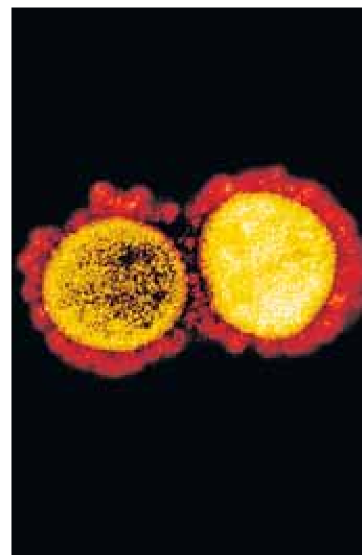
Se bem que a liberdade da investigação científica seja um elemento constitutivo da liberdade académica e da integridade científica na Europa, ela deve assentar numa base ética que obriga, entre outros, a uma referenciação das fontes usadas na produção do trabalho científico rigorosa e abrangente, tal como expresso no Código de Ética da Universidade Nova de Lisboa.

Este trabalho académico, ao excluir qualquer opinião ou auscultação dos responsáveis pela liderança da pandemia em Portugal (médicos, decisores políticos, instituições da área da Saúde), baseando-se em opiniões sem qualquer credibilidade científica e de matriz ideológica, ilustra uma ameaça que vem sendo denunciada pela comunidade científica internacional, a da penetração da pseudociência nas universidades.

Nas universidades públicas, a penetração e promoção da pseudociência tem-se manifestado sobretudo nas ciências da saúde, com particular enfoque nas medicinas alternativas. Em Portugal, na sequência da aprovação da polémica legislação das terapias alternativas, apenas uma das licenciaturas regulamentadas (osteopatia) está a ser lecionada numa instituição de ensino superior público, o Instituto Politécnico do Porto.



Uma universidade de excelência não pode permitir que se publiquem trabalhos que corroborem a desinformação [e pseudociência]



Em França, em 2021 foram listadas 32 universidades permeáveis às pseudociências, entre as quais a Sorbonne, que oferece um curso de práticas corpo-espírito em medicina tradicional chinesa. Durante a pandemia da covid 19, as teorias negacionistas de manipulação e falsificação dos dados científicos foram cavalgadas pela extrema-direita no âmbito da sua agenda política, como refere um manifesto de um coletivo de cientistas franceses.

No Reino Unido, a concessão de graus académicos em medicinas alternativas por universidades públicas foi denunciado na revista *Nature* e, em contraponto, um grupo de estudantes da Universidade de Cambridge criou o movimento Estudantes contra a Pseudociência.

Na Austrália, a reputação e credibilidade internacional das universidades públicas tem vindo a ser destruída pelo aumento da oferta de cursos pseudocientíficos na área da saúde. No Brasil, nos últimos anos têm sido introduzidos novos cursos promovendo as pseudociências em universidades públicas de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo, nomeadamente em temas esotéricos como Terapia Floral, Fisiologia Chinesa e Práticas Energéticas, Astrologia, Corpo e Saúde, Cromoterapia, e Ecologia da Mente, a que não é alheio o peso político das igrejas evangélicas.

O caso acima reportado na Nova SBE tem uma particularidade no que respeita ao modo como a pseudociência penetrou na universidade. Tratou-se da atribuição de uma graduação académica na área da Economia e Gestão, que se baseou em fontes do ativismo negacionista que reinterpretaram os dados sobre a covid 19 e respetiva gestão no contexto da saúde pública de acordo com uma visão ideológica.

Uma universidade de excelência académica não pode permitir que, a coberto da liberdade de investigação científica, se publiquem com a chancela da instituição trabalhos que corroborem a desinformação disseminada por referências temáticas pseudocientíficas, pelo que o registo desta tese de Mestrado Executivo no repositório da Nova SBE sem retratação institucional poderá vir a refletir-se na classificação no ranking internacional do *Financial Times*.

Professor aposentado da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa

Numa década, portugueses nunca tinham ido tanto a museus

Dados do INE e Marktest mostram retoma no pós-pandemia e efeito do turismo. Em 2023, 1,8 milhões de portugueses visitaram museus



Joana Amaral Cardoso

Este é um olhar a dois tempos e duas medidas: a frequência de museus pelos portugueses em 2023 e as visitas de cidadãos nacionais ou estrangeiros às mesmas instituições culturais em 2022 e por concelho. E esse cenário, fruto de dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) e de dois estudos diferentes da Marktest, revela oficialmente que a retoma está em curso, bem como o efeito do turismo. Mas revela sobretudo que 2023 foi o ano em que os portugueses foram ver mais exposições na última década – 1,879 milhões de portugueses dizem ter ido a um museu em 2023. Concelho a concelho, e com dados já sem discriminar nacionalidades e relativos a 2022, Lisboa, Porto e Sintra têm os museus mais populares, mas, apesar de os seus números estarem em crescendo, os valores pré-pandemia ainda não tinham sido atingidos.

O estudo TGI, propriedade intelectual da Kantar Media e do qual a Marktest tem os direitos para Portugal, é aquele que revela a recuperação em 2023 a nível nacional focada na frequência por portugueses dos museus. Mostra que em 2019, pré-pandemia, a percentagem de cidadãos nacionais que dizia ter ido a um museu era de 21,9% e em 2015 de 19,6%, o mais baixo no período em análise. Os valores de 2023 são os mais elevados desde que existe este indicador, representando 25,2% da população nacional entre os 15 e os 74 anos.

De acordo com o estudo e com dados detalhados fornecidos ao PÚBLICO, o crescimento é notável, tendo em conta que em 2016 só 19,1% dos auscultados afirmavam ter-se deslocado até um museu e que mesmo em 2020, com o país a encerrar ou a controlar o número de pessoas em simultâneo em espaços culturais, 19,2% dos portugueses disseram ter ainda tido tempo de ir ver exposições. Só em 2018 se esteve tão perto dos números do ano passado, com 23,4% dos abarcados pelo estudo TGI a dar conta da ida a um museu.

São também visíveis algumas assimetrias. O interior do país tem menos inquiridos que visitaram pelo menos um museu em 2023 e são os grupos com maior capacidade financeira – classe A/B – aqueles que foram a museus no mesmo período (44,5% contra os 21% de outros grupos com menos margem monetária). Destaque para o Grande Porto (31%) e Litoral Norte (34,3%), cujos residentes são os que mais dizem ter visitado museus. Lisboa vem a seguir, com 28,9% dos auscultados que foram ver exposições.

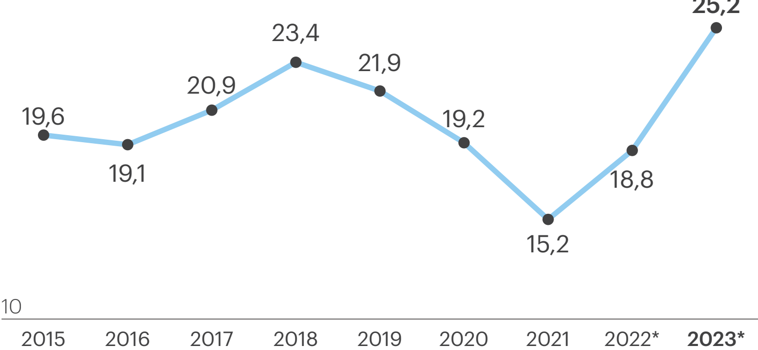
Os portugueses em geral dizem ter voltado aos museus e olhando para os dados do TGI, cuja amostra é composta por 5030 pessoas, das quais 2226 homens e 2804 mulheres, são os homens (27,6%) e os mais jovens (32% dos inquiridos com idades entre os 15 e os 24 anos e 32,7% para os do grupo 25-34 anos contra os 20,6% dos 45-54 anos, por exemplo) os que mais respondem ter visitado museus no ano passado.

O olhar geracional não escapa ao TGI, que mostra que o grosso dos visitantes pertence à geração Z (34,2%), seguindo-se a Y (28%), os *Baby Boomers* (22,9%) e a geração X na cauda do pelotão com apenas 20,6% de frequência museológica. As balizas geracionais são fluidas, mas convencionou-se que a geração Z se define pelos nascidos entre a segunda metade da década de 1990 e o início da década de 2010, a geração Y, ou os *millennials*, é aquela cujos nascimentos ocorreram entre o início da década de 1980 e a primeira metade da década de 1990, com a X a ser composta por pessoas nascidas entre meados da década de 1960 e 1980; os *boomers* são a geração nascida no pós-guerra, mais ou menos entre 1946 e 1964.

O contexto destas análises é aquele em que se sabe que a pandemia prejudicou mais a cultura do que outras áreas da economia portuguesa (a quebra foi o dobro em relação às restantes actividades económicas), com o consumo cultural das famílias a cair 20%, segundo dados do INE e da Conta Satélite da Cultura divulgados em 2022.

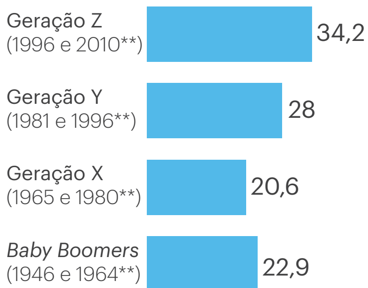
No final de 2023 já se conseguia celebrar e os dados do INE indicaram que os espectáculos ao vivo (concertos, teatro, dança) geraram 147,3 milhões de euros de receita bruta de bilheteira em 2022, o valor mais ele-

Portugueses que foram a museus em 2023
Em %



*Universo alterado para 15-74 anos

Gerações que mais visitaram museus
Em %



**Nascidos entre

Nota: Indicador introduzido na vaga TGI 2015 (Julho). Actualização dos dados dos Censos 2021 na vaga Global 2022. VG 15/74 22: alteração ao universo TGI para 15-74 anos, Portugal Continental. Por esse motivo a comparação de dados só deve ser feita com vagas que partilhem o mesmo universo

Fonte: Marktest, TGI — PÚBLICO

PAULO PIMENTA



A exposição *Casa Vale Ferreira*, de João Pedro Vale e Nuno Alexandre Ferreira, no Museu de Serralves

vado desde 1979. O TGI da Marktest dera conta em Junho que em 2023 1,325 milhões de portugueses tinham ido a um festival de música, por exemplo, mais uma vez o número mais alto desde que o indicador existe. Foram os jovens dos 15 aos 34 anos, os portuenses e os mais abastados que mais responderam afirmativamente sobre a presença em festivais.

Há uma semana, a Museus e Monumentos de Portugal confirmava que em 2023 houve um aumento de 10% de visitantes nos equipamentos geridos pela recém-criada empresa pública, que consistem em 38 museus, monumentos e palácios nacionais que até 31 de Dezembro estavam na dependência da extinta Direcção-Geral do Património Cultural (DGPC). No que toca aos museus, os mais visitados (e desta lista contam apenas os museus nacionais) foram o Museu Nacional do Azulejo, que recebeu 276.209 visitantes, seguido pelo Museu Nacional dos Coches, com 226.634 visitas, e o Museu Nacional de Arte Antiga, que somou 107.223 entradas, todos em Lisboa. Seguem-se na lista o Museu Nacional de Conímbriga, com 97.097 visitantes, o Museu de Alberto Sampaio, em Guimarães, com 85.543 entradas, o Museu Nacional de Soares dos Reis, no Porto, com 67.797 visitas, voltando-se a Lisboa para constatar que o Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado totalizou 58.904 visitantes. Recorde-se que entre 2022 e 2023 importantes museus como Museu Nacional de Arqueologia, o Museu Nacional Resistência e Liberdade e o Museu Nacional da Música estiveram encerrados para obras.

Recuando um ano no tempo e alargando o escopo a todo o tipo de museus, confirma-se que Lisboa concentra o maior número de ingressos. Os museus do concelho de Lisboa receberam 3,868 milhões de visitantes em 2022, ano charneira para avaliar o pós-pandemia, quando as grandes medidas de contenção sanitária já tinham sido levantadas e o turismo interno e internacional encetava a sua retoma. Segundo dados do INE, que abarcam 58 museus do concelho, a média diária de visitantes (183/dia) é o valor mais alto do país. É de ter em conta que o concelho tem 8,8% dos museus portugueses contemplados pela análise do INE e que, proporcionalmente, as instituições museológicas da área da capital recebem 24,5% das visitas.

Trabalhados pela Marktest e pelo seu sistema de geomarketing Sales Index, cruzando dados com a aplicação Municípios Online, os números revelam que ainda assim não se tinham atingido os valores registados em 2019, ou seja, pré-pandemia – nessa altura, Lisboa tinha valores muito próximos dos 5,5 milhões de visitantes. Quando se alarga o cenário para a Área Metropolitana de Lisboa, a quebra é igualmente expressiva, apesar de se verificar uma recuperação clara: havia uma curva manifestamente ascendente desde 2012, quando se receberam 4,7 milhões de pessoas, e em 2019 os visitantes dos museus agigantavam-se para 9,4 milhões; em 2022, a recuperação manifestou-se com 6,9 milhões de entradas.

Como noticiou o PÚBLICO esta semana, este mês tem sido de recordes para vários equipamentos culturais portugueses, nomeadamente o Mosteiro dos Jerónimos ou a Torre de Belém, que segundo a sua directora, Margarida Donas-Botto, já recebeu "mais do dobro" do que no mesmo período de 2023. São monumentos, mas o crescimento estende-se também aos museus, como o Museu Berardo/Museu de Arte Contemporânea – Centro Cultural de Belém ou o Museu de Arte, Arquitectura e Tecnologia (MAAT) e o contributo do turismo, especialmente em Lisboa e Porto, é significativo.

Como seria de esperar, os museus do Porto são os segundos mais visitados, segundo os dados do INE trabalhados pela Marktest. Já estavam a receber 3,5 milhões de visitantes em 2022 e a recuperação no pós-pandemia é muito maior. Em 2018 e 2019, estavam consistentemente na faixa dos 3,6 milhões de entradas.

Sintra é o terceiro concelho mais popular entre os frequentadores de museus. Foram 2,3 milhões em 2022, uma subida francamente positiva em relação a 2021 – 819 mil pessoas –, mas ainda à espera de atingir números como os de 2019, com os seus três milhões de visitas, o máximo numa década.

O impacto da medida da entrada gratuita durante 52 dias por ano para portugueses e residentes em 37 equipamentos culturais nacionais será também de notar nas contas relativas a 2024, quando entrou em vigor dia 1 deste mês.

CLASSIFICADOS

Rua Júlio Dinis, n.º 270, Bloco A, 3.º Piso
4050-318 Porto
Tel. 22 615 10 00
lojaporto@publico.pt
De seg a sex das 09H às 18H



= AVISO =

Torna-se público que se encontra aberto, pelo prazo de dez dias úteis, a contar da data de publicação do presente aviso na 2.ª *Série do Diário da República*, procedimento concursal, para contratação em funções públicas por tempo indeterminado, com vista à ocupação de sete (7) postos de trabalho do mapa de pessoal, na carreira de Assistente Operacional (para exercer funções de condutor de veículos pesados de recolha de resíduos sólidos com grua), cujos requisitos de admissão e formalização de candidaturas constam do aviso publicado no *Diário da República*, 2.ª Série, n.º 163, de 23 de agosto de 2024, o qual deve ser consultado.

Qualquer informação complementar poderá ser obtida pelo telefone 214369023.

As candidaturas terão de ser obrigatoriamente formalizadas online na Plataforma de Gestão de Procedimentos Concursais da Câmara Municipal de Amadora em https://recrutamento.cm-amadora.pt.

Paços do Município, 23 de agosto de 2024

Por delegação de competências do Presidente da Câmara Conferida pelos despachos n.º 28/P/2024 de 15 de julho e n.º 41/P/2024, de 19 de julho

A Vereadora da área dos Recursos Humanos
Susana Santos Nogueira



Edital n.º 1255/2024

Sumário: **Abertura de discussão pública da alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 41/1980 - processo n.º 15/1993/9470/0 - E/36803/2024.**

Abertura de Discussão Pública da Alteração à Licença da Operação de Loteamento titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 41/1980 - Processo n.º 15/1993/9470/0 - E/36803/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: Faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, ex *vi* artigo 22.º n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e) do n.º 1 e n.º 4 do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração aos Lotes 31 e 32, da Licença da Operação de Loteamento titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 41/1980, sito no Lugar de Areal de Baixo, da freguesia de Braga (São Vítor), deste concelho, em que é requerente Francisco José Soares Marques, e consiste no seguinte: junção dos Lotes 31 e 32 num único lote com a designação de Lote 31/32; a área do lote passa a ser de 1 421,00 m²; a cota de implantação passa a ser 204.55; a cota de soleira passa a ser 207.55; a tipologia passa a ser 1G+3H (1 piso abaixo da cota de soleira e 3 pisos acima da cota de soleira (R/C+2 andares)); o número de fogos passa para 9 (3 T3+6 T2); a área máxima de implantação passa a ser de 450,00 m² e a área máxima de construção passa a ser de 1 176,00 m² (258,00 m² abaixo da cota de soleira destinados a Garagem e 918,00 m² acima da cota de soleira destinados a Habitação). As referidas alterações implicam modificações aos valores globais do loteamento, passando o número total de fogos para 189; reconfiguração da área do domínio público (mudança de afetação de área de zona verde prevista no domínio público para área destinada a estacionamento (69,50 m²) para 10 lugares e continuidade do passeio), mantendo-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Há lugar à alteração às obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta, na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga. Para constar se mandou passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicitado no site do Município, publicado no *Diário da República* e num jornal de âmbito nacional.

7 de agosto de 2024

O Vereador, *João Vasconcelos Barros Rodrigues*



Edital n.º 1254/2024

Sumário: **Alteração à licença da operação de loteamento titulada pelo alvará de loteamento n.º 30/1989 - processo n.º 15/1994/3496/0 - E/8207/2024**

Alteração à Licença da Operação de Loteamento Titulada pelo Alvará de Loteamento n.º 30/1989 - Processo n.º 15/1994/3496/0 - E/8207/2024

João Vasconcelos Barros Rodrigues, Vereador do Pelouro do Urbanismo, Ordenamento e Planeamento, da Câmara Municipal de Braga, no uso de competências subdelegadas por despacho do Sr. Presidente da Câmara Municipal de Braga de 2021/10/18: Faz saber que, nos termos do artigo 27.º, n.º 2, *ex vi* artigo 22.º, n.º 2 do Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de dezembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 136/2014, de 9 de setembro e alínea e), do n.º 1 e n.º 4, do artigo 112.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, se encontra aberto um período de discussão pública, pelo prazo de 15 dias, tendo por objeto a alteração ao lote L11, do alvará de loteamento n.º 30/1989, sito no Lugar de Padrão, Igreja ou Cadoi, da freguesia de Tebosa, deste concelho, em que é requerente Manuel Carlos Cunha Ferreira e consiste no seguinte: propõe-se um polígono possível de implantação dentro do qual de desenvolve a construção; a cota de soleira será +0.30, acima da cota do passeio existente; a área máxima de implantação passa para 238,60 m2; eliminação do piso em andar, passando a ter dois pisos, um abaixo da cota de soleira (0,50 m acima da cota do passeios existente) e outro acima da cota de soleira; alteração da tipologia para 1G+1H; ao nível do piso -1 (Cave) a área máxima destinada a garagem passa para 203,00 m2 e no piso 0 (Rês-do-Chão) a área máxima destinada ao uso de Habitação passa para 175,00 m2; a área máxima de construção passa para 378,00 m2; 1.134,00 m3 de volume máximo de construção.
As referidas alterações, implicam modificações aos valores globais do loteamento, nomeadamente a área total de construção, abaixo da Cota de Soleira (cave) passa para 1.243,53 m2; a área total de construção, acima da Cota de Soleira (rés do chão + Andar) passa para 5.357,55 m2 e a área total de construção para 6.601,08 m2. Mantém-se as restantes prescrições do alvará em vigor. Há lugar à execução de obras de urbanização. Durante o referido prazo, contado a partir da publicação do presente edital no *Diário da República*, poderão os interessados apresentar por escrito as suas reclamações, relativamente à pretendida operação urbanística. Mais se torna público que o processo respeitante à alteração à operação de loteamento, acompanhado da informação técnica elaborada pelos Serviços Municipais, se encontra disponível para consulta na Direção Municipal de Gestão do Território (DMGT), sita no Edifício do Pópulo, Braga. Para constar se mandou passar o presente edital e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo, publicitado no site do Município, publicado no *Diário da República* e num jornal de âmbito nacional.

7 de agosto de 2024

O Vereador, *João Vasconcelos Barros Rodrigues*

LUIS BRANCA/LUSA



Gyökeres fez três golos e já soma seis no campeonato

Este Sporting é diferente. É o Sporting dos cinco ofícios

Gyökeres foi o jogador decisivo, mas o que mais ressaltou do jogo foi a complexidade táctica de uma equipa que traz para esta temporada muitas ideias novas – e boas

Crónica de jogo

Diogo Cardoso Oliveira

O que se passou ontem no triunfo (5-0) do Sporting frente ao Farense, na 3.ª jornada da Liga, foi a aplicação prática daquilo que qualquer adepto quererá pedir à sua equipa preferida. Os "leões" não foram apenas dominadores, porque domínios há muitos. O que se passou foi a demonstração de um rol tremendo de soluções tácticas e de dinâmicas ofensivas.

Poderia não ter resultado? Sim. Mas a probabilidade de dar certo era gigantesca. E vai resultar sempre? Provavelmente, não. Mas enquanto o futebol do Sporting for jogado desta forma não será fácil contrariar – sobretudo para equipas que sejam como o Farense na incompetência a identificar problemas.

A equipa "leonina" usou um largo repertório de soluções. Sem bola, ora aperta com referências individuais, ora controla o espaço – e o novo preceito de "abafar" homem a homem nem foi muito utilizado no Algarve. Depois, ora faz saída curta a quatro, ora faz a três – e com variantes sobre quem faz de quarto jogador, baralhando marcações.

Ora tem dois alas projectados em simultâneo e tenta jogar por dentro, ora faz Pedro Gonçalves partir de dentro para fora para arrastar o lateral e a bola entrar no corredor. O segundo médio ora surge de frente para o jogo, ora surge na posição 10.

Isto é trágico para qualquer equipa, que nunca sabe que referências de marcação seguir, mas mais ainda para uma equipa como o Farense, que, tendo uma defesa a quatro, sabia que o jogo de pares não seria possível com o 3x4x3 "leonino". E não pareceu haver consenso sobre como marcarem Gonçalves e Geny.

Vejamos:

– Minuto 2: Pedro Gonçalves vai de fora para dentro, arrasta o lateral e há espaço para Geny receber a bola longa de Diomande. Perigo de golo.

– Minuto 3: lateral outra vez muito por dentro, depois de atraído, e espaço na ala. Perigo de golo.

– Minuto 4: lateral atraído para dentro pelo movimento de Pedro Gonçalves e Geny teve espaço para remate. Perigo de golo.

– Minuto 22: Pedro Gonçalves vai para dentro, arrasta o lateral e Diomande coloca nova bola directa em Geny aberto. Perigo de golo. Em pouco mais de 20 minutos, o Sporting fez este movimento quatro vezes e em todas criou perigo.

José Mota nada parece ter feito a respeito desta dinâmica. Pedir ao ala para ajudar a marcar Geny poderia ser uma ideia. Ou baixar um dos médios também poderia ser solução, permitindo ao lateral pegar em Geny, embora esta via obrigasse a muitos ajustes, porque o segundo avançado teria de baixar para o meio-campo.

Outra dinâmica interessante – e nova – foi visível aos 16', com sobrepovoação da zona frontal à área, com Trincão, Pedro Gonçalves, Bragança e Gyökeres por dentro. Não era comum isto acontecer no jogo do Sporting, que era um pouco mais orgânico na ocupação do espaço. O que aconteceu foi que um central marcou Gyökeres, o lateral Bragança e o outro central Pedro Gonçalves (embora atrasado). Quem marcou Trincão? Ninguém. O português isolou Gyökeres, que voltou a chamar Ricardo Velho ao serviço.

O golo surgiu aos 27', num lance no qual também se viu a diferença de comportamento do segundo médio "leonino". Mais do que ver sempre o jogo de frente, como mais gosta, Bragança prestou-se a trabalhar de costas para a baliza, entre linhas, e a aparecer vindo de trás em zonas de finalização. Não era comum.

Um desses movimentos deu o primeiro golo, com uma bola "picada" de Pedro Gonçalves que deu remate de Bragança, defesa de Velho e recarga de Gyökeres. O sueco bisou aos 41' num penálti que Tiago Martins assinalou, do qual o VAR discordou e que o árbitro decidiu manter.

Depois de muita coisa nova na primeira parte, mais uma na segunda: aos 65', Gyökeres conduziu para cima de um adversário na meia-esquerda, mas não forçou a procura do pé direito, como costuma fazer. Disparou mesmo de pé canhoto e fez o 3-0 com um remate cruzado.

Pouco depois, um autogolo deu o 4-0 e pouco mais havia a tirar deste jogo. Para o Farense, era sobrevivência com números que se mantivessem fora da humilhação. Para o Sporting, era diversão para os que entravam.

Aos 81', já valia tudo. Edwards pegou na bola no meio-campo e, para finalizar já perto da marca de penálti, seria suposto ter tido de driblar muita gente. Mas não precisou. Bastou ir conduzindo por ali fora, driblando um ou outro que surgiu, e rematar em zona já favorável.

Farense **0**

Sporting **5**
Gyökeres 27', 42' (gp), 66', Lucas Áfrico 69' (ag), Marcus Edwards 81'

Estádio do Algarve, em Faro/Loulé
Espectadores 17.993

Farense Ricardo Velho, Talys (Filipe Soares, 78'), Marco Moreno ●51', Lucas Áfrico, Rivaldo, Cláudio Falcão ●14', Neto (Rafael Barbosa, 46'), Gio, Belloumi, Marco Matias (Millán, 59') e Tomané ●52' (Darío, 59'). **Treinador** José Mota

Sporting Kovacevic, Quenda (Nuno Santos, 63'), Quaresma (Debast, 72'), Diomande (M. Reis, 87'), Gonçalo Inácio, Geny Catamo, Morita, Daniel Bragança ●10' (M. Edwards, 72'), Trincão, Pedro Gonçalves (Essugo, 87') e Gyökeres. **Treinador** Rúben Amorim

Árbitro Tiago Martins (AF Lisboa)
VAR Fábio Veríssimo (AFLeiria)

Positivo/Negativo

⊕ **Gyökeres**
Vários movimentos úteis à equipa, muito trabalho sem bola e três finalizações – uma delas de pé esquerdo.

Trincão
Destacou-se sobretudo na primeira parte. Qualidade técnica, intensidade e grande frieza a definir.

Pedro Gonçalves
Não marcou, mas esteve em quase tudo o que a equipa criou.

⊖ **Farense**
Mais do que a derrota ou do que a goleada, a equipa mostrou-se mal preparada e incapaz de reagir ao que o jogo lhe provocava.

Sporting conquista Supertaça feminina e iguala Benfica em títulos

Augusto Bernardino

Telma Encarnação e Cláudia Neto operaram reviravolta após golo de Martín-Prieto, levando o troféu para Alvalade

O Sporting bateu ontem o Benfica por 2-1, com direito a reviravolta, consumando o "assalto" à conquista da terceira Supertaça de futebol feminino, numa final disputada no Estádio do Restelo, quebrando ainda o jejum de títulos que durava desde 2021/22.

Mais objectivas e numa reafirmação da superioridade evidenciada em 2023/24 – em que açambarcaram títulos (Supertaça, Taça de Portugal, Campeonato e Taça da Liga) –, as benfiquistas preparavam-se para iniciar a temporada com nova conquista, mas as "leoas" reagiram a tempo e asseguraram o troféu.

O Sporting começara melhor, dispondo de três ocasiões para se colocar em vantagem, obrigando a ala esquerda norueguesa Marit Lund a baixar frequentemente para apoiar o trio de centrais do Benfica. Mas o futebol das "leoas" revelou-se pouco eficaz na zona de definição.

MIGUEL A. LOPES/LUSA



O Sporting quebrou a série vencedora do Benfica na Supertaça

Telma Encarnação surgia no apoio à possante norte-americana Brittany Raphino, com Diana Silva em prontidão máxima, mas sem movimentos ou acções capazes de desposicionar as adversárias. Por sua vez, na resposta a um ataque do Sporting, a nigeriana Christy Ucheibe recuperou a bola e solicitou Cristina Martín-Prieto. A espanhola atacou a profundidade, impôs-se fisicamente e rematou ao primeiro poste, batendo Hannah Seabert a fechar a primeira meia hora de jogo (27').

O Benfica estava em vantagem no marcador e preparava-se para dividir mais o jogo, quebrando, inclusive, a organização do Sporting, que não conseguiu potenciar o facto de jogar a favor do vento para explorar os remates de meia distância.

Uma tendência que se acentuou na segunda parte, período em que o Benfica foi superior, controlando um Sporting sem capacidade para retaliar. Mariana Cabral, treinadora "leonina", procurou o antídoto no banco. Primeiro com Fátima Pinto a render a experiente médio espanhola Brenda Pérez, na tentativa de conferir um apoio mais efectivo à dupla de ataque. Depois Maísa Correia a render Brittany Raphino para procurar a vertigem e com Cláudia Neto a promover a ligação de sectores, através do transporte de bola.

Maísa esteve logo em evidência, mas o Sporting enfrentava um Benfica coeso e ainda tinha que vencer a resistência do vento. Nada que impedisse a ex-Marítimo Telma Encarnação de arrancar pela direita, tal como fizera Prieto no golo do Benfica, para colocar a bola no fundo da baliza de Rute Costa (75'). Lance validado após verificação do VAR.

O Sporting renascia e Cláudia Neto, após cruzamento atrasado de Telma Encarnação, colocou as "leoas" em vantagem (85'), abrindo o caminho à reviravolta que permitiu ao Sporting voltar a saborear um título, o terceiro da história, igualando as benfiquistas.

Fábio Vieira, Gul, Conceição, Carmo e Martínez: o FC Porto acelera para o final do mercado

Num dos pratos da balança, o avançado Deniz Gul e o médio Fábio Vieira; no outro, Francisco Conceição, David Carmo e Toni Martínez. O dia de ontem, no FC Porto, ficou marcado por duas contratações iminentes e três saídas na calha. Na véspera do embate da 3.ª jornada da Liga com o Rio Ave, os "dragões" aceleram o ritmo para arrumar a casa até ao final do mês.

Ainda durante a manhã, chegou à cidade Deniz Gul, que se prepara para ser o primeiro reforço do FC Porto 2024/25. O avançado sueco brilhou nos últimos anos no Hammarby e, aos 20 anos, prepara-se para aumentar as opções do treinador, Vítor Bruno, para a frente de ataque, depois das saídas de Evanilson e Taremi.

Os "azuis e brancos" terão de desembolsar algo como 4,5 milhões de euros (que poderão vir a ser cinco milhões) pelo jogador, que no ano passado fez 14 golos em 23 jogos (no terceiro escalão sueco) e, já em 2024, apontou três em 17 (no primeiro).



Fábio Vieira deverá regressar ao FC Porto por empréstimo

Gul não será, porém, o único reforço a juntar-se ao plantel no Dragão nos próximos dias. Fábio Vieira está próximo de um regresso a casa, por empréstimo do Arsenal sem opção de compra, constituindo mais uma opção de qualidade para o meio-campo. O jogador deixou o FC Porto há dois anos, a troco de 35 milhões de euros, mas em 2023/24 não teve um índice de utilização elevado, procurando agora um novo espaço de afirmação.

Em sentido contrário, movimentam-se Conceição, Carmo e Martínez. O extremo continua a ser cobiçado pela Juventus, sendo que em cima da mesa o FC Porto terá uma hipótese de venda definitiva ou de empréstimo (com uma taxa generosa, a rondar os 10 milhões), mas sem opção de compra. A saída do criativo é, nesta altura, um cenário bastante provável.

Praticamente fechada está a transferência definitiva de David Carmo para o Olympiacos, que representou por empréstimo na época passada. O central deverá render algo como 11 milhões de euros, com margem para crescer até aos 15, ficando os "dragões" com 10% de uma mais-valia a realizar em caso de futura venda do passe do jogador, que já não foi convocado para o jogo de hoje.

Quanto ao avançado Toni Martínez, está em conversações com os espanhóis do Alavés e o treinador, Vítor Bruno, já assumiu que a transferência é um cenário plausível: "Há uma alta probabilidade de sair."

I Liga

Jornada 3

Farense-Sporting	**0-5**
Casa Pia-Santa Clara	**15h30, SPTV**
FC Porto-Rio Av e	**18h, SPTV**
Famalicão-Boavista	**20h30, SPTV**
Benfica-Estrela da Amadora	**20h30, BTV**
Arouca-Nacional	**dom, 15h30, SPTV**
Estoril-Gil Vicente	**dom, 18h, SPTV**
AVS-Vitória SC	**dom, 20h30, SPTV**
Sp. Braga-Moreirense	**dom, 20h30, SPTV**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Sporting	3	3	0	0	14-2	9
2 FC Porto	2	2	0	0	5-0	6
3 Famalicão	2	2	0	0	5-0	6
4 Moreirense	2	2	0	0	5-2	6
5 Vitória SC	2	2	0	0	2-0	6
6 Sp. Braga	2	1	1	0	2-1	4
7 Santa Clara	2	1	0	1	4-3	3
8 Boavista	2	1	0	1	1-1	3
9 Gil Vicente	2	1	0	1	4-5	3
10 Rio Ave	2	1	0	1	2-3	3
11 Benfica	2	1	0	1	3-2	3
12 AVS	2	0	1	1	3-5	1
13 Nacional	2	0	1	1	2-7	1
14 Est. Amadora	2	0	1	1	1-4	1
15 Arouca	2	0	0	2	1-4	0
16 Estoril	2	0	0	2	1-5	0
17 Casa Pia	2	0	0	2	0-4	0
18 Farense	3	0	0	3	1-8	0

Próxima jornada Boavista-Estoril Praia; Moreirense-Benfica; Sporting-FC Porto; Gil Vicente-Sp. Braga; Rio Ave-Arouca; Estrela da Amadora-Casa Pia; Nacional-Farense; Vitória SC-Famalicão; Santa Clara-AVS

II Liga

Jornada 3

União Leiria-Alverca	**1-1**
Felgueiras-Feirense	**11h, SPTV**
Torreense-Oliveirense	**14h, SPTV**
Leixões-Paços de Ferreira	**15h30, SPTV**
Ac. Viseu-FC Porto B	**dom, 11h, SPTV**
Penafiel-Tondela	**dom, 14h, SPTV**
Marítimo-Desp. Chaves	**dom, 15h30,SPTV**
Benfica B-Vizela	**dom, 18h, BTV**
Mafra-Portimonense	**dom, 18h, SPTV**

	J	V	E	D	M-S	P
1 Penafiel	2	2	0	0	6-4	6
2 Ac. Viseu	2	1	1	0	4-3	4
3 Marítimo	2	1	1	0	4-3	4
4 União Leiria	3	1	1	1	4-3	4
5 Feirense	2	1	1	0	3-2	4
6 Leixões	2	1	1	0	2-1	4
7 Vizela	2	1	0	1	3-2	3
8 Benfica B	2	1	0	1	3-2	3
9 Paços de Ferreira	2	1	0	1	2-2	3
10 Alverca	3	0	3	0	3-3	3
11 Felgueiras	2	0	2	0	1-1	2
12 Tondela	2	0	2	0	4-4	2
13 FC Porto B	2	0	2	0	3-3	2
14 Oliveirense	2	0	1	1	3-4	1
15 Mafra	2	0	1	1	0-1	1
16 Desp. Chaves	2	0	1	1	1-2	1
17 Portimonense	2	0	1	1	0-3	1
18 Torreense	2	0	0	2	0-3	0

Próxima jornada Desp. Chaves-Mafra; Alverca-Ac. Viseu; Tondela-Felgueiras; Paços de Ferreira-Penafiel; Oliveirense--Leixões; Portimonense-Marítimo; Vizela-Torreense; Feirense-Benfica B; FC Porto B-União de Leiria

MELHORES MARCADORES

I Liga
6 golos Viktor Gyökeres (Sporting)
3 golos P. Gonçalves (Sporting), Fujimoto (Gil Vic.)

II Liga
3 golos Zé Leite (Penafiel) **2 golos** Roberto (Tondela), Gabriel Barbosa (Penafiel), Patrick Fernandes (Marítimo)

Velódromo de Anadia 2-0 PRR

Opinião



Daniel Monteiro

Passaram cerca de duas semanas desde que terminaram os Jogos Olímpicos de Paris, o maior evento multidesportivo do mundo, o único momento capaz de pôr Portugal a olhar para o desporto.

Em jeito de balanço, a Missão Portuguesa cumpriu com os objetivos a que se havia proposto para Paris 2024, com a obtenção de quatro medalhas. Isto apesar de a métrica de avaliação "medalhista" poder levar a considerações incorretas ou enviesadas, dado o reduzido número de pódios estabelecidos como meta. Reduzido mas realista, tendo em conta o baixo número de praticantes desportivos de Portugal, cuja consequência natural é o escasso número de atletas que alcança o topo – alto rendimento e seleções nacionais. Com poucos atletas nesse topo, a probabilidade de obtenção de resultados de pódio é naturalmente reduzida.

Quando se está a falar de duas, três ou quatro medalhas como hipótese e falha um ou outro resultado dado como provável, a percentagem de desacerto torna-se logo elevada. Passar da depressão à euforia, ou vice-versa, por mais uma ou duas medalhas conquistadas, ou por conquistar, não só não é racional como torna esquizofrénica a avaliação dos resultados.

Portugal só conseguirá ser competitivo face a países desenvolvidos, de densidade populacional semelhante à nossa, se, baseado numa cultura do desporto como ferramenta educativa e formativa, diversificar e alargar o número de praticantes que, por consequência, "alimentem" o topo, quer em quantidade quer em qualidade.

Para tal, precisamos de olhar para a escola, em particular para o 1.º ciclo de escolaridade, como o grande instrumento para massificar e democratizar o acesso ao desporto, por via da formação física e motora com a disciplina de Educação Física, que tem, forçosamente, de adquirir caráter obrigatório. Necessitamos, igualmente, de atentar aos clubes de base local e à sua profissionalização e sustentabilidade (que está hoje em causa); de olhar para as infraestruturas desportivas, através da construção de novas e da manutenção das já existentes; e para os centros de alto rendimento, com vista ao desenvolvimento dos melhores talentos nacionais.

Muitos dos portugueses ouviram, por estes dias, falar do Velódromo de Sangalhos, em Anadia, pela primeira vez. A "fábrica de talentos" do ciclismo, em particular da vertente de pista, exemplarmente explorada pela Federação Portuguesa de Ciclismo, "ofereceu", 15 anos depois da sua construção, duas medalhas olímpicas a Portugal, uma delas de ouro. Uma obra concluída em 2009, através do investimento de cerca de 12 milhões de euros; 70% dos quais oriundos de fundos comunitários, 2,8 milhões por via da Câmara Municipal de Anadia e o remanescente pelo Estado central. À data, a Federação Portuguesa de Ciclismo muito insistiu, a autarquia acompanhou e o Governo corroborou.

Se em 2009 esta infraestrutura foi, por todos (incluindo o Governo), assumida como prioritária, em 2021, no tão badalado Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), a modernização e construção de instalações desportivas e a revitalização do desporto associativo/federado foram remetidos ao esquecimento. Da "bazuca" de mais de 22 mil milhões de euros de fundos comunitários para o nosso país, houve zero de investimento nesta área. E sem investimento, não há resultados.

Durante os Jogos Olímpicos, em Paris, o primeiro-ministro, Luís Montenegro, prometeu mais apoios para o desporto. Este é um sinal, naturalmente, positivo, ainda que se trate "apenas" de palavras. E a verdade é que o setor tem merecido muitas "palmadinhas nas costas" ao longo dos anos, muitos "empoleiramentos" políticos em cima de resultados desportivos, mas poucas "concretizações" por parte de quem foi dirigindo o país. Se desta vez as promessas são para ser levadas a sério, que se "emende a mão" e se incluam as infraestruturas desportivas e o desporto federado/associativo numa nova atualização do PRR, indo ao encontro do que vários países europeus fizeram com o investimento comunitário no pós-covid.

A título de exemplo, o Plano de Recuperação, Transformação e Resiliência de Espanha previu o investimento de 300 milhões de euros no desporto; em França aproveitou-se para acelerar a transição digital dos clubes e para financiar a criação de 2500 novos empregos em dois anos, com vista à profissionalização do tecido associativo desportivo; e em Itália o PRR incluiu a reabilitação e construção de novas infraestruturas desportivas em programas de regeneração urbana, cujos montantes ascendem a 6,7 mil milhões de euros.

> O desporto tem merecido muitas 'palmadinhas nas costas' ao longo dos anos, muitos 'empoleiramentos' políticos, mas poucas 'concretizações'

Perante isto, a pergunta que se impõe é: como pode o desporto português ser competitivo? Teremos duas respostas: ou por milagre ou mudando a política desportiva do país. Acho que todos compreenderão ser mais responsável a segunda opção.

Uma palavra final para José Manuel Constantino. Quis o destino que a noite que consagrava a última obra olímpica fosse a do adeus. Um profundo conhecedor e pensador do desporto nacional, com quem tive o privilégio de partilhar muitas e boas conversas, sobre o nosso desporto e até sobre o caminho político, social e cívico que o país tomava. A maior homenagem que lhe podemos prestar é não deixarmos o desporto cair no esquecimento de quatro em quatro anos, entre edições dos Jogos Olímpicos, e contribuirmos todos juntos, tal como ele sempre sonhou, para que o desporto seja efetivamente um veículo ao serviço do desenvolvimento humano e comunitário.

Presidente da Confederação do Desporto de Portugal

ADRIANO MIRANDA



Van Aert vence na Vuelta. Agora, tem duas estátuas para erguer

Diogo Cardoso Oliveira

Sepp Kuss, primeiro, e Alexandr Vlasov, depois, ajudaram o belga a impor-se na chegada a Córdova, na 7.ª etapa

A etapa 7 da Volta a Espanha tinha o nome de Wout van Aert escrito "na testa". Era um desenho perfeito para o belga, havendo uma elevação nos quilómetros finais, mas com descida e final plano. Sendo a escalada feita com ritmo endurecido, deixaria para trás os *sprinters* puros, mas dificilmente anularia o homem da Visma, que iria ao *sprint* sozinho. Era um plano óbvio. E assim foi.

O belga venceu a etapa com relativa facilidade, com um *sprint* à frente de Mathias Vacek e Pau Miquel. Agora, tem duas estátuas para erguer – ou duas cervejas para pagar, que o calor tórrido destas etapas da Vuelta sugere qualquer coisa fresca. A primeira é a Sepp Kuss, ciclista que poderia ter ambições pessoais, mas as colocou de parte, perseguindo os fugitivos que tentaram que o final não fosse em *sprint*. Depois, é bom que Van Aert agradeça bastante a Alexandr Vlasov, ciclista da Bora. Por que motivo Vlasov, sem ser colega de Van Aert, não só foi fazer uma perseguição pelo belga como ainda lhe lançou o *sprint* nos metros finais? Não há uma explicação evidente.

O tal plano da Visma de endurecer a corrida deixou o pelotão curto, com cerca de 30 ciclistas, e a questão era como iriam impedir os ataques num grupo que se tornou tão pequeno e, sobretudo, a recolocação dos *sprinters* que tinham ficado para trás. Wout van Aert não poderia fazer esse trabalho, já que teria de ser ele o real beneficiário do labor, pelo que restava Kuss, o ciclista da Visma para a classificação geral.

Um só homem teria de abdicar dos seus interesses (algo que Kuss já fez várias vezes) e ainda controlar 30 ciclistas, além de impor um ritmo rápido que impedisse os atrasados de lá chegarem. Utópico.

O primeiro a atacar foi Soler e foi Kuss a colocar-se ao serviço, rebocando o grupo até Soler. Depois, atacou outro UAE, com Sivakov. Kuss já muito tinha feito e não tinha como perseguir mais. Wout van Aert teve uma ajuda "caída do céu", com a tal perseguição de Vlasov, que o levou à vitória. O belga que lhe pague uma bebida fresca no calor de Córdova.

Diário de Um Cientista



Queridos Bijagós, prometo voltar (15 anos a medir temperaturas)

Nas zonas entre marés, muitas espécies vivem no limite da sua fisiologia. Da Guiné-Bissau aos pólos, esta é uma corrida para desvendar o que o futuro reserva à biodiversidade costeira do Atlântico

Página 21

Rui Seabra Texto
André Carrilho Ilustração

Aterrei em Bissau e é tudo muito confuso e barulhento, mesmo como eu gosto. Coloco as malas na *pickup* do Ministério das Pescas e seguimos para o porto. Transferimos o equipamento para dois barcos de alumínio onde vamos navegar mais de 300km sem protecção do sol, sem GPS, sem rádio, sem, sem, sem... O destino final são os Bijagós, um arquipélago no exterior do grande estuário do rio Geba. Cobrimos todo o material com lonas, pois a estação seca está a terminar, e na Guiné-Bissau, quando chove, chove mesmo.

Depois de um dia de viagem chegamos à ilha de Unhocomozinho, no Norte do arquipélago. Montamos as tendas nas áreas comuns de um hotel abandonado para nos protegermos da chuva que cai de noite. Com o raiar do sol, saímos de barco para a ilha de Unhocomo, situada ao lado e maior. Os outros investigadores que integram a expedição vieram estudar as



A origem das ideias, o caminho percorrido até elas ganharem forma, as notas de campo e os objectos de estudo: 26 cientistas contam as suas histórias — sobre lobos e cavalos-marinhos, víboras e morcegos, gatos-bravos, sobreiros e muito mais. Um projecto inédito da associação científica Biopolis e do Azul, que junta cientistas e jornalistas para falar de ciência de uma forma diferente. **Faça todos os dias um *quiz*, para saber mais sobre o mundo vivo que nos rodeia, e ouça o *podcast* em publico.pt/interactivos/diario-de-um-cientista**

pradarias marinhas. O meu objectivo é instalar sensores de temperatura nas praias rochosas da Guiné-Bissau e documentar a biodiversidade costeira local.

Sempre soube que iria ser biólogo marinho. Cresci na Praia de Angeiras, uma vila piscatória a norte do Porto, onde tudo está ligado ao mar. Em miúdo, passei os Verões nas praias de Albufeira ou em casa dos meus avós paternos, a sujar a casa com os aquários de água salgada que montava com os meus primos. O fascínio pelas aventuras do Jacques Cousteau, no *Calypso*, e pelas viagens do David Attenborough para ver os pinguins na distante ilha da Geórgia do Sul nunca me abandonou.

No doutoramento estudei a temperatura das praias rochosas ao longo da costa atlântica europeia e a sua relação com a distribuição geográfica de quatro espécies de lapas. Passei cinco anos a fazer trabalho de campo pela Europa, conduzindo dezenas de milhares de quilómetros, muitas vezes acompanhado pela minha Catarina – foram tempos magníficos. Catorze anos depois, o foco agora é compreender com ainda mais detalhe os padrões de temperatura no intertidal, a sua importância para a biodiversidade, e como tudo vai ou não mudar devido ao aquecimento global.

O intertidal corresponde à área numa praia onde as rochas ficam expostas ao ar durante a maré baixa e cobertas por água na maré cheia. É um ecossistema rico em biodiversidade, ocupado por inúmeras espécies de algas e invertebrados, tais como os mexilhões e as lapas. A sua saúde tem impacto directo na sustentabilidade dos oceanos, pois muitas espécies de valor comercial dependem do intertidal para alimentação ou refúgio.

A constante alternância das marés, o sol, as ondas e o vento fazem com que o intertidal seja um habitat termicamente muito complexo. Como muitas espécies vivem fixas à rocha e todas são ectotérmicas (não controlam a sua temperatura corporal), sempre que a temperatura ambiente sobe, também as suas temperaturas corporais sobem. A reparação dos danos celulares causados pelo calor excessivo rouba energia essencial para funções vitais como a reprodução. Por essa razão, o intertidal é também um barómetro do estado dos oceanos, pois é aqui que os impactos do aquecimento global se fazem sentir primeiro. Ainda pouco se sabe sobre o futuro da biodiversidade nas zonas temperadas como Portugal. Em relação aos pólos e aos trópicos, a incógnita é muito maior. A expedição aos Bijagós é, portanto, muito especial.

No barco, o técnico do Ministério das Pescas que vai a pilotar sabe onde encontrar as rochas certas para eu instalar os sensores de temperatura. Chegados ao lado norte de Unhocomo, começa a corrida contra a maré. Salto para fora do barco e levo na cabeça os sacos estanques com todo o material. Já na praia, aceno e o barco parte para ir dar apoio aos outros investigadores. Fico sozinho na ilha. Este não é o melhor arranjo em termos de segurança, mas as condições meteorológicas estão ideais e eu adoro esta solidão.

Começa agora a acção. As tarefas são as mesmas de sempre: instalar dez sensores de temperatura dentro de furos que faço com um berbequim, utilizando uma cola *epoxy* que solidifica debaixo de água, e capturar 50 fotografias de uma moldura de plástico de 25x25cm pousada aleatoriamente nas rochas, ao que chamamos fotoquadrados. Depois, recolho muitas fotografias e vídeos para permitir encontrar os sensores no futuro, o que não será tarefa fácil.

De pólo a pólo

Há muitos anos, numa conferência na Austrália, assisti a uma apresentação de um investigador da velha guarda da ecologia do intertidal. Usando dados que recolheu durante a sua carreira, ele demonstrou que as espécies presentes nas rochas mudavam em ciclos de cinco anos, e que qualquer estudo que durasse menos de uma década iria inevitavelmente encontrar padrões que, na realidade, não eram mais do que momentos ao longo de um ciclo natural. Ou seja, as verdadeiras tendências de mudança apenas são visíveis após muitos anos de estudo contínuo. Em si mesmo, o conceito não era novidade, mas o apelo directo que ele fez aos investigadores jovens na plateia para que dedicassem as suas carreiras a projectos mais amplos e de longo prazo transformou radicalmente a forma como absorvi aquele pedaço de informação.

Nessa altura, ainda utilizávamos sensores de temperatura cuja memória se enchia em apenas um ano. Isso obrigava a visitas anuais às 21 praias que estudávamos da Escócia a Marrocos, o que nos preenchia a agenda. E depois veio a pandemia. Durante ano e meio, foi impossível ir à Irlanda e a Marrocos. Os dados que perdemos nesse período foram a gota de água. Contratámos um engenheiro electrónico e num ano produzimos um sensor capaz de registar a temperatura a cada hora durante 15 anos. Sim, 15 anos. De repente, o "longo prazo" deixou de ser uma miragem.

Foi nesse contexto que em 2020 recebi o prémio FLAD Science Award – Atlantic. O trabalho proposto: montar a Rede de Observação da Temperatura e Biodiversidade Costeira (CCTBON, sigla em inglês) para monitorizar a temperatura e a biodiversidade em praias rochosas por todo o Atlântico, de pólo a pólo, durante pelo menos uma década. O objectivo é estudar os impactos do aquecimento global nos ecossistemas costeiros à maior escala possível. Depois, seguiu-se um projecto da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e vários apoios da Biopolis, o meu centro de investigação, da National Geographic e da Lindblad Expeditions.

A minha ida à Guiné-Bissau foi uma das primeiras expedições que fiz no âmbito da rede CCTBON, que lidero em conjunto com o Fernando Lima, também investigador na Biopolis. Actualmente, temos 2210 sensores instalados em 203 praias rochosas. A CCTBON tornou-se um projecto de vida e não falta trabalho pela frente. Mesmo apoiados por quatro investigadoras excepcionais, demoraremos anos até visitar todos os 360 locais que queremos monitorizar.

> **"De volta a uma cama com colchão e rede mosquiteira, até o quarto mais básico em Bissau parece luxuoso. O corpo descansa, mas o coração ficou nos Bijagós**

Os sensores que instalei nos Bijagós vão medir a temperatura da superfície da rocha até 2037. Esses dados vão permitir-nos estimar com precisão a temperatura corporal da vasta maioria dos organismos presentes no intertidal. Paralelamente, os fotoquadrados vão permitir-nos gerar uma lista das espécies presentes e quantificar a sua abundância. Doravante, cada vez que realizarmos uma nova captura de 50 fotoquadrados, teremos uma nova "fotografia" da biodiversidade naquele local. Se detectarmos mudanças na abundância das espécies, os dados registados pelos sensores vão permitir-nos determinar até que ponto a temperatura contribuiu ou não para essa mudança.

Nos anos seguintes, fiz muitas outras expedições. As viagens aos desertos da Namíbia, ao longínquo arquipélago de São Pedro e São Paulo, no Brasil, ou às praias geladas da Gronelândia, são sempre repletas de desconforto e percalços. É por essa razão que muito pouco se sabe sobre a biodiversidade intertidal nas zonas tropicais, polares e remotas. Essas dificuldades são o preço a pagar para desvendar os padrões da biodiversidade costeira a uma escala verdadeiramente oceânica. É algo que faço porque gosto, mas também com espírito de missão – afinal, devemos isso às gerações mais novas, como a do meu João.

Os dados que vamos recolhendo permitem-nos avançar com algumas reflexões. No Norte de Portugal e na costa oeste da Galiza, o fim do Verão nos últimos três anos ficou marcado por uma diminuição do vento norte típico da região e uma consequente subida da temperatura da água. Este aquecimento está a agravar a tendência de recuo para norte das espécies de águas frias comuns na região, sobretudo as grandes algas castanhas. Em perigo ficam várias actividades económicas tradicionais dessa região.

Outra observação está ligada à resistência dos organismos às temperaturas extremas. Nas zonas polares, o frio intenso resulta muitas vezes em praias com rochas desprovidas de organismos. Mas o mesmo não acontece nas zonas quentes. Rochas que atingem 50 graus Celsius continuam a ter sempre alguma espécie que sobrevive. Lentamente, vamos reajustando a nossa percepção dos limites para a vida no intertidal.

De volta a Unhocomo, o sol está a despedir-se atrás da selva e estou quase a terminar o trabalho. O barco regressou e estão com pressa – navegar nos Bijagós no escuro total é algo a evitar a todo o custo. Acabei e arrumo tudo nos sacos estanques. Como a maré está mais alta agora, tenho de ir pela água escura até um pouco mais longe. Aqui não há grande preocupação com tubarões, mas existem pequenas raias com cauda afiada que, se pisadas, podem infligir um corte profundo. Passo os sacos para a malta no barco e subo. O trabalho está feito, já posso ir comer um fabuloso arroz com garoupa e dormir na tenda, ainda cheio de sal. Para trás ficam dez sensores que vão continuar a trabalhar até eu estar perto dos 60 anos. Até lá, prometo voltar...

Antes de regressar a Bissau, falta um ritual – em todos os lugares onde trabalho vou sempre à água no fim. Nas águas quentes da Guiné isso é fácil. No frio da Gronelândia é preciso querer mais um pouco, mas nunca falho. Uns dias depois, navegamos mais de sete horas para regressar a Bissau, enregelados por causa da chuva e do vento. De volta a uma cama com colchão e rede mosquiteira, até o quarto mais básico em Bissau parece luxuoso. O corpo descansa, mas o coração ficou nos Bijagós.

Rui Seabra

Investigador doutorado

Nascido em 1981 e forjado nas praias do Norte de Portugal, onde a água gela os ossos. Filho único com família grande. Doutorei-me em Biologia em 2015, na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Hoje, co-lidero a maior rede de monitorização de temperatura e biodiversidade costeira no globo. Após cada expedição a mais uma praia remota do Atlântico, regresso para uma esposa e filho magníficos.

Grupo de Investigação no Biopolis-Cibio
Ecologia Marinha, Diversidade e Mudança (COASTALWARMING)

A receita das minhas... tias-avós

A receita... é uma série sobre a receita favorita de uma pessoa de família de vários chefs portugueses



NUNO FERREIRA SANTOS

A *chef* Marta Figueiredo no seu restaurante Estrela da Bica

Marta sentou-se em cima da galinha e houve cabidela

Alexandra Prado Coelho

A ideia parecia boa. E até, quem sabe, útil: o galinheiro estava ali, por baixo da casa, e Marta Figueiredo, que andaria pelos 7 ou 8 anos, e o irmão acharam que aquela tarde de Verão seria muito bem passada a contar galinhas. Não previram foi que elas se mexiam continuamente e que se tornava muito difícil saber quais as que faltava contar.

Marta, sendo dois anos mais velha, tomou conta da situação. Ia agarrando as que já tinham sido contadas, e assim não podia haver confusão. Já tinha uma debaixo de um braço, mais uma debaixo do outro braço e uma terceira entre as pernas. Foi então que se deu o acidente. No meio da confusão instalada no galinheiro, Marta sentou-se – e sentiu que algo tinha cedido no pescoço da galinha que segurava entre as pernas.

Ficou em choque. "Nunca tinha visto um animal a morrer. E ainda por cima por minha causa...", recorda a *chef* da Estrela da Bica, em Lisboa. Mas já não havia nada a fazer. Não se lembra se as tias-avós, donas da casa na aldeia de Vila Verde, perto de Manteigas, onde passaram alguns Verões, os puseram de castigo, mas não esquece o que foi o jantar: cabidela.

Quando lhe perguntámos por uma memória ligada a uma receita da infância, Marta pediu algum tempo para pensar até se conseguir lembrar desta história. As memórias mais presentes, e as que de facto a influenciaram, são muito diferentes, mas difíceis de adaptar a uma secção como esta. "A minha relação com a comida tem a ver com as viagens", conta. "Os meus pais trabalhavam na TAP, a minha mãe era chefe de cabina e o meu pai comissário. E levavam-nos muitas vezes com eles. Eu adorava ir aos supermercados lá fora."

Iam muitas vezes de férias à Venezuela e dos restaurantes de Caracas ficou-lhe a memória de um prato nada parecido com os que conhecia: o *ceviche*, com a sua mistura de lima e malagueta. Esse equilíbrio de sabores, que encontrou mais tarde nas viagens à Ásia, é o mesmo que procura hoje na cozinha que faz na Estrela da Bica. "Interessa-me isso e também as texturas, a relação entre um puré e o estaladiço, por exemplo", explica Marta, que estudou Cinema, ainda trabalhou na secção de vídeo da Fnac, mas cedo percebeu que essa a área atravessava crises frequentes.

Foi então que pensou que os livros e revistas de comida, que já coleccionava com entusiasmo, estavam, se calhar, a apontar-lhe o caminho. Já adolescente, e com os pais muitas vezes fora, começou a cozinhar para os amigos – "grandes tachadas", receitas básicas, feijoada, às vezes com *seitan* caseiro, porque na altura tinha decidido ser vegetariana.

Depois, graças à generosidade de Bertílio Gomes, que a aceitou no Restaurante Vírgula apesar de ela não ter qualquer experiência, começou a vida a sério nas cozinhas. O primeiro trabalho foi limpar peixe, que Bertílio recebia ainda por arranjar. "Chorei algumas vezes porque sobretudo as raias picavam-me as mãos e ficava com elas todas inchadas", recorda. Nada que tivesse travado a paixão que já se tinha instalado.

Quando era miúda e não estava a viajar, o jantar lá em casa era muitas vezes o que os pais traziam das refeições do avião (nesse tempo ainda era permitido), e de que Marta e o irmão gostavam muito, ou os cozinhados da avó, que não lhe ficaram na memória. Foi preciso, por isso, recuar a essas férias na casa das tias-avós, que eram muito católicas e moravam em frente da igreja, onde aos domingos iam fazer hóstias para a missa, com uma massa cujos bordos, sobrando das formas, Marta e o irmão comiam.

O mais inesquecível, contudo, foi o dia da morte da galinha. "A cena da galinha com o pescoço torto traumatizou-me", confessa. "Só sei que ao jantar lá estava ela. No campo era a coisa mais normal, mas eu nunca tinha pensado nisso." Comeu a cabidela, que "estava muito saborosa", mas depois passou algum tempo sem comer galinha. Hoje o trauma está ultrapassado e da história ficou uma memória que, passados todos estes anos, já só provoca uma gargalhada pela atrapalhação infantil que acabou por se transformar num jantar.

Arroz de cabidela ou pica no chão

Idealmente faça numa panela de ferro.

Ingredientes

1 galinha caseira partida em 8
Azeite e banha q.b.
2 cebolas brancas médias picadas
1 folha de louro
Uns raminhos de tomilho
3 dentes de alho picados
1 cálice de vinho branco
1 colher de café de cominhos moídos
3 ou 4 tomates frescos
Sangue fresco da galinha
Um raminho de salsa

Preparação

1. Aloure os pedaços de frango previamente temperados com sal grosso e os cominhos num pouco de azeite. Reserve.
2. Ao sangue fresco acrescente 2 ou 3 colheres de vinagre de vinho branco ou a gosto. Reserve.
3. Na mesma panela de ferro coloque a banha e um pouco de azeite e frite a cebola e o alho juntamente com o louro.
4. Quando a cebola estiver translúcida junte o tomate picado ou se preferir uma lata de tomate ou polpa.
5. Refresque com vinho branco e em seguida coloque o frango. Cubra com água e junte também a salsa picada. Levante fervura e tape.
6. Deixe o frango estufar em lume médio a baixo. Retire o frango já cozido e reserve.
7. Acrescente o arroz. O líquido deve ser o triplo do arroz. Quando estiver quase pronto, junte a mistura do sangue com o vinagre. Rectifique temperos.
8. Disponha os pedaços do frango numa travessa funda e deite o arroz por cima. Acrescente salsa picada.





Adeus, Dalí e Van Gogh; olá, desconto
Dois pintores, duas exposições imersivas, um preço único para a despedida. *Dalí Cybernetics* (no Reservatório da Mãe D'Água das Amoreiras, Lisboa) e *Living Van Gogh* (na Alfândega do Porto), entram nos últimos dias com uma cortesia para os visitantes: bilhetes a 10€ para todos, até 1 de Setembro.

Crianças

www.publico.pt/letra-pequena

Os franceses e as Linhas de Torres

A terceira invasão francesa de Portugal contada a partir de um francês, um inglês e um português. O primeiro veio por terra, o segundo por mar e o terceiro por convicção

Rita Pimenta

Um livro que alia o rigor ao humor, num assunto sério: a terceira invasão francesa do reino de Portugal. "Com diversos protagonistas, de uma, duas, quatro ou nenhuma pernas, em que se incluem militares, milícias, mulheres, crianças e incautos em geral; primeiros redutos, últimos redutos, telégrafos visuais, bocas-de-fogo, vacas, cavalos e asnos."

É este o tom de um livro que, para o redactor publicitário e também ilustrador, "é um épico". Isto porque "demorou cerca de quatro anos a edificar". A pandemia de covid-19 fez demorar o processo.

Jean, John e João encontram-se nas colinas e montes a norte de Lisboa onde, "entre 1809 e 1810, foram construídas em total segredo 152 fortalezas ao longo de 85 km, divididas em três linhas de defesa que hoje simbolizam a resistência e a determinação portuguesas contra as tropas napoleónicas": as Linhas de Torres, monumento nacional.

"A ideia de termos o ponto de vista de um francês, um inglês e um português fictícios, introduzindo numa história de reis e marechais uma realidade mais plebeia, existiu desde o início e nas visitas às escolas até nos tem permitido recuperar anedotas populares nos anos 1990. Devo confessar que me afeiçoei a estas personagens e até já pensei em prolongar a história do soldado caçador João", conta Ricardo Henriques.

Jean é um ajudante de campo francês sob o comando do marechal Masséna e John um marinheiro britânico sob o comando do general Wellesley. As três personagens são apanhadas num turbilhão de acontecimentos gerados pelo ímpeto conquistador de Napoleão.

"O livro resultou de uma encomenda da Rota Histórica das Linhas de Torres [RHLT], uma associação criada com o fim de promover a manutenção e a divulgação deste património", diz ao PÚBLICO André Letria, o ilustrador e editor da obra.

A RHLT é composta por vários municípios, Arruda dos Vinhos, Vila Franca de Xira, Torres Vedras, Mafra, Loures, Sobral de Monte Agraço, tendo cada um deles acompanhado a produção do livro através de especialistas, que garantiram o rigor histórico e científico do conteúdo. Também a Associação Napoleónica Portuguesa se juntou à equipa.

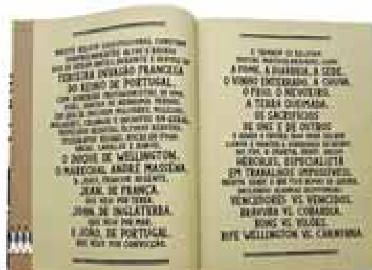
André Letria faz saber: "O livro está integrado num conjunto de peças que concebemos para o público escolar, que inclui também um guia desdobrável com informação resumida sobre os sítios de interesse de cada concelho, um chapéu para construir oferecido aos visitantes dos centros de interpretação municipais e fichas pedagógicas para utilização na sala de aula." Acrescenta ainda que os autores visitarão escolas dos concelhos envolvidos no projecto.

O autor do texto diz que, apesar de ser um livro para o público infanto-juvenil, não quiseram que fosse facilitista, "que apontasse o dedo aos maus e idolatrasse os bons". E conclui: "A realidade, como as pessoas mais atentas sabem, tem muitas cores, algumas receitas e umas quantas expressões que merecem ser descobertas. Quem ler este livro poderá deliciar-se com a história por detrás da receita da chanfana, mas também perceber quem era o General Loison, o maneta mais famoso de Portugal, ainda hoje sinónimo de coisas pérfidas, apesar de não ter sido um homem assim tão terrível."

Na contracapa. promete-se desvendar a origem de expressões como "ficar a ver navios" ou "ir para o maneta". E o prometido é devido.



Jean, John e João
Texto: Ricardo Henriques
Ilustração e design: André Letria
Revisão científica: Rota Histórica das Linhas de Torres e Associação Napoleónica Portuguesa
Revisão linguística: Sónia Graça
Edição: Pato Lógico
64 págs., 19,50€ (*online* 17,55€)





Fim-de-semana em família



FESTAS

Dias Medievais
CASTRO MARIM Castelo
Hoje, das 17h às 24h; amanhã, das 16h às 24h. 4€ a 8€ (dia), 8€ a 16€ (passe)
Com um *Guia do Bem Trajar* para quem quiser recuar nos séculos a preceito (e não pagar entrada por isso), esta feira medieval traz na lapela as notas do rigor histórico. Orgulhosa da fidelidade aos acontecimentos e aos hábitos da época, a vila põe o castelo à disposição para esta que é a 25.ª edição da festa. Ali entram cavaleiros, realeza, artesãos, guerreiros, jograis, malabaristas, zaragateiros, bobos, encantadores de serpentes, falcoeiros, contadores de histórias, banquetes e, até, a experiência de ser rei por uma noite, entre muitos outros postais desse tempo à luz das tochas.

Festas do Mar
CASCAIS Baía de Cascais
Até 1 de Setembro. Grátis
Ruca, Heidi, Bluey, Pocoyo, Porquinha Peppa e Cocomelon são as estrelas do universo infantil que se juntam a nomes como Bárbara Bandeira, Fernando Daniel, Bárbara Tinoco ou Carolina Deslandes para animar as Festas do Mar, em honra de Nossa Senhora dos Navegantes. A par da animação musical para crianças e adultos, há artesanato e gastronomia.

ATELIER

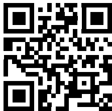
Dominguinhos — Atelier de Educação Ambiental
MATOSINHOS Mar Shopping
Amanhã, das 11h às 12h30. Grátis
A ideia é "plantar, plantar, plantar... regar, regar, regar...". Da purificação do ar à decoração, as plantas são um bom elemento para dar vida a uma casa. Em tempo de férias, convidam-se os participantes a criar um regador ecológico reciclando embalagens de detergente.

P2 Verão

Cinema


O Corvo

Cartaz, críticas, trailers e passatempos em cinecartaz.publico.pt



Porto

Cinema Trindade
R. Dr. Ricardo Jorge. T. 223162425
Morangos Silvestres M12. 17h; **Sorrisos Numa Noite de Verão** 15h; **Underground - Era Uma Vez um País...** M14. 21h; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h30; **Geração Low-cost** M14. 19h30; **Motel Destino** M14. 19h, 21h30; **A Vida Invisível** M16. 16h30
Cinemas Nos Alameda Shop e Spot
R. dos Campeões Europeus 28 198. T. 16996
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h, 13h20, 15h50 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h30, 16h10, 19h10 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h30, 17h30, 20h50; **Oh Lá Lá!** M12. 13h40, 16h; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h30, 18h30, 21h30; **O Corvo** M16. 12h30, 15h10, 18h, 21h; **Alien: Romulus** M16. 18h20, 21h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h40, 18h50, 21h50; **Um Sinal Secreto** M14. 18h40, 21h10; **Terra Queimada** M12. 21h40

Aveiro

Cinemas Nos Glicínias
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h10 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h, 13h30 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 21h15, 23h40 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h15, 17h20, 20h30, 23h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h30, 17h50, 21h, 00h10; **O Corvo** M16. 13h, 15h45, 18h30, 21h30, 00h20; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h30, 15h15, 18h, 20h45, 23h30; **Alien: Romulus** M16. Sala Atmos - 16h10, 19h, 21h45, 00h30

Braga

Cinemas Nos Braga Parque
Gru - O Maldisposto 4 M6. 11h20, 14h, 16h30 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 21h10, 23h40; **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h30, 15h50, 18h20 (VP), 20h50, 23h20 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 18h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 12h30, 13h20, 15h20, 16h, 18h10, 21h, 21h35, 23h50, 00h20; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h20, 15h15, 18h15, 21h25, 00h25; **O Corvo** M16. 13h40, 16h20, 19h, 21h30, 00h10; **Alien: Romulus** M16. 12h10, 15h, 17h50, 20h40, 23h30; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h50, 15h40, 18h30, 21h20, 00h05; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 10h50, 13h10, 15h30 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 18h50, 21h40, 00h15; **Motel Destino** M14. 18h
Cineplace Nova Arcada - Braga
C. C. Nova Arcada, Av. De Lamas.
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h (VP); **- O Maldisposto 4** M6. Xplace Atmos - 12h30, 14h30, 16h30 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 17h20, 19h30, 21h40; **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 13h, 15h, 17h10, 19h20 (VP), 21h30 (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. Xplace Atmos - 14h, 16h40, 19h20, 22h; **Isto Acaba Aqui** M12. 13h30, 16h10, 18h50, 21h30; **Super Wings O Filme: Velocidade Máxima** M6. 12h30 (VP); **O Corvo** M16. 14h30, 16h50, 19h10, 21h30, 23h50; **Alien: Romulus** M16. 17h10, 21h40; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 12h20, 14h40, 17h, 19h20, 21h40; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 12h (VP); **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. Xplace Atmos - 12h (VP); **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 13h20, 15h20 (VP); **Um Engate do Pior** M12. 19h40; **Um Sinal Secreto** M14. Sala Atmos - 15h, 17h10, 18h50, 19h20, 21h, 21h30, 23h10; **Yupumá** M12. 13h20; **Terra Queimada** M12. 15h; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 16h40, 19h20, 22h

Castelo Branco

Cinebox
C.C. Alegro Castelo Branco. T. 760789789

Estreias

Terra Queimada
De Thomas Arslan. ALE. 2024. 101m. Thriller. M12.
Depois de um golpe malsucedido o ter forçado a fugir de Berlim doze anos antes, Trojan, um criminoso, decide regressar. Como precisa de dinheiro, aceita fazer parte de uma equipa de assaltantes para roubar um museu.

A Linha
De Ursula Meier. BEL/SUI/FRA. 2022. 102m. Drama. M12.
Margaret tem problemas de autocontrolo. Quando uma discussão com a mãe sobe de tom ao ponto dela a agredir fisicamente, a polícia é chamada a intervir. Como consequência, é-lhe atribuída uma ordem de restrição.

Na Terra de Santos e Pecadores
De Robert Lorenz. IRL. 2023. 106m. Thriller, Acção.
Na época dos conflitos na Irlanda do Norte, Liam Neeson é um veterano da Segunda Grande Guerra transformado em assassino profissional que volta ao activo quando um bombista do IRA aparece na sua aldeia.

O Corvo
De Rupert Sanders. EUA/GB/FRA. 2024. 111m. Drama. M16.
Após o trágico assassinato de Eric e Shelly, a alma dele é incapaz de descansar. Movido por um indomável desejo de vingança, ele é ressuscitado por um corvo e guiado de volta ao mundo dos vivos para castigar, da pior maneira possível, cada um dos responsáveis.

Um Sinal Secreto
De Zoë Kravitz. EUA. 2024. 102m. Thriller. M14.
Frida arranjou trabalho como empregada de mesa num evento de angariação de fundos de Slater King, um milionário. Qual não é o seu espanto quando ele a convida para uma festa numa ilha privada com um grupo de amigos. Lá, apesar de tudo parecer perfeito, há algo que lhe cria uma sensação de desconforto que não consegue traduzir em palavras.

Ozi: A Voz da Floresta
De Tim Harper. EUA/FRA/GB/Índia. 2023. 87m. Ani. M6.
Ozi, uma pequena cria de orangotango, vivia feliz no interior da Amazónia até ali ter chegado uma empresa que destruiu tudo à sua volta. Separada dos pais, ela é resgatada por humanos e colocada num abrigo de animais selvagens, onde faz muitos amigos.

Breves Encontros
De Kira Muratova. URSS. 1967. 67m. Drama, Romance. M12.
Nadia, uma jovem recém-chegada à cidade, vai trabalhar como empregada em casa de Valya, sem que ela saiba que a rapariga está apaixonada por Maksi, seu marido.

Motel Destino
De Karim Aïnouz. BRA. 2024. 115m. Thriller. M14.
A história segue Heraldo, um jovem oriundo de famílias pobres que aparece no Motel Destino após ter passado algum tempo numa casa de correcção.

Um Engate do Pior
De Casper Christensen, Anthony Hines. EUA. 2023. 93m. Comédia Romântica. M12.
Em 2032, as tarefas perigosas são executadas por robôs. Apesar de isso se ter generalizado, o seu uso privado é proibido. É neste contexto que conhecemos Charles, que mandou fazer, de forma ilegal, uma cópia exacta de si próprio, que usa em várias circunstâncias do dia-a-dia - entre elas, a difícil incumbência de seduzir mulheres.

O Longo Adeus
De Kira Muratova. URSS. 1971. Drama.
Yevgeniya foi abandonada pelo marido e criou sozinha Sasha, que se tornou na sua única razão de viver. Mas agora, que ele é já um adolescente com vontade própria, sente um grande desejo de visitar o pai, que vive do outro lado do país.

Príncipes do Deserto
De Éric Barbier. FRA. 2023. 105m. Aventura. M12.
Zodi, um rapaz berbere, encontra um dromedário bebé no deserto, que adopta e a quem chama Tehu. Os dois tornam-se inseparáveis e, ao saber que todos os anos decorre uma corrida de dromedários em Abu Dhabi, Zodi decide inscrever-se.

As estrelas P

	Jorge Mourinha	Luís M. Oliveira	Vasco Câmara
Alien — Romulus	★★☆☆☆	—	★★☆☆☆
Armadilha	—	—	★★☆☆☆
Banel & Adama	★★★☆☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Breves Encontros	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
A Ilha Vermelha	★★☆☆☆	★★☆☆☆	★☆☆☆☆
A Linha	★★★☆☆	★★☆☆☆	★★☆☆☆
O Longo Adeus	★★★★★	★★★★★	★★★★★
Motel Destino	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆	★☆☆☆☆
Nas Sombras	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
Na Terra de Santos e Pecadores	—	★★★☆☆	★★★☆☆
Sobretudo de Noite	★★★★☆	★★★☆☆	★★★☆☆
Um Sinal Secreto	★☆☆☆☆	—	—
Terra Queimada	★★★★☆	★★★★☆	★★★★☆
A Torre sem Sombra	★★★☆☆	★★★★☆	★★★☆☆

● Mau ★☆☆☆☆ Medíocre ★★☆☆☆ Razoável ★★★☆☆ Bom ★★★★☆ Muito Bom ★★★★★ Excelente

Divertida-Mente 2 M6. 16h40, 19h05 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h55, 19h; **Oh Lá Lá!** M12. 19h10; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h, 16h30, 21h30; **Alien: Romulus** M16. 21h40; **Balas e Bolinhos** 16h30, 21h35; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 14h (VP)

Coimbra

Casa do Cinema de Coimbra
Av. Sá da Bandeira 33. T. 239851070
Breves Encontros M12. 18h30; **Divertida-Mente 2** M6. 16h30; **Elis & Tom: Só Tinha de Ser com Você** M12. 14h30; **Motel Destino** M14. 21h30;
Cinemas Nos Alma Shopping
R. Gen. Humberto Delgado. T. 16996
Gru 4 M6. 11h40, 14h30, 17h20 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h20, 12h50, 15h30, 18h10 (VP), 20h40 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 13h, 15h40; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h30, 21h30; **Oh Lá Lá!** M12. 13h20, 15h50, 18h10, 20h30; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h10, 17h40, 20h50; **O Corvo** M16. 13h50, 16h30, 19h20, 22h; **Alien: Romulus** M16. 14h40, 18h30, 21h20; **Balas e Bolinhos** 13h30, 16h20, 19h10, 21h50; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 11h30, 14h20, 16h40 (VP); **Um Engate do Pior** M12. 19h, 21h40; **Motel Destino** M14. 21h10; **Terra Queimada** M12. 18h20, 21h
Cinemas Nos Fórum Coimbra
Fórum Coimbra. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h30, 14h15 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h20, 15h (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 19h50, 22h40; **Divertida-Mente 2** M6. 11h, 13h40, 16h20, 19h (VP), 22h (VO); **Deadpool & Wolverine** M12. 14h45, 18h, 21h45; **Isto Acaba Aqui** M12. 14h, 17h, 20h, 22h55; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h30, 17h30, 20h20, 23h10; **Um Sinal Secreto** 13h45, 17h15, 20h30, 23h25

Gondomar

Cinemas Nos Parque Nascente
Praceta Parque Nascente, nº 35. T. 16996
Harold e o Lápis Mágico M6. 10h45 (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 11h, 12h30, 15h25, 18h15 (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 19h45, 22h30; **Divertida-Mente 2** M6. 10h50, 13h20, 16h, 18h40 (VP), 21h40, 00h10 (VO); **Podia Ter Esperado por Agosto** 12h50, 15h50, 19h, 22h10; **Deadpool & Wolverine** M12. 14h, 17h10, 21h, 00h05; **Armadilha** M12. 20h20, 22h50; **Isto Acaba Aqui** M12. 12h40, 15h40, 18h50, 22h; **O Corvo** M16. 13h15, 16h, 19h, 21h50, 00h30; **Alien: Romulus** M16. 15h20, 18h20, 21h20, 00h25; **Balas e Bolinhos** 12h20, 13h40, 15h10, 16h30, 18h, 19h20, 21h15, 22h30, 00h20; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 11h, 14h05, 17h (VP); **Um Engate do Pior** M12. 20h50, 23h10; **Um Sinal Secreto** M14. 12h35, 15h15, 17h45, 21h30, 00h15; **Príncipes do Deserto** M12. 15h, 17h30

Guarda

Cineplace La Vie - Guarda
Harold e o Lápis Mágico M6. 13h (VP); **Gru - O Maldisposto 4** M6. 13h (VP); **Na Terra de Santos e Pecadores** 21h50; **Divertida-Mente 2** M6. 12h20, 14h30, 16h30 (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 16h40; **Isto Acaba Aqui** M12. 18h40, 21h20; **O Corvo** M16. 17h, 21h40; **Alien: Romulus** M16. 19h20; **Balas e Bolinhos** 19h, 21h20; **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 15h, 17h (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 15h, 19h30; **Yupumá** M12. 13h; **Terra Queimada** M12. 14h40

Guimarães

Castello Lopes - Espaço Guimarães
25 de Abril, Silvares. T. 253539390
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h30 (VP); **Gru 4** 11h05, 14h15 (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 14h45, 17h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 18h45, 21h20, 23h55; **Isto Acaba Aqui** M12. 15h50, 18h30, 21h10, 23h50; **O Corvo** M16. 13h30, 16h45, 21h35, 24h; **Alien: Romulus** M16. 19h05; **Balas e Bolinhos - Só Mais Uma Coisa** 14h20, 16h45, 19h10, 21h35, 00h05; **Gracie e Pedro - Dupla Improvável** M6. 11h15 (VP); **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 11h15, 14h35 (VP); **Um Sinal Secreto** M14. 16h30, 19h15, 21h30, 23h45
Castello Lopes - Guimarães Shopping
Lugar das Lameiras. T. 253520170
Harold e o Lápis Mágico M6. 11h30 (VP); **Gru 4** M6. 11h05, 16h (VP); **Divertida-Mente 2** M6. 11h10, 14h15, 16h30, 18h45, 21h (VP); **Deadpool & Wolverine** M12. 13h25, 18h45, 21h20, 23h55; **A Abelha Maia e o Ovo Dourado** 11h20 (VP); **Isto Acaba Aqui** M12. 15h50, 18h30, 21h10, 23h50; **O Corvo** M16. 14h45, 19h15, 21h35, 24h; **Alien: Romulus** M16. 19h, 23h45; **Balas e Bolinhos** 14h20, 16h45, 21h35, 19h10, 00h05; **Gracie e Pedro** 11h05 (VP); **Ozi: A Voz da Floresta** M6. 11h, 13h40, 17h05 (VP); **Um Sinal Secreto** 14h30, 16h45, 21h30, 23h40

Lazer

CIRCO

Festival Xarivari
LOUSÃ Foz do Arouce.
De 23/8 a 25/8. Grátis
Com o selo da Companhia Marimbondo, o festival celebra a mão-cheia de edições com música, palhaços, marionetas e todo um circo de artes de rua protagonizado por convidados nacionais e internacionais. Trazem criações como *Petite Fleur*, da espanhola Alauda Teatro (exibido ontem, às 21h30, no Momo – Museu do Circo), *Circo Momo*, da companhia anfitriã e associados (hoje, no mesmo sítio e à mesma hora), ou *Malabarion on the Rox*, da argentina Roxi Katcheroff (amanhã, às 18h30, no anfiteatro do Parque Carlos Reis).

PASSEIOS

Treetop Walk
PORTO Fundação de Serralves. Dia 24/8, às 15h. 12€ (6€ dos 13 aos 18 anos, grátis até aos 12 anos)
Em Serralves, o convite é para percorrer trilhos em que a natureza e a arte se cruzam, com os pés ao nível da copa das árvores e vistas de passarinho. Num passadiço elevado, e que se estende ao longo de 250 metros, os visitantes podem "tocar nos ramos mais altos das árvores, cheirar as suas folhas/flores, ouvir o canto das aves e quem sabe observar os seus ninhos". As visitas estão sujeitas a inscrição prévia em www.serralves.pt.

Caminhada Aquática no Douro
SANTA MARTA DE PENAGUIÃO Cumieira. Dias 24/8 e 25/8, a partir das 9h. 35€, com almoço, seguro e guia incluídos
Com a paisagem vinícola classificada pela UNESCO como Património Mundial a dar o cenário à passeata, convidam-se os andarilhos a percorrer um trilho de cerca de seis quilómetros à beira-rio e a descobrir a natureza "no seu estado puro" e selvagem. E isto com a maioria do caminho "com água pelo joelho", avisa a organizadora Time Off. O passeio dura duas horas e meia e tem grau de dificuldade fácil, sendo aconselhado traje adequado (sapatilhas-botas de *trail*, roupa de banho e calções curtos). No final, há almoço-convívio num restaurante local. Informações e reservas através dos contactos 918 813 459 e geral@timeoff.pt.

Jogos

Jogue também online. Palavras-cruzadas, bridge e sudoku em publico.pt/jogos

Euromilhões 9 15 24 47 50 8 9

1.º Prémio 93.000.000€ **M1lhão DPZ 15239**

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial de prémios

Cruzadas 12.532

Paulo Freixinho
palavrascruzadas@publico.pt

Horizontais: 1. Já tem reservas de gás natural a 90% da capacidade. Pequeno pão de farinha ordinária. **2.** Sepultar. Deus do Amor entre os Gregos. **3.** Sétima nota musical. Preposição que indica lugar. Órgão onde se formam nefrólitos. **4.** Lista. Zangada. **5.** Comissão Europeia. Divertimento. **6.** Já usam mais óleo de girassol do que azeite, cada vez mais caro. **7.** Elemento de formação de palavras que exprime a ideia de muito, muitas vezes. Monte chinês. **8.** Dá crédito. Cobiçar o que pertence aos outros. **9.** (...) Meier, realizadora do filme "A Linha". "Caro compra quem (...)". **10.** Prefixo que exprime a ideia de privação. Interjeição que designa admiração ou ironia. Indivíduo que anda a pé. **11.** Graça (fig.). Impaciente.

Verticais: 1. Um dos ditongos da língua portuguesa. Banco Central Europeu. (...) Roupinho, cavaleiro ao serviço de D. Afonso Henriques ligado à lenda do Milagre da Nazaré. **2.** Alguns. Cidade da Turquia, situada na costa do mar Egeu. **3.** Desmoronar-se. Pontas aguçadas. **4.** Ordem dos Médicos. Verbal. Interjeição designativa de dor. **5.** Símbolo de Pascal. Planta leguminosa, empregada como forragem. **6.** Centésima parte do hectare. O novo plano nuclear secreto dos EUA centra-se neste país. **7.** Joan (...), pintor espanhol (1893-1983). Post-scriptum (abrev.). **8.** Parlamento Europeu. Repeti. **9.** Mestre ou patrão de embarcação. "Jean, John e (...)", o livro em destaque no "Guia crianças. Letra pequena". **10.** Demente. Cidade algarvia. **11.** Doença respiratória. Genuína.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1							■				
2							■				
3	■			■	■			■			
4		■				■					
5			■								■
6										■	
7	■						■		■		
8				■							
9							■				
10			■			■					■
11				■							

Solução do problema anterior:
Horizontais: 1. Austrália. **2.** Or. Siligo. **3.** Amuar. Oh. **4.** Mútuos. Acme. **5.** Sota. Groix. **6.** Li. Aziago. **7.** Oca. Eta. Pi. **8.** Garrano. Par. **9.** Vide. Leva. **10.** Arame. Parir. **11.** Relambório.
Verticais: 1. Aram. Lograr. **2.** Música. Re. **3.** Souto. Arval. **4.** Trauta. Rima. **5.** Roaz. Adem. **6.** Ás. Iene. **7.** Lio. Gato. Pó. **8.** Ilharga. Lar. **9.** Ai. Coo. Peri. **10.** Gemi. Pavio. **11.** Ko. Expirar.

Bridge

João Fanha
bridgepublico@gmail.com

Dador: Sul
Vul: Todos

NORTE
♠K82
♥J10
♦KQ7654
♣Q3

OESTE
♠J65
♥Q8762
♦103
♣K106

ESTE
♠Q1073
♥954
♦AJ9
♣A95

SUL
♠A94
♥AK3
♦82
♣J8742

Oeste	Norte	Este	Sul
			1♣
passo	1♦	passo	1ST
passo	3ST	Todos passam	

Leilão: Equipas ou partida livre.

Carteio: Saída: 6♥. O Valete de copas faz a primeira vaza do jogo. Como continuaria?

Solução: Os ouros necessitam de estar 3-2, mas, mesmo assim, as comunicações são problemáticas. Jogue desde logo um pequeno ouro da mesa (até porque com isso acresce a possibilidade de acatar um Ás de ouros seco). Prenda qualquer retorno na mão de Sul e jogue novamente ouros para estabelecer o naipe, que será aproveitado mais tarde, graças ao Rei de espadas que foi cuidadosamente guardado para esse efeito. Note que se na segunda vaza do jogo procurar vir à mão de Sul para jogar um ouro, pois Este simplesmente deixará fazer o primeiro ouro (supondo que será jogada uma figura do morto) e a partir daí o naipe ficará congelado! Considere o seguinte leilão:

Oeste	Norte	Este	Sul
	1♥	2♣	passo
3♣	X	passo	?

O que marca em Sul com a seguinte mão?
♠9 ♥Q5 ♦Q108643 ♣K653

Resposta: Marque 4♦. Demasiado forte para marcar apenas 3♦, que promete zero pontos. Temos três coisas excelentes nesta mão: as duas Damas nos naipes vermelhos e o *singleton* a espadas. Se o parceiro tiver quatro cartas a ouros, até é possível haver um *chelem*, com menos talvez corrija para 4♥, o que também é perfeitamente tolerável.

Novos cursos de Bridge estão aí à porta. Há novos horários em Setembro e Outubro e em diferentes níveis, desde o zero até aos mais avançados. No Centro de Bridge de Lisboa existe uma equipa de dez professores. Saiba mais através do *email* centrodebridge@gmail.com, ou pelo bridgepublico@gmail.com.

Sudoku

© Alastair Chisholm 2008
www.indigopuzzles.com

Problema 12.828 (Fácil)

				8			4	
4	7		2	3			8	
				5	6			
		3		6			2	
2	6	7	3		9	4	5	8
	9			2		7		
			5	9				
	2			7	8		3	9
	1			4				

Solução 12.826

4	2	5	7	9	3	1	8	6
1	6	7	4	2	8	5	9	3
3	9	8	1	5	6	2	4	7
7	3	4	8	6	2	9	5	1
5	8	6	3	1	9	4	7	2
2	1	9	5	7	4	3	6	8
6	4	2	9	8	1	7	3	5
9	7	1	6	3	5	8	2	4
8	5	3	2	4	7	6	1	9

Problema 12.829 (Difícil)

		2	8	6		9		
			1					
6								3
				7			3	4
5			3		4			1
8	4			1				
9								8
					7			
		6		5	2	7		

Solução 12.827

5	2	7	8	4	9	6	3	1
4	3	8	1	5	6	7	2	9
1	9	6	7	3	2	5	8	4
3	8	2	5	1	7	4	9	6
9	7	4	6	2	8	1	5	3
6	1	5	3	9	4	8	7	2
8	4	1	2	7	3	9	6	5
7	5	3	9	6	1	2	4	8
2	6	9	4	8	5	3	1	7

P2 Verão

CINEMA

A Semente do Mal
TVCine Top, 21h30
No dia de aniversário de Edward, a sua namorada Riley oferece-lhe um teste de ADN. É assim que ele, que sempre morou em Nova Iorque, descobre que tem um irmão gémeo chamado Manuel que vive em Portugal. Depois de o contactar, Edward fica a saber que foi raptado em bebé e levado para os EUA, algo que a mãe de ambos, ainda viva, nunca conseguiu superar. Determinado a conhecer as suas origens, Edward viaja com Riley até Portugal para finalmente se encontrar com a família, que hoje vive num velho solar isolado no meio de uma floresta no Norte do país. Se a princípio se deixa maravilhar com o reencontro e com a magia de tudo o que o rodeia, não tardará a perceber que se envolveu em algo terrivelmente perigoso. Com assinatura de Gabriel Abrantes, um filme de terror que conta com as actuações de Carloto Cotta (no duplo papel de Edward e Manuel), Brigette Lundy-Paine, Anabela Moreira, Alba Baptista, Rita Blanco e Sónia Balacó.

Variações
RTP2, 00h38
António Joaquim Rodrigues Ribeiro nasceu a 3 de Dezembro de 1944, numa pequena aldeia do concelho de Amares, distrito de Braga. Sendo um dos 12 filhos de um casal de camponeses, fez a escola primária e desde cedo se habituou a ajudar no campo. Com 12 anos partiu para Lisboa, onde trabalhou como aprendiz de balconista e caixeiro. Mais tarde cumpriu serviço militar em Angola e, em 1975, viajou por Londres e Amesterdão, onde se descobriu e aprendeu a profissão de barbeiro. Regressa a Lisboa em 1977, onde durante o dia trabalha como cabeleireiro, e à noite estuda e se dedica à música. Em 1981, participa no programa *O Passeio dos Alegres*, de Júlio Isidro. Em 1982, edita o primeiro *single*. No ano seguinte, grava o LP *Anjo da Guarda*. Um ano depois lança o seu segundo e último álbum, *Dar & Receber*. Variações morreu em Lisboa, a 13 de Junho de 1984, devido a uma broncopneumonia. Tinha 39 anos. Projecto a que o realizador João Maia se dedicou durante mais de 15 anos, este é um filme biográfico que segue os últimos anos de vida de António Variações, um dos mais aclamados e criativos cantautores em língua portuguesa, que abriu caminho e deixou marcas em várias gerações de artistas. Com Sérgio Praia, Victória Guerra, Lúcia Moniz e Filipe Duarte, entre outros.

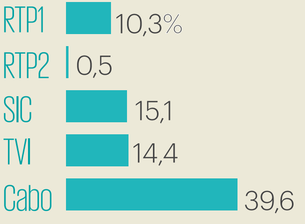
Televisão

Os mais vistos da TV

Quinta-feira, 22

	%	Aud.	Share
Jornal da Noite	SIC	9,3	19,9
Dilema - Especial	TVI	8,8	18,2
A Promessa	SIC	8,4	17,9
Cacau	TVI	7,8	16,7
Jornal Nacional	TVI	7,2	15,7

FONTE: CAEM



RTP1

6.00 Espaço Zig Zag **8.00** Bom Dia Portugal Fim de Semana **9.57** História dos Gatos **10.55** Romaria do Meu Coração **11.28** Vira e Volta **12.05** Aqui Portugal - Os Melhores Momentos **12.59** Jornal da Tarde **14.31** Chefs da Nossa Terra **19.07** O Preço Certo

19.59 Telejornal

21.01 Missão: 100% Português **21.56** Joker **22.56** Em Casa d'Amália

1.19 Flag Day: Dias Perdidos



3.10 Janela Indiscreta

RTP2

5.55 A Fé dos Homens **6.32** Repórter África - 2.ª Edição **7.00** Folha de Sala **7.04** Os Pequenos Habitantes da Costa **7.59** Espaço Zig Zag **14.53** Andebol Masculino: Supertaça Kempa (Final Four) **16.44** Visita Guiada **17.23** Andebol Masculino:Supertaça Kempa (Final Four) **19.10** Mediterrâneo Azul **19.33** O Planeta Vivo **20.01** Simplesmente Nora

21.30 Jornal 2

22.01 Akhnaten



0.29 Folha de Sala **0.38** Variações **2.29** Alma Flamenca **3.40** Folha de Sala **3.47** Grandes Quadros Portugueses **4.14** Super Diva - Ópera Para Todos **5.12** Folha de Sala **5.17** Os Segredos do Big Data

SIC

6.00 Etnias **6.30** Médico da Casa **7.20** Caixa Mágica - Caminhos de Portugal **8.55** Alô Marco Paulo **12.10** Nosso Mundo: Wild City - Singapore **12.59** Primeiro Jornal

14.10 Alta Definição **15.00** E-Especial **15.50** Alô Marco Paulo - Festas do Mar **19.05** Não Há Crise! - As Anedotas do Rocha

19.57 Jornal da Noite

22.05 Terra Nossa - Castanheira de Pêra

1.25 All You Need is Love



2.45 Levanta-te e Ri

TVI

5.52 As Aventuras do Gato das Botas **6.14** Detective Maravilhas **7.00** Diário da Manhã **10.15** Em Família **12.10** Ganha Já **12.58** TVI Jornal **14.00** A Sentença **16.00** Em Família

17.45 Dilema

19.57 Jornal Nacional

21.40 Congela

23.15 Dilema

2.25 GTI Plus

2.40 O Beijo do Escorpião **3.15** Deixa Que Te Leve

TVCINE TOP

17.05 The Flash **19.29** Aliados **21.30** A Semente do Mal **23.05** DogMan (2023) **0.55** Casa do Prazer **2.25** 10 Cloverfield Lane

STAR MOVIES

15.58 Sem Rendição **17.57** Rapto **19.37** Ninja 2 - A Vingança **21.15** Correio de Risco 2 **22.43** Boyka: Undisputed IV **0.19** Renegados **2.01** Bullet (2014) **3.30** D-Tox

HOLLYWOOD

15.39 Taken - A Vingança **17.12** Mortal Kombat (2021) **19.06** Aqueles Que Me Desejam a Morte **20.44** Marcado Para Matar **22.25** Saw VI - Jogos Mortais **23.59** Alien 3 — A Desforra **1.57** Tigerland — O Teste Final **3.42** Lights Out -—Terror na Escuridão

AXN

16.13 Venom (2018) **18.00** Meia-Noite em Switchgrass **19.44** 8MM **21.55** Crime em Hollywood **23.52** Hitman: Agente 47 **1.35** 2:22 - Hora Fatídica

STAR CHANNEL

16.40 Kingsman: O Círculo Dourado **19.13** San Andreas **21.20** The Take **23.05** Crank 2: Alta Voltagem **0.56** Mundo Jurássico **2.54** C.S.I.

DISNEY CHANNEL

17.05 Hamster & Gretel **17.50** A Maldição de Molly McGee **18.35** Monstros: Ao Trabalho! **19.20** Os Green na Cidade Grande **20.05** Miraculous - As Aventuras de Ladybug **20.50** À Procura de Nemo (VP)

DISCOVERY

18.11 Oficina de Richard Hammond **20.03** O Segredo das Coisas **21.00** Caçadores de Pedras Preciosas **22.54** A Febre do Ouro: Águas Bravas

HISTÓRIA

16.40 Alienígenas **23.39** Ficheiros Alienígenas Reabertos

ODISSEIA

16.41 As Montanhas Rochosas **18.28** Maravilhas Nórdicas Desde o Ar **19.18** Histórias Selvagens na Quinta **20.10** Retalhos da Vida na Quinta **21-41** Redescobrir o T-Rex **22.31** A Terra **23.25** Forças da Natureza

ÓPERA

Akhnaten
RTP2, 22h
Estreada em 1984, esta ópera com música e libreto do compositor minimalista americano Philip Glass (com a ajuda de Shalom Goldman, Robert Israel, Richard Riddell e Jerome Robbins) narra em três actos a vida do faraó egípcio Akhenaton. Falada em árabe egípcio com narração em inglês, é a derradeira ópera de uma trilogia sobre figuras importantes que mudaram, através da sua visão, o mundo e a época em que viveram (as outras duas são sobre Einstein e Gandhi). Nesta encenação do britânico Phelim McDermott datada de 2019, o contratenor Anthony Roth Costanzo faz do faraó, enquanto J'Nai Bridges, meio-soprano, é Nefertiti, sua esposa. Há ainda Dísella Lárusdóttir, Aaron Blake, Will Liverman, Richard Bernstein e Zachary James.

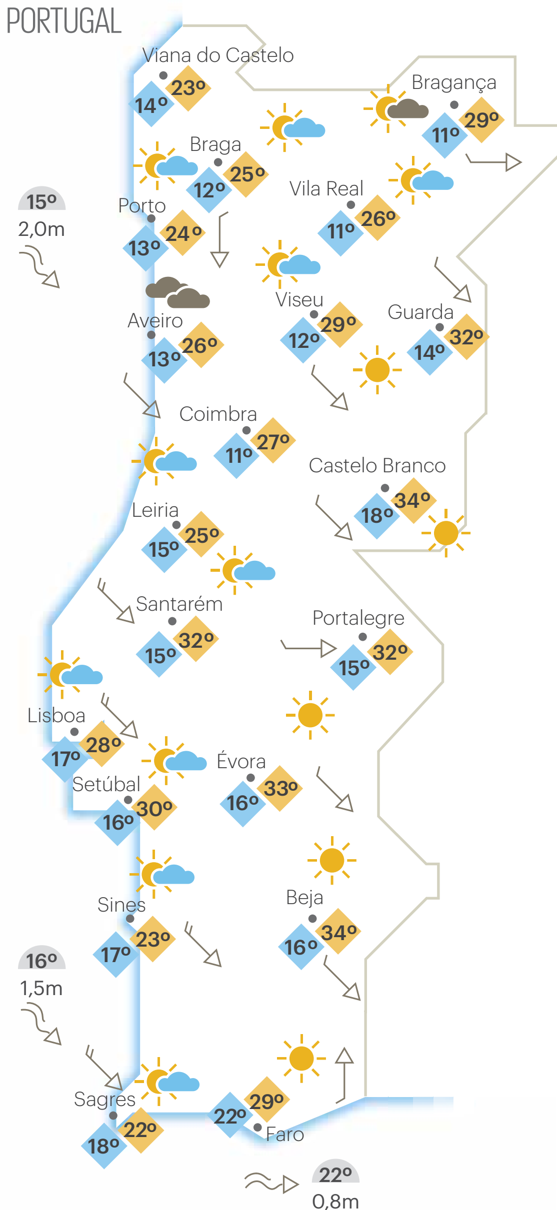
INFANTIL

À Procura de Nemo (VP)
Disney Channel, 11h
"Oscarizado" em 2004, o filme de Andrew Stanton e Lee Unkrich mergulha na história de um jovem peixe-palhaço que é capturado por mergulhadores. O seu pai superprotector, juntamente com uma amiga optimista (mas muito, muito esquecida), vai percorrer o oceano para resgatar o filho, numa aventura com espaço para tubarões vegetarianos, tartarugas surfistas e gaivotas esfomeadas.

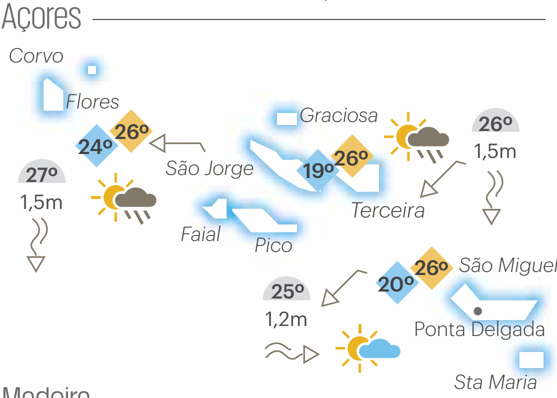
Mosley e a Cidade Secreta (VP)
SIC K, 19h
Mosley é um torifante de quatro patas que leva uma existência de escravatura na quinta de Simon, um ser humano desprezível que apenas se preocupa com o lucro. Depois de um dia de trabalho particularmente esgotante, o filho mostra-lhe algo de extraordinário: uma gruta repleta de pinturas rupestres onde estão desenhadas figuras de torifantes erguidos em duas patas, com costas direitas e mãos. Fascinado, Mosley, que vê o filho crescer sem amarras, acredita que ali estão representados os seus antepassados e inspiram-no a planear a fuga, procurando ajuda fora dali. Contudo, Mosley sabe que, caso seja capturado e de novo trazido para a quinta, nunca mais lhe será dada a oportunidade de escapar. Uma aventura animada escrita e realizada pelo neozelandês Kirby Atkins que, na versão dobrada em Portugal, conta com as vozes de Sónia Araújo e do seu filho, Francisco Araújo Martins.

Meteorologia

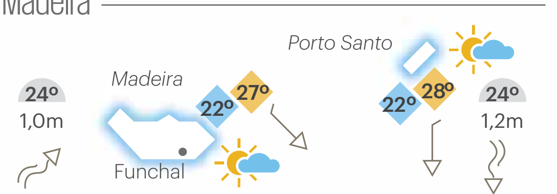
PORTUGAL



Açores



Madeira



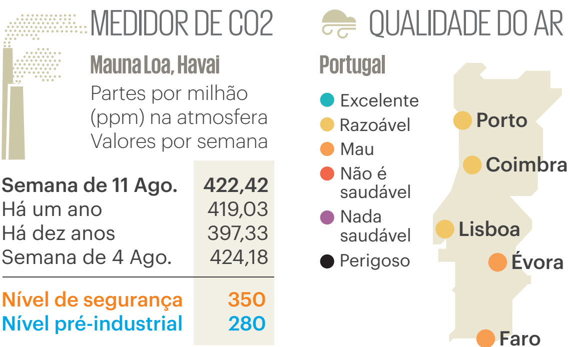
MARÉS

Preia-mar / Baixa-mar *de amanhã

Leixões	m	Cascais	m	Faro	m
Preia-mar 06h51	3,3	Preia-mar 06h28	3,3	Preia-mar 06h33	3,3
Baixa-mar 12h55	0,6	Baixa-mar 12h29	0,8	Baixa-mar 12h18	0,6
Preia-mar 19h16	3,4	Preia-mar 18h51	3,4	Preia-mar 18h57	3,3
Baixa-mar 01h24*	0,7	Baixa-mar 00h59*	0,9	Baixa-mar 00h46*	0,8

PRÓXIMOS DIAS PORTO

Domingo, 25		Segunda-feira, 26		Terça-feira, 27	
13º	27º	14º	28º	14º	23º
Índice UV	M. alto	Índice UV	M. alto	Índice UV	M. alto
Vento	Fraco	Vento	Fraco	Vento	Fraco
Humidade	70%	Humidade	88%	Humidade	92%



MEDIDOR DE CO2

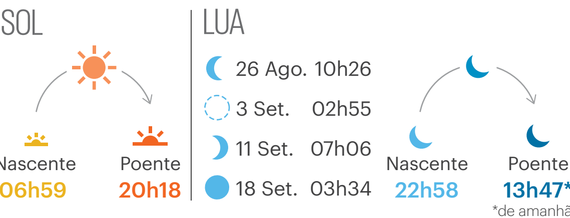
Mauna Loa, Havai

Partes por milhão (ppm) na atmosfera
Valores por semana

Semana de 11 Ago.	422,42
Há um ano	419,03
Há dez anos	397,33
Semana de 4 Ago.	424,18
Nível de segurança	350
Nível pré-industrial	280

QUALIDADE DO AR

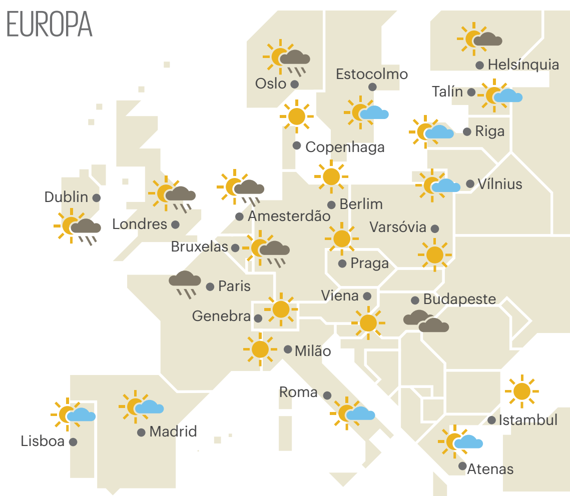
Portugal



SOL

LUA

EUROPA



TEMPERATURAS ºC

	Mín.	Máx.		Mín.	Máx.
Amesterdão	14	25	Roma	19	34
Atenas	26	36	Viena	19	34
Berlim	21	32	Bissau	25	29
Bruxelas	12	28	Buenos Aires	5	13
Bucareste	20	37	Cairo	26	36
Budapeste	18	35	Caracas	20	30
Copenhaga	16	23	Cid. do Cabo	10	16
Dublin	10	17	Cid. do México	12	24
Estocolmo	16	22	Díli	23	32
Frankfurt	17	33	Hong Kong	26	34
Genebra	17	32	Jerusalém	21	30
Istambul	23	32	Los Angeles	16	28
Kiev	17	28	Luanda	19	25
Londres	10	17	Nova Deli	26	33
Madrid	20	35	Nova Iorque	19	28
Milão	21	33	Pequim	24	32
Moscovo	15	24	Praia	26	31
Oslo	12	18	Rio de Janeiro	19	27
Paris	12	28	Riga	14	24
Praga	19	33	Singapura	25	30

Fontes: AccuWeather; Instituto Hidrográfico; QualAR/Agência Portuguesa do Ambiente; NOAA-ESRL

Animais do Verão

Há cães que perdem parte ou mesmo a totalidade da língua depois de terem estado em contacto com a lagarta-do-pinheiro

BEN GRIFFITHS/UNSPLASH



As lagartas-do-pinheiro também gostam do Verão — e podem provocar a morte dos animais

Ao mínimo contacto, sentem comichão, ficam com a pele vermelha e dá-se a morte dos tecidos, que têm de ser amputados para parar a infecção

Ana Isabel Ribeiro

A tonalidade varia entre o verde e o castanho, têm corpo coberto de milhares de pêlos brancos urticantes que funcionam como agulhas e, como o próprio nome indica, encontrámo-las a rastejar pelos troncos dos pinheiros e outras árvores sem folhas próximas de pinhais.

As crianças são avisadas para se manterem afastadas e os adultos também, desde logo porque provocam comichão e urticária ao mais pequeno contacto com a pele. E se as pessoas não lhes devem mexer, os animais muito menos, já que os sintomas são mais severos e podem resultar numa "morte dolorosa e em poucos dias", começa por explicar a médica veterinária Sara Coelho.

Acontece que estas lagartas-do-pinheiro libertam substâncias tóxicas para os vasos sanguíneos, quando em contacto com o corpo do animal, e vão provocar irritações na pele, mesmo que a picada tenha sido numa parte do corpo com mais pêlo. Ao mínimo toque, seja na língua, no focinho, nas orelhas, nas patas ou noutras zonas, os cães e os gatos começam a sentir comichão, segue-se a vermelhidão e, por último, a necrose (ou morte) dos tecidos. Estas três fases pós-contacto acontecem de forma muito rápida.

De acordo com a médica veterinária, os tutores só costumam reparar que o animal tem sintomas quando a morte dos tecidos já está numa fase mais avançada, uma vez que as toxinas libertadas impedem a chegada do sangue à zona do corpo que foi picada.

"O dono costuma reparar quando o animal começa a utilizar as patas como se quisessem tirar alguma coisa da boca ou está sempre a esfregar consecutivamente o focinho no chão. E, quando a pessoa abre a boca do cão ou do gato, já está vermelha e com muito mau aspecto", destaca.

Nestes casos, a única solução é entrar em contacto com um médico veterinário e levar imediatamente o animal a uma clínica ou hospital. Os donos não devem tocar na zona infectada.

Segundo Sara Coelho, a maioria dos casos de animais que tocaram em lagartas-do-pinheiro foram cães. No entanto, também pode acontecer com os felinos.

"Nunca vi nenhum gato que tivesse suspeita de ter estado em contacto com a lagarta-do-pinheiro, porque são animais mais inteligentes e, normalmente, menos curiosos do que os cães. Mas já vi cães morrerem ou perderem quase a totalidade da língua depois de terem estado em contacto. Aos poucos a zona do corpo que tiver estado em contacto com a lagarta vai apodrecer e cair", explica.

No caso dos olhos, os sintomas são semelhantes aos de uma conjuntivite e pode também evoluir para úlceras de córnea. Os lábios começam a ficar inchados, a língua azul, existe ainda o risco de edema (ou seja, inchaço provocado pela acumulação de líquido) na traqueia do animal, vómitos e, em situações mais graves, choque anafiláctico.

No veterinário, os animais são imediatamente hospitalizados e alimentados através de sondas ao mesmo tempo em que são tratados. O tratamento, acrescenta Sara Coelho, "é doloroso" e passa desde logo pela amputação do membro infectado com as toxinas da lagarta.

Em casos mais graves, nomeadamente quando atinge o esófago e outros órgãos internos, pode ser necessário eutanasiar o animal. Mas também há uma boa notícia: há cura, quando a afecção é detectada numa fase inicial.

"Os cães que perdem a ponta ou metade da língua também conseguem fazer uma vida perfeitamente normal", esclarece.

Na dúvida, usar a trela

Os casulos das lagartas-do-pinheiro são fáceis de distinguir por terem uma tonalidade branca ou acastanhada. No Verão, estes animais, que pertencem à família das traças, saem dos ninhos para irem à procura de comida e, normalmente, deslocam-se em fila como as formigas. É por isso que também são conhecidas como "processionárias".

Além dos troncos das árvores, também andam pelo chão e enterram-se no solo até atingirem a fase adulta, o que acontece nos meses mais quentes do ano. Assim sendo, o perigo de ficarem em contacto com os cães ou gatos é ainda maior.

"É preciso que os donos tenham cuidado, quando passeiam com os cães no mato ou em quintas com pinheiros. Se não conhecerem a zona, devem primeiro fazer o reconhecimento do percurso sem o animal para perceberem se há perigo. Se o cão for sem trela, é muito rápido a cheirar, lamber ou tocar na lagarta e ficar com sequelas para a vida; por isso, devem colocar-lhes sempre a trela", reforça a médica veterinária.

Os tutores que repararem que o cão ou o gato esteve em contacto com estas lagartas devem calçar luvas e retirar os pêlos da traça ao animal, impedir que este toque na zona infectada e levá-lo rapidamente ao veterinário para ser tratado.

Questionário Pós-Proustiano

RUI GAUDÊNCIO



Cláudia Vieira

Fico muito nervosa quando vou pisar um palco



Qual a rede social que mais usa? Já desistiu de alguma?
Sem dúvida, o Instagram, que está ligado ao Facebook. Desta segunda fui afastando-me aos poucos, não foi uma questão de desistir, mas liguei-me cada vez mais ao Instagram. Nunca desisti de nenhuma, não tenho muito esse perfil, não consigo perder muito tempo e ter essa preocupação com o que partilhar, pensar muito nisso. Partilho de forma leve.
Já se arrependeu de alguma coisa que escreveu numa rede social?
Às vezes não sou muito participativa, não dá para provocar grandes arrependimentos, escrevo às vezes *copies* que apago ou *posts* por achar que não faz sentido publicar. Gosto de partilhar questões de trabalho, que é uma boa forma de nos promovermos. Também partilho coisas descontraídas, às vezes acho que exagero e que devia ser mais contida ou o oposto.
Tem algum ex-amigo?
Nunca desamiguei ninguém nas redes e ex-amigos na vida também não tenho. Tenho pessoas que em tempos eram amigas e depois houve um distanciamento, percursos diferentes, deixarmo-nos de identificar, a distância física que naturalmente provocou distanciamento na amizade e por isso deixam de fazer parte do círculo de amigos.

A actriz e apresentadora gostava de ter tido filhos de idades mais próximas

Qual foi o melhor conselho que lhe deram na vida?
O melhor conselho é este: não desesperarmos, não ficarmos excessivamente ansiosos e tristes e a dramatizar muito quando temos um problema porque das duas, uma: o problema ou tem solução e é caminhar na direcção da solução para o resolver e fica resolvido, ou não tem solução e é um problema que existe e temos de viver com ele. Esse conselho que me deu um grande amigo meu, o David, eu devia ter uns 16 anos, nunca mais o esqueci e ponho-o muito em prática. Outro é da minha avó, que é para eu não pôr a mochila demasiado pesada, não querer mudar o mundo e deixar de alguma forma que cada um se responsabilize pelos seus actos.
Em que situação se considera uma pessoa chata?
Quando tento chamar a atenção ou dar "um abre-olhos" a uma filha que é adolescente, ela faz-me sentir chata, por mais que eu sinta que é a minha obrigação fazê-lo. É o nosso papel enquanto educadores.
Tem um vício que não gostaria de ter?
Às vezes procrastino, é uma característica, a que não sei se posso chamar vício. Vou deixando arrastar e esse arrastar chateia-me.
E tem algum vício que se orgulhe de ter?
Por exemplo, gosto de sumos, mas é obrigatório um copo de água antes, para matar a sede. Só depois é que bebo um refrigerante ou sumo. A água tem de estar sempre presente, e esse vício é bom.
Nome de três portugueses que admire, mas não vale a mãe nem o pai...
A minha avó, Ludovina Casquilho da Silva. Em segundo, a colega e amiga Margarida Vila-Nova e a minha agente, Vanessa Carmo.
Já teve algum ataque de ansiedade?
Sou descontraída, mas fico muito nervosa quando tenho de pisar um palco, quando tenho de fazer uma apresentação, quando tenho de falar em público ali nos primeiros momentos. A última vez que me senti mais nervosa foi no dia de estreia da Margarida, que é o *À Primeira Vista*, mas também não foi um ataque de ansiedade.
Já se sentiu profundamente exausta? Foi *burn-out*?
Já me senti muitas vezes exausta, como em dias de filmagem, em que eu estou a trabalhar muitas horas, desde manhã até à noite. Uma das últimas vezes foi quando gravei o *Parece Impossível*, porque cheguei supercedo e saí muito tarde. As provas tinham uma exigência física enorme. A altura em que mais andava exausta era nas gravações do *Ídolos* porque tínhamos longos dias de *castings*. Às vezes, nas pausas, dormíamos a sesta e voltávamos para a multidão.
Qual é o seu conselho para uma relação amorosa feliz?
Cumplicidade, respeito, interesses em comum, divertirem-se, saberem dar boas gargalhadas, terem momentos de diversão. Acima de tudo, acho que é alimentar o lado de amantes, de amigos.
É vegetariana? Tem alguma dieta?
Não sou e não faço dietas, mas tenho hábitos saudáveis. Cresci numa quinta e tinha acesso a tudo o que era vegetais. Adorava preparar saladas, aliás tempero as melhores saladas, modéstia à parte. Sempre comi sopa e, quando como mal, no dia a seguir tento ter algum cuidado na alimentação, mas não lhe chamo dieta.
Qual foi o último filme que viu/gostou de ver?
O filme que vi foi o do César Mourão *Podia Ter Esperado Por Agosto*.
Tem algum arrependimento de alguma coisa que não tenha feito?
Arrependo-me muito de coisas que não fiz, de deixar passar o tempo. Arrependo-me de não ter aprendido a fazer surf, de não ter aprendido a tocar guitarra, de não ter tido dois filhos juntos, ou seja, tenho duas filhas e elas têm-se uma à outra, mas a distância é tanta que são quase duas filhas únicas, só que na verdade têm um grande amor de irmãs, mas gostava de ter tido dois filhos com um intervalo de dois/três anos. Arrependo-me momentaneamente de acções em que pensei "Porque é que disse aquilo?" ou "Que parvoíce! Porque é que fui ali?" ou "Porque é que optei por aceitar este trabalho?".

Público

Iniciativas



Agenda

Quarta-feira, 28

Colecção *Tanguy e Laverdure*
Volume 1: *Escola de Pilotos*

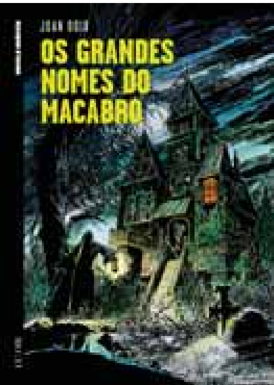
Esta nova colecção do PÚBLICO, em parceria com a ASA, remete-nos para uma série icónica de banda desenhada franco-belga, sendo um verdadeiro tesouro. Acompanhe Michel Tanguy e Ernest Laverdure nas suas emocionantes aventuras pelos céus, repletas de acção. Desde os treinos exigentes até às missões de elite, cada álbum oferece uma experiência única e inesquecível. Redescubra este clássico que cativou gerações e mergulhe nas novas histórias inéditas que continuam a tradição. Todas as quartas-feiras, com o seu PÚBLICO.



Sexta-feira, 30

Colecção *Novela Gráfica*, série VIII
Volume 5: *Os Grandes Nomes do Macabro*

O PÚBLICO e a Levoir apresentam a 8.ª série da colecção *Novela Gráfica*. Nesta edição pode encontrar adaptações literárias, obras com base histórica, biografias e muito mais. Grandes autores e ilustradores numa selecção de grandes obras. Acompanhe a edição quinzenal, às sextas-feiras.



Joan Boix recupera para a BD os mestres do terror literário

Novela gráfica

Colecção *Novela Gráfica VIII*
Volume 5: *Os Grandes Nomes do Macabro*
Argumento: Joan Boix e vários autores
Desenhos: Joan Boix
Sexta-feira, 30 de Agosto
Por + 13,90€

Numa oitava série em que as adaptações literárias têm tido um grande peso, este quinto volume, que chega às bancas em finais de Agosto, não foge à regra. Como o próprio título dá a entender, *Os Grandes Nomes do Macabro* reúne num único volume antológico a nata da literatura fantástica, com diversas adaptações de contos de terror de H. P. Lovecraft, Franz Kafka, Edgar Allan Poe, Victor Hugo, Conan Doyle, Gustavo Adolfo Bécquer, Hudson Irish, Fitz-James O'Brien e Robert Bloch, em histórias que não ultrapassam uma dezena de páginas.

Mas esta rara concentração de talento literário ao serviço do terror e do fantástico no mesmo livro não é o único, nem sequer o principal, motivo de interesse desta edição, que dá a descobrir (ou redescobrir) aos leitores portugueses o trabalho de um grande desenhador espanhol, Joan Boix, cuja vasta produção no campo do terror, espalhada por diversas revistas espanholas ao longo das décadas de 70 e 80 do século XX, surge aqui recolhida e devidamente organizada e enquadrada.

Boix foi um digno representante de uma geração de autores espanhóis extraordinariamente produtivos, cujo nome ultrapassou fronteiras, trabalhando em géneros bem codificados como o terror, histórias de guerra, *westerns* ou histórias românticas. Construiu uma sólida carreira trabalhando para diversas editoras espanholas, mas também estrangeiras, através das agências como a Selecciones Ilustradas, que proporcionou projecção internacional a autores como José Ortiz, Pepe Gonzalez, Esteban Maroto, Manfred Sommer, Enrich, Carlos Giménez e Sanjulián, entre outros, cujo trabalho para as revistas de terror da editora Warren conquistou (e influenciou) milhares de leitores.



Tendo-se estreado na BD em 1961, com apenas 16 anos, na revista *Sissi* das edições Bruguera, Boix abordou os mais diversos géneros para diferentes editoras e países, ao longo de mais de seis décadas. Uma longa carreira de um autor que se mantém ainda hoje em actividade, a desenhar histórias do *Fantasma* (o popular herói mascarado criado por Lee Falk, em 1936, antecipando a moda dos super-heróis) para os mercados nórdicos, depois de já ter desenhado outro ícone da BD espanhola, o *Capitan Trueno*, popular série espanhola criada por Victor Mora e Ambrós, em 1956.



Apesar do título, as 20 histórias que este livro recolhe não se limitam às adaptações literárias, pois mais de metade das histórias são criações originais, escritas e desenhadas por Boix. Mesmo as adaptações têm um grau de fidelidade ao texto original bastante variável, com o próprio autor a reconhecer que, com a excepção de *O Caso do Senhor Valdemar*, de Poe – também adaptado por Carlos Giménez –, os textos literários originais serviram apenas de base ou de inspiração para as histórias que fez. Veja-se, por exemplo, *O Insecto*, a deliciosa versão de Boix do clássico *A Metamorfose*, de Franz Kafka, que reduz a narrativa ao essencial, muda o nome das personagens e altera radicalmente o final, dando um toque de humor (negro, evidentemente) ao pesadelo imaginado por Kafka.

Outro aspecto extremamente interessante deste livro – que não é exclusivamente de terror, pois histórias como *O Estúpido Humano*, *A Última Espécie* ou *O Mal* aproximam-se mais da ficção científica e do universo fantástico de Moebius, influência também presente em *A Cativa de Zork*, uma história de lobisomens ilustrada num registo moebiusiano – é a versatilidade gráfica demonstrada por Boix dentro do registo a preto e branco, com histórias em que predominam as *achuras* e o traço extremamente detalhado, ao serviço de uma planificação mais tradicional. É o caso de *A Maldição do Amuleto* – a história que abre o livro, mas que, curiosamente, foi a última a ser realizada – por oposição a outras histórias graficamente mais experimentais, onde domina o preto e branco de alto contraste e as imagens em negativo. São os casos de *O Insecto*, *O Solteirão* e *A Fobia* ou o ainda mais experimental *Requiem para Uma Figura*, história que, pela forma como joga com o preto e branco e com a repetição das imagens, me trouxe à memória a extraordinária adaptação que Alberto Breccia fez do conto *O Coração Delator*, de Edgar Allan Poe.

Em suma, pela qualidade e diversidade do seu trabalho, não fica nada difícil incluir o próprio Joan Boix nos grandes nomes do macabro que este livro homenageia. **João Miguel Lameiras**



Os Cavaleiros do Céu (Tanguy e Laverdure) estão de regresso aos céus de Portugal

Banda desenhada

Colecção *Tanguy e Laverdure*
Volume 1: *Escola de Pilotos*, de Jean-Michel Charlier e Albert Uderzo
Quarta-feira, 28 de Agosto
Por + 11,90 €





Acabados de sair da academia de pilotos aviadores, os tenentes Michel Tanguy e Ernest Laverdure são enviados para a famosa escola de Mèknes, em Marrocos, para aprofundarem as suas capacidades operacionais. Após alguma confusão e mal-entendidos iniciais, passam a ser treinados pelo tenente Darnier, um militar da velha guarda conhecido pelo seu mau feitio. Este submete-os a um teste de pilotagem – Laverdure é vigorosamente "apertado" e Tanguy passa pelos mesmos apuros depois de uma situação delicada envolvendo a aterragem abrupta de outro avião, pilotado pelo tenente Saint-Hélier – do qual se saem muito bem. Os dois amigos são imediatamente aceites pelos seus camaradas de equipa, mas a atitude arrogante de Saint-Hélier tem como consequência expô-lo à acção do instrutor, que faz tudo para levar o jovem piloto a desistir da formação. A grande oportunidade nesse sentido surge por ocasião do lançamento de uma ogiva experimental de longo alcance, que é alvo de uma tentativa de desvio por parte de uma misteriosa organização... Em poucas palavras, são estes os passos iniciais da primeira aventura da colecção *Tanguy e Laverdure*, a nova parceria no âmbito da banda desenhada entre o PÚBLICO e as Edições ASA. Com textos de Jean-Michel Charlier e desenhos de Albert Uderzo, o álbum *Escola de Pilotos* será distribuído com o jornal na próxima quarta-feira.

Tanguy e Laverdure são dois heróis clássicos tipicamente franceses. Os seus autores são dois "monstros sagrados" da BD franco-belga, cujas qualidades e capacidades estão já bem evidentes nesta primeira aventura. Quer o leitor já esteja familiarizado com a série ou, pelo contrário, estabeleça pela primeira vez contacto com este universo, a constatação só poderá ser uma: estamos perante um grande clássico, com uma riqueza narrativa e uma fluidez dificilmente superadas pelas criações suas contemporâneas.

Jean-Michel Charlier é sinónimo de aventura em estado puro, sempre inspirada e solidamente documentada. Pode não haver grande originalidade na fórmula – o tema da aviação militar já era desenvolvido pelo mesmo argumentista na série *Buck Danny*, publicada na época da aparição de *Tanguy* e *Laverdure* na revista *Spirou* – nem no enredo deste primeiro episódio – a luta de morte entre a institucional Força Aérea francesa e uma obscura organização secreta que tenta apoderar-se de segredos militares ultra-secretos. Mas a trama bem estruturada, as referências ao mundo da aviação e à actualidade da época, e também o inegável sentido de humor que atravessa a história, tudo se conjuga para prender o leitor desde as primeiras pranchas. O desenho realista de Uderzo (atente-se à qualidade dos cenários e à brilhante reprodução das aeronaves, por exemplo), aqui muito longe do registo cómico que o imortalizaria (falamos, obviamente, da série *Astérix*) é igualmente um poderoso e decisivo contributo para o sucesso que a série obteria de imediato.





Preparada no âmbito da parceria entre o PÚBLICO e as Edições ASA, a presente colecção inclui os primeiros oito álbuns, devidamente restaurados, respeitando a sequência cronológica original de publicação. Há muito tempo fora do mercado português, as emocionantes e movimentadas aventuras de *Tanguy e Laverdure* são assim resgatadas ao esquecimento, para satisfação dos seus inúmeros admiradores portugueses.

Charlier é um apaixonado pela aviação, tendo mesmo trabalhado como piloto profissional para a transportadora aérea belga Sabena, no início dos anos 1950. Para o lançamento da revista *Pilote*, em 1959, cria e desenvolve *Tanguy e Laverdure*.

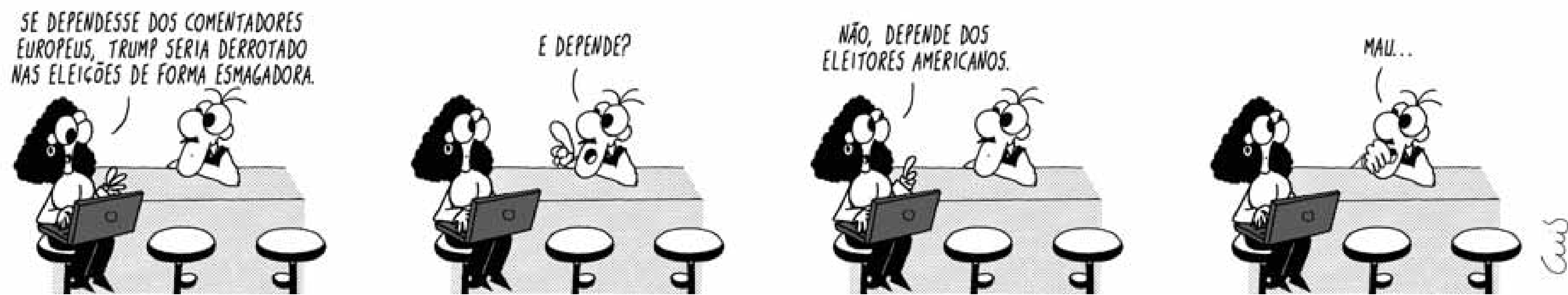
Os heróis são dois pilotos aviadores e amigos. No entanto, não podiam ser temperamentalmente mais diferenciados, mas complementares: o primeiro é um personagem corajoso, sóbrio e reflectido, enquanto o segundo é muito espalhafatoso, fanfarrão e divertido (sem deixar de ser, obviamente, um co-piloto muito seguro e confiável).

Ao contrário de *Buck Danny*, a série *Tanguy* e *Laverdure* move-se sobretudo no espaço geopolítico europeu, no quadro da Guerra Fria e da rivalidade entre as duas superpotências mundiais do século XX, da realidade pós-colonial e dos novos relacionamentos que a França estabelece com os povos africanos que acederam à independência.

Profundamente conhecedor do meio aeronáutico, Jean-Michel Charlier documenta-se solidamente para a construção de cada uma das aventuras. Além disso, sabe, como poucos, tirar também partido da idiossincrasia dos dois protagonistas. Combinando habilmente estes dois elementos, constrói ao longo do tempo uma série de recorte clássico muito popular e bem-sucedida. Em todos os álbuns desta colecção, Charlier conta com o talento de Uderzo, que só abandonará *Tanguy e Laverdure* em 1966 para se dedicar por inteiro a *Astérix*. O argumentista continuará a dar vida à série (com os desenhadores Jijé, Patrice Serres e Alexandre Coutelis) até à sua morte, em 1989.

Carlos Pessoa

BARTOON LUÍS AFONSO



Vamos ajudar Hugo Soares a escolher entre Kamala e Trump?

O respeitinho não é bonito



João Miguel Tavares

Hugo Soares concedeu uma entrevista ao *Expresso* "à luz do sol de Moledo, no Alto Minho, onde o dirigente do PSD passa férias". Sempre que a conversa se manteve na conjuntura portuguesa, as respostas saíram devidamente lubrificadas. Mas a certa altura o *Expresso* resolveu perguntar-lhe sobre as eleições americanas e qual o candidato da sua preferência. Hugo Soares encalhou, e disse que "teria muitas dificuldades" em escolher. Por um lado, tem "discordâncias profundíssimas com a forma de estar e de fazer política de Donald Trump" (quem não?); por outro, o tempo de vice-presidência de Kamala Harris não deu para "conhecer profundamente o seu pensamento".

Esta resposta, que não é carne nem peixe, interessa-me bastante, porque Hugo não é apenas o líder


NUNO FERREIRA SANTOS

parlamentar do PSD. Hugo Soares e Luís Montenegro compõem um duo como não existia na política portuguesa desde Mário Soares e Salgado Zenha (antes de se terem zangado, claro). São uma dupla genuína; dois machos alfa em papéis distintos, não como Batman e Robin ou como Mascarilha e o índio Tonto – em que apenas um deles é o verdadeiro herói e o outro se remete ao papel de ajudante ou de alívio cómico –, mas como Lennon e McCartney ou, vá lá, Chitãozinho & Xororó. É um duo que está junto desde tempos imemoriais

> **Hugo Soares não se representa apenas a si próprio – ele faz coro com Montenegro, e o mais que dele se distancia é uma terça maior**

e se mantém afinadíssimo ao nível da segunda voz.

Quero eu com isto dizer que Hugo Soares não se representa apenas a si próprio – ele faz coro com Montenegro, e o mais que dele se distancia é um intervalo de terça maior, como na música sertaneja, para a harmonia ficar mais bonita. Ter "muitas dificuldades" em escolher entre Trump e Kamala, embora seja um evidente pontapé para o pinhal por parte de quem não pensou suficientemente sobre a resposta mais eficaz e eleitoralmente compensadora, é também uma hesitação cheia de significado.

Vamos partir do princípio de que é impossível alguém ter um mínimo de interesse por política e não ter qualquer posição sobre as presidenciais americanas. Vamos acreditar que Hugo Soares tem com certeza uma opinião mais precisa do que aquela que partilhou com o *Expresso* – simplesmente, não a quis divulgar. Essa opção é importante porque demonstra bem aquilo que tem sido a maldição da política nacional desde 2015: temos sido liderados por pessoas – Costa, Montenegro, o próprio Marcelo – que ambicionam ser os donos da bola, mas não estão interessados em rematar à baliza. Em futebol, chama-se a estes jogadores "brinca na areia". Em política, chama-se "habilidoso", nos melhores dias, ou "oportunista", quando as coisas começam a correr mal. Metem-se em tudo sem realmente se comprometerem com nada.

E a resposta de Hugo Soares seria tão fácil. Kamala Harris é acusada pela direita americana de duas coisas: 1) ser muito à esquerda nas medidas económicas que propõe, apostando num Estado mais interventivo (daí Trump chamar-lhe "comunista"); 2) ser muito à esquerda nas questões *woke*, promovendo políticas de identidade que ofendem o eleitorado mais conservador. Ora, nos últimos dias, a que é que assistimos do lado do PSD? 1) Uma festa do Pontal onde o velho parceiro de Hugo Soares distribuiu passes de comboio, faculdades de Medicina e 400 milhões por pensionistas apenas porque sim; 2) uma defesa convicta da expressão "pessoas que menstruam" por parte de uma ministra do actual Governo. Chamar a isto comunismo é um bocado exagerado – mas socialismo é certamente. Não se percebe a hesitação de Hugo Soares. O PSD já escolheu.

Colunista

jmtavares@outlook.com